

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**JOVENS MULHERES ESTUDANTES E A CULTURA CORPORAL:
MECANISMOS DE DISTINÇÃO DO CORPO NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS
DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA**

**Tangriane Montenegro
Orientadora: Profa. Dra. Maria Tereza Canesin Guimarães**

**Goiânia
2005**

TANGRIANE MONTENEGRO

**JOVENS MULHERES ESTUDANTES E A CULTURA CORPORAL:
MECANISMOS DE DISTINÇÃO DO CORPO NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS
DAS ACADEMIA DE GINÁSTICA**

**Trabalho apresentado para qualificação,
como requisito parcial de conclusão do
Curso de Mestrado em Educação, da
Universidade Católica de Goiás.**

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Tereza
Canesin Guimarães.**

Goiânia

2005

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	03
CAPÍTULO I – Juventude e cultura corporal	12
1.1 Juventude ou juventudes?	12
1.1.1 Jovens, os modelos culturais e as diversas interpretações	15
1.1.2 Jovens e a sociedade das mercadorias	18
1.2 Cultura corporal e história	24
1.2.1 Cultura corporal na contemporaneidade: do corpo-máquina ao corpo-consumo	29
1.2.2 Cultura corporal e a juvenilização	34
CAPÍTULO II – Educação e corporeidade: os diversos espaços educativos do corpo feminino	40
2.1 Educação e cultura dos corpos	40
2.1.1 As academias como agências educativas de corpos	46
2.2 A mulher e o corpo na história	54
2.2.1 Corpolatria e gênero nas representações de corpo na academia	60
CAPÍTULO III – Jovens mulheres e a manutenção do corpo nas academias: da saúde à estética	66
3.1 “Pode-se olhar que quando uma pessoa tem uma estética legal, com certeza a alimentação e a saúde estão saudáveis”(Lara)	66
3.2 “Nenhum paciente vai querer tratar com uma gordinha!!! (Amanda)	73
3.3 “Eu deveria falar saúde, mas é mentira (...) [o corpo] é o cartão de visitas da pessoa, por mais que a pessoa seja gente boa, inteligente, se ela não tiver um bom corpo, a aparência, não fica legal” (Aline)	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o propósito de abordar como jovens mulheres estudantes que participam dos espaços das academias de ginástica vivem a condição juvenil, representam a cultura corporal e o modo de *ser jovem* nas sociedades contemporâneas. A temática assume relevância, sobretudo, por dois motivos. Primeiramente por possibilitar o entendimento da rede de relações sociais estabelecidas pelos jovens em espaços distintos dos tradicionais, como a família e a escola, à medida que examina a academia de ginástica como *locus* de formação do ser jovem. Em segundo lugar, pela própria importância da temática juventude que, no conjunto dos fenômenos sociais do Brasil, da América Latina, vem adquirindo visibilidade, desde os meados da década de 1990, no espaço acadêmico, nas agendas governamentais e nos meios de comunicação em geral.

O objetivo deste estudo consiste em investigar jovens estudantes universitárias que freqüentam academias, portanto, situadas em espaços de educação não-formal, examinando de que maneira o corpo funciona como forma de distinção social na sociedade contemporânea. A pesquisa tem como referência, sobretudo, os conceitos de Bourdieu (1987, 2000). Segundo este autor, a lógica da distinção social tem suas origens na luta permanente que se trava entre os agentes sociais, as classes e as frações de classe pelo monopólio dos bens materiais e simbólicos que são raros. Os portadores de bens raros constroem traços de distinção social em relação aos outros agentes, que permeiam os diferentes espaços sociais: modos de consumo dos bens materiais, práticas culturais, linguagens, postura corporal, etc.

Na atualidade, as diferenças que a burguesia e a pequena burguesia procuram imprimir para manter as suas diferenças em relação às outras camadas sociais no âmbito da estética, não se limitam apenas à exterioridade das roupas e acessórios (sapatos, bolsas), estabelecidos pela moda. Há também a necessidade de um produto – uma camada de músculos que aparece como uma segunda pele para o indivíduo: ele pode até estar desnudado de roupas, porém precisa estar vestido de músculos (Malysse, 2002). O ideal de corpo e a moda

estão em perfeita simbiose, ou seja, as roupas seguem um padrão de acordo com o corpo da contemporaneidade: saias curtas, tecidos finos para melhor delinear seus contornos, calças de cintura baixa, para mostrar o abdômen sem gordura. De acordo com Goldenberg (2002), a beleza corporal torna-se uma forma de distinção social, uma vez que quanto mais o indivíduo dispõe de capital econômico, mais tem condições de aproximar-se do que é pré-estabelecido socialmente: os cabelos são alisados com a *escovinha japonesa definitiva*, as cores dos olhos são alteradas mediante o uso de lentes de contato (verdes ou azuis – cores da raça branca); para o tom de pele bronzeado (muito valorizado no Brasil), usa-se, por exemplo, o bronzeamento artificial, sem contar que tudo que desagrada no corpo, se a musculação e dieta prescrita na academia não resolverem, ainda pode-se recorrer ao uso dos *cosmecêuticos* (farmcêuticos/cosméticos) e plásticas (*peelings*, rinoplastias, usos de silicone, etc). É perceptível que a eugenia ainda está presente em muitas facetas desse processo de embelezamento, pois a maioria dos padrões indicativos de beleza tem relação com a raça branca européia.

O eugenismo surgiu no século XIX, na Europa, por meio de teorias evolucionistas cientificamente respeitadas, que valorizavam a supremacia da raça branca sobre o mundo – sobretudo os povos da Europa Ocidental. A elite burguesa brasileira sofreu influência desse tipo de racismo. Para Da Matta (1990), o termo *raça* aqui no Brasil não é tão *explícito* como nos Estados Unidos da América (EUA). O racismo no Brasil é muito mais dissimulado, uma vez que no período da escravidão a convivência entre o senhor da senzala e o escravo se realizava de maneira muito íntima e aparentemente amena. Entretanto, essa característica demonstra uma sociedade extremamente hierarquizada, dominada pelo formalismo jurídico – legado dos colonizadores portugueses. Da Matta (1990) denomina de *A fábula das três raças* ou “racismo à brasileira, uma ideologia que permite conciliar uma série de impulsos contraditórios da nossa sociedade sem que se crie um plano para sua transformação profunda” (p. 68). O uso das mediações, a exemplo do *mulato*, serve como válvula de escape na forma de um sincretismo, diluindo os conflitos e os confrontos. O autor continua:

O ponto crítico de todo nosso sistema é a sua profunda desigualdade. Ninguém é igual entre si ou perante a lei; nem senhores (diferenciados pelo sangue, nome, dinheiro, títulos, propriedades, educação, relações pessoais possíveis de manipulação, etc.), nem os escravos, criados ou subalternos, igualmente diferenciados entre si por meio de vários critérios. (p.75)

Da Matta (1990) esclarece que, nos EUA, não existem gradações de raça, o que ele admite como um racismo individualista e igualitário, tendo uma forma de aplicação axiomática:

uma vez que se tenha sangue negro (e isso é determinado culturalmente) não se pode jamais mudar de posição. Pode-se ser tratado idealmente como um igual perante a lei, mas não se pode mudar jamais de posição. (p. 78)

Nos EUA, com a abolição, houve a discriminação violenta dos negros, levando à segregação, que tomou posteriormente “de forma clara e inequívoca de *segregação legal, fundada em leis*” (p. 78, grifos do autor). Já no Brasil, a raça não é o elemento exclusivo da classificação social da pessoa, e outros critérios que não são definidos culturalmente têm grande influência, como o dinheiro ou poder político.

Nos ditames da moda corporal brasileira, percebe-se nas entrelinhas, que cor, raça e até mesmo sexo devem ser padronizados e têm que estar de acordo com o padrão de corpo exigido socialmente, confirmando o que Norbert Elias (*apud* Goldenberg, 2002) previa em relação a uma normatização social controlada.

Constata-se que, nas últimas décadas, tem aumentado significativamente o número de academias de ginástica (Novaes, 1998), e também uma maior quantidade de jovens mulheres com menos de trinta anos de idade (Baptista, 2001) frequenta esses locais em busca de uma melhor aparência física e *de estar de bem consigo mesmas*. Com base nessa constatação, interessa examinar: como na contemporaneidade jovens mulheres estudantes, pertencentes aos segmentos médios da estratificação social tem valorizado o corpo como traço de distinção social. Vivenciando uma específica condição juvenil, quais sentidos atribuem à relação corpo e *ser jovem*? As academias são espaços em que as jovens mulheres constroem suas identificações ?

Delimitações conceituais e instrumentos metodológicos

As sociedades têm construído diversas concepções e imagens sobre o que significa ser jovem. A história da sociedade brasileira revela que, da metade do século XX até a atualidade, a temática juventude tem tido um tratamento diferenciado. Os estudos, sobretudo, referenciados nos anos 1960 e 1970, quando os jovens ganharam grande visibilidade no cenário nacional, considerava-os como agentes sociais que desenvolvem ações transformadoras da política, à medida que eles se organizavam em movimentos estudantis para alterar a ordem vigente. Nas décadas seguintes, crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco começaram a aparecer no cenário público, como vítimas e atores de diversos desvios sociais, portanto, de problemas sociais, criando, de um lado, uma *onda de pânico* no meio da população, e de outro, a mobilização de segmentos sociais que se articularam para protegê-los em seus direitos o que resultou a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Abramo, 2005). Somente nos últimos dez anos é que a juventude aparece como temática nos meios acadêmicos, nas pautas governamentais, nos noticiários. Inúmeras concepções e estereótipos surgem para qualificar os jovens. Eles são vistos como hedonistas, individualistas, descompromissados politicamente, envolvidos em vários tipos de ações coletivas, estas, em geral, ligadas a atos de vandalismo e de desvio social.

No âmbito de pesquisas sobre juventude na área da educação, Sposito (1997) mostra que há uma variação de campos temáticos. A autora faz um levantamento que apresenta um quadro preliminar das investigações, das dissertações e teses realizadas no período de 1980 a 1995, afirmando que a variação das temáticas se situa nos processos de escolarização em todos os níveis (44,8%), nos aspectos psicossociais (21,7%), na relação trabalho e educação (17,3%), no movimento estudantil e participação política (4,9%), nos projetos de atendimentos (4,1%), nos meios de comunicação (2,4%), nos grupos juvenis (2%), na violência (0,8%) etc. Essa dispersão revela a fragmentação dos temas em uma multiplicidade de subtemas e assuntos, uma pulverização de campos temáticos e a descontinuidade no trato das temáticas. A autora conclui que os referidos estudos, na tentativa de compreenderem a escola, enfatizaram

aspectos voltados apenas ao pedagógico, sobretudo ao processo de aprendizagem, efetuando investigações sobre os alunos, sem apreender a condição juvenil ou os jovens, para os quais se destina o processo educativo.

Assim, a temática da juventude tem sido pouco explorada nos estudos da área educacional, focaliza o jovem apenas em sua condição de aluno e não investiga novas formas de sociabilidade juvenil. Ainda, em pesquisas recentes, pode-se observar a presença do enfoque do jovem como *problema social*, não levando em consideração como é ser jovem, capaz de manter uma relação dialógica, crítica e socialmente capaz de provocar transformações (Abramo, 1997).

Estas observações sinalizam a necessidade de ampliação de estudos que analisem como os diversos agrupamentos de jovens constroem suas identificações atuando na esfera do comportamento e da cultura, em vez de abordagens que difundem a manutenção de uma desqualificação generalizada da atuação pública dos jovens e um certo temor relativo à sua inserção nos processos de construção e consolidação da democracia (Abramo, 1997).

A juventude é considerada uma categoria historicamente determinada e um fenômeno da modernidade, e suas transformações ocorrem em um período crítico de transição do desenvolvimento humano, acompanhando sobretudo de grandes dificuldades de adaptação e integração (Canesin, 2002). Para Sposito (1997), a própria definição da categoria juventude contém dimensões variadas que necessitam ser investigadas, uma vez que os critérios que a constituem como sujeito têm determinantes históricos e sociais. Martins (2000) entende que definir a juventude se torna um trabalho complexo, pois deve ser considerada a relevância de sua diversidade social, econômica e cultural. Esses autores afirmam, também, que não é possível estabelecer generalizações e afirmar que existe apenas uma única forma de juventude. Há uma heterogeneidade de agrupamentos juvenis relacionados às diferenças de classes sociais, de gênero, etnia, e outros, que vivenciam processos de desenvolvimento de suas identificações, também diferentes, em razão da forma como cada sociedade cria e reproduz diferentes significados e atribuições para suas gerações.

A apreensão do universo sócio-cultural em que os jovens estão inseridos e em movimento permite escolhas em relação a determinadas categorias

conceituais e procedimentos metodológicos. Nesse sentido, fazem-se pertinentes os estudos de Bourdieu (1987, 2000) para a abordagem do problema que será enfocado. Este autor estrutura seu método na teoria denominada conhecimento praxiológico, que enfatiza “a idéia de que os agentes têm apreensão ativa do mundo, constroem visões de mundo que contribuem de forma operante para a sua (re)construção segundo determinadas posições ou sob coações estruturais”. (Canesin, 2002, p. 297).

Bourdieu (1987) trabalha a noção de campo, incluindo o campo simbólico, que constitui uma referência metodológica que pretende orientar o modo de construção de objeto no processo de organização da pesquisa. O autor aponta que o uso do método, exige conceber o mundo social de forma relacional. Como instrumento de pesquisa, a noção de campo tem o propósito de ser aplicado a diversos âmbitos do espaço social, “incluindo-se a alta costura, a literatura, a filosofia, a política, a educação escolar, a vida intelectual, visando apreender as propriedades específicas e as invariantes dos diferentes universos” (Canesin, 2002, p. 297). Nos campos, há disputas, conflitos entre os agentes que lutam por espaços hierarquizados, procurando marcar sua posição no interior do referido campo, como forma de detenção de determinados capitais simbólicos acumulados (econômicos, culturais, sociais). Os indivíduos mantêm-se em transitoriedade e movimento no interior do campo, conforme adquirem esses bens que lhes dão autoridade, legitimidade e prestígio. A aquisição desses bens supõe uma acumulação de poder em diversas dimensões da vida social, baseado na forma de distinções e na raridade do bem (Bonnewitz, 2003; Canesin, 2002).

Os jovens como categoria social transitam por diversos campos, estabelecendo interlocução no interior dos diversos grupos com os quais se relacionam. No interior dos campos, travam suas lutas diárias, conscientes ou não da necessidade de manter sua posição ou de melhorá-la, evocadas pelo sistema capitalista que, com sua expropriação, contradição e mutabilidade, torna a trajetória dos jovens cada vez mais transitória e imprecisa.

Itinerário da pesquisa

O estudo realizado inclui: a) uma incursão orientada pela literatura especializada que trata da juventude e do sentido do corpo, em especial, nas sociedades contemporâneas; b) uma pesquisa qualitativa com jovens, mulheres universitárias que freqüentam academias de ginástica. A escolha desse tipo de pesquisa ocorreu em função dos propósitos do presente trabalho. Segundo Bogdan e Biklen (1994),

o objetivo dos investigadores qualitativos é o de melhor compreender o comportamento e experiências humanos. Tentam compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem estes mesmos significados. (p. 70)

Os critérios para a escolha das jovens foram estabelecidos em consonância com a questão proposta para a investigação e o referencial teórico que lhe deu sustentação. Foram selecionadas seis jovens, três que freqüentam academias de médio porte e três que freqüentam academias de grande porte. As academias foram classificadas em grande e médio porte, em razão da complexidade de suas instalações e localização. Compreende-se por academia de grande porte um espaço físico plenamente adequado em termos de metros quadrados (salas grandes e arejadas para os diferentes tipos de modalidades), equipamentos de musculação e ginástica modernos, incluindo os importados, profissionais em geral mais qualificados, com titulação acadêmica, tempo de experiência em formação do corpo e eficiência em atendimento à clientela. A academia de grande porte oferece vários produtos típicos da indústria cultural: avaliação física (medidas corporais, avaliação cardiorrespiratória, testes de resistência muscular e de flexibilidade), venda de suplementos alimentares, lojas de vestimentas adequadas para a prática das atividades físicas, diversidade de modalidades de exercícios (natação, musculação, ginásticas, pilates, *squash*, etc.), tratamento estético (salão de beleza, *spa*, massagem, etc.). Esse tipo de academia localiza-se em setores nobres da cidade, e o valor da mensalidade gira em cerca de um salário mínimo e, algumas modalidades ainda são cobradas à parte. Por todas essas características mencionadas, a clientela compõe-se de

peças com alto poder aquisitivo, portanto, seus freqüentadores pertencem a segmentos das camadas médias e alta.

Por sua vez, academia de médio porte apresenta as seguintes características: o espaço físico é reduzido (tem algumas salas específicas, porém menores), os profissionais têm titulação acadêmica, no entanto, as exigências quanto à atuação *dinâmica*, são menores, as relações entre os profissionais e a clientela é mais cordial, mais próxima. Os freqüentadores normalmente residem nas proximidades da academia, ou seja, são seus vizinhos. Os equipamentos não são sofisticados e existem em número menor. A academia de médio porte oferece uma quantidade reduzida de modalidades de atividades, e, em geral, concentra-se naquelas menos complexas. Ela também não coloca à venda o arsenal de produtos da indústria cultural, como nas grandes academias. Sua localização é mais distanciada dos *points* situados em bairros nos quais residem camadas média e alta, porém também são freqüentadas por esses segmentos.

As jovens foram selecionadas mediante a aplicação dos seguintes critérios: a) freqüentar academias de ginástica pelo menos por dois anos; b) situarem-se na faixa etária de 18 a 24 anos de idade, com a suposição de que, nesse recorte etário, a condição juvenil está mais configurada; c) ser estudante e freqüentar um curso superior, portanto, ter um grau de escolaridade acima da média. Com base na pesquisa qualitativa, utilizou-se a entrevista como recurso de trabalho, compreendendo-a

não como uma técnica que transpõe mecanicamente para uma situação de coleta de dados, mas como parte integrante da construção sociológica do objeto de estudo. Essa construção implica uma interdependência dos diversos procedimentos associados ao processo de produção dos dados, o que inclui sua problematização inicial, passando pelo estudo da realidade e pela análise dos resultados. (Zago, 2003, p. 295)

Para elucidar as questões apresentadas, o presente trabalho estrutura-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo, discute-se a temática juventude relacionada à cultura corporal moderna, com a intenção de verificar como as jovens mulheres universitárias se apropriam do corpo idealizado socialmente, utilizando-o como capital simbólico de distinção social. O segundo capítulo trata da academia de ginástica como um *locus* de educação não-formal, um espaço de

formação que tem a finalidade de manutenção/perpetuação dos corpos de mulheres jovens, as quais buscam um modelo de corpo que se torna cada vez mais andrógino. O terceiro capítulo analisa, com dados colhidos em entrevistas, o *ethos* de vida de mulheres jovens de camadas médias, que freqüentam academias de ginástica consideradas de *grande porte*. O quarto capítulo analisa as entrevistas realizadas com jovens mulheres de camadas médias, que *malham* em academias de médio porte, procurando aprender os mecanismos de valorização do corpo e os modos de viver a condição juvenil.

O presente trabalho pretende contribuir para o avanço dos estudos da temática juventude que, atualmente, tem adquirido visibilidade na comunidade científica, desenvolvendo estudos que enfocam as práticas educativas no espaço da academia e suas influências na formação do *ser jovem* na atualidade, e subsidiar possíveis elaborações de políticas públicas futuras relacionadas à juventude, ao esporte e ao lazer.

CAPÍTULO I

JUVENTUDE E CULTURA CORPORAL

Este capítulo tem o objetivo de incursionar pela temática a respeito da juventude, cultura e ideal de corpo nas sociedades contemporâneas, procurando apreender sob quais parâmetros, em especial, as jovens mulheres apropriam-se da cultura corporal como bem simbólico de distinção social. Nesse cenário, procura abordar aspectos do imaginário que permeiam a vida cotidiana nessas sociedades, e como o ideal de corpo musculoso e magro adquire valor, funcionando como forma de distinção social.

1.1 Juventude ou juventudes?

Juventude ou juventudes? Esse questionamento sinaliza a presença de diversos enfoques teóricos e metodológicos que analisam os agrupamentos juvenis e, também, a evidência de aspectos biológicos, psicológicos, sócio-econômicos e culturais que interferem na delimitação do ser jovem. O recorte da faixa etária – 15 a 24 anos – é comumente utilizado como ponto de partida para agrupar cronologicamente indivíduos, homens e mulheres, que vivenciam uma etapa da vida. Mas o que é *ser jovem*? Até quando e quem pode ser considerado jovem? Autores diversos, como Carrano (2000), Sposito (1997), Novaes (2003), alertam que a juventude atual possui uma complexidade variável e que os jovens não constituem um grupo homogêneo, mas agregados sociais com características continuamente flutuantes. De acordo com Carrano (2000),

as idades não possuem um caráter universal. A própria noção de infância, juventude e vida adulta é resultante da história e varia segundo as formações humanas. Os estudos antropológicos nos mostram que os sentidos dos relacionamentos entre as gerações se distinguem nos tempos e espaços das sociedades. (p. 12)

Madeira e Rodrigues (1998) mostram que os estudos que tratam da juventude têm dificuldade de conhecê-la em termos de uma categoria única, pois,

além da faixa etária, poucas são as semelhanças na sua vivência cotidiana e nos seus projetos de vida. Os autores questionam: será que existem semelhanças entre a juventude universitária e a juventude camponesa? Entre a juventude universitária e o jovem operário? Em suas reflexões, afirmam que há inúmeras diferenças, entretanto, argumentam que os jovens trazem uma marca emblemática identificatória:

Na realidade, hoje (certamente a mídia e a imposição de consumo tem grande responsabilidade nisto) ser jovem é mais do que pertencer a uma faixa etária específica, é viver um “estilo de vida” amplamente valorizado na sociedade. Em outros termos, existe algo em comum entre o bóia-fria e o estudante que são as marcas externas de juventude que ambos querem desfrutar. (p. 454)

Ilustra Abad (2003) que a condição juvenil, em épocas anteriores, esteve sobretudo mediada pelas relações de incorporação à vida adulta e à aquisição da experiência. Era concebida como uma etapa vital entre a infância e a maturidade, tendo estreita vinculação com as instituições sociais responsáveis pela transição para o mundo adulto. Atualmente, as transformações econômicas, políticas e sociais que ocorrem nas sociedades contemporâneas envolvem as tradicionais instituições sociais, como família, religião, escola, que passam por processos de diferenciações e mudanças sociais significativas. Esse contexto atinge vários atores, sobretudo, jovens que cotidianamente enfrentam dilemas conflituais relacionados com aspectos biológicos, geracionais e sócio-culturais. Como salienta Melluci (1997), “a juventude que se situa, biológica e culturalmente, em uma íntima relação com o tempo, representa um ator crucial, interpretando e traduzindo para o resto da sociedade um de seus dilemas conflituais básicos” (p. 7).

Os jovens diferenciam-se entre si por inúmeros fatores, os quais estão relacionados às características das sociedades complexas, como, por exemplo, o aumento da expectativa de vida e as mudanças no mercado de trabalho, diferenças de classe social, gênero e etnia. Segundo Martins (2000), “jovens de classes sociais diferentes têm processos diversos de desenvolvimento de sua identidade, determinados pela experiência vivenciada no ambiente histórico-social” (p. 62), o que significa que existe uma variedade de significados e

atribuições que são repassados diariamente por determinada sociedade para suas novas gerações. Para Manheim (*apud* Canesin, 2002),

esses significados determinam a forma autorizada de inserção social do grupo, permitindo que cada categoria, dividida por idade, sexo, patrimônio material ou cultural, raça, religião, condição estética, entre outros, assumam diferentes funções predeterminadas na hierarquia de poder, que controla e preserva as formas de organização da sociedade humana. (p. 62)

Duas instituições sociais ligadas à formação da identidade juvenil – estudo e trabalho – destacam-se quando se fala de desigualdades de classe social, pois apresentam inúmeras implicações para o significado objetivo e subjetivo de ser jovem. Segundo Novaes (2003), “o quando e como um jovem começa a estudar ou trabalhar; e quando e como pára de estudar ou de trabalhar? (...) O ‘quando’ e o ‘como’ revelam acessos diferenciados a partir das condições econômicas do país” (p. 122). A condição de classe social relacionada a gênero e raça ou etnia revela que as diferenças são construídas no conjunto da organização da sociedade que cria e recria formas diversas da inclusão e exclusão social. De acordo com Novaes (2003), “ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferença” (p. 122). Além disso, a autora salienta, ainda, que há outros critérios de inclusão/exclusão: nas grandes cidades o *endereço* e a participação em *projetos sociais* ligados à políticas públicas também são motivos de tratamento diferenciado que a sociedade dispensa aos jovens.

Abad (2003) ressalta o que denomina de desinstitucionalização da condição juvenil. Esse fenômeno acrescenta elementos para a reflexão sobre o que representa ser jovem, atualmente. Fatores como a crise das instituições consagradas à transmissão da cultura adulta hegemônica, a perda da ilusão de imobilidade e de ascensão social pela realização dos estudos secundários e universitários revelam que o jovem não encontra acomodação nos velhos formatos institucionais. Nessa nova condição juvenil, a infância quase que desapareceu, apertada por uma adolescência que se inicia muito cedo e é seguida de uma juventude que se prolonga até depois dos trinta anos. A trajetória do indivíduo pelo circuito família-escola-trabalho transforma-se em itinerários de transição muito mais prolongados, indeterminados e descontínuos. A emergência

das novas formas da *aldeia global*, que recebe grande influência dos meios de comunicação, trouxe componentes novos em termos de viver essa fase da vida. Assim, afirma Abad (2003):

É nessa desinstitucionalização da condição juvenil que têm surgido as possibilidades de viver a etapa da juventude de uma forma distinta da que foi experimentada por gerações anteriores. Essa nova condição juvenil se caracteriza por uma forte autonomia individual (especialmente no uso do tempo livre e do ócio), pela avidez em multiplicar experiências vitais, pela ausência de grandes responsabilidades de terceiros, por uma rápida maturidade mental e física, e por uma emancipação mais precoce nos aspectos emocionais e afetivos, ainda que atrasada no econômico, com o exercício mais precoce da sexualidade. (p. 25)

As modificações da realidade social impõem mudanças conceituais que têm perpassado os estudos sobre agrupamentos juvenis. Carrano (2000) assinala que até mesmo os conceitos relacionados aos ciclos de gerações, que, em épocas precedentes, eram mais delimitados, perderam sua precisão, fazendo que a juventude se transformasse em ideal e um modelo gerativo de identificações, ou seja, um modelo cultural para todas outras gerações que são levadas ao rejuvenescimento estético e psicológico. Esse modelo cultural – que não depende da idade ou condição de trabalho – está codificado em alguns símbolos, como onipotência, transgressões, anticonformismos e procura do risco e do prazer, e também, está associado a características relacionadas ao consumo, tempo de lazer e vida privada. Todos esses fatores levam a condição juvenil a estar associada a uma série de qualificações: sujeitos hedonistas, indefinidos em suas escolhas, portadores de vitalidade, extremamente expressivos conservadores, propulsores de mudanças, etc.

1.1.1 Jovens, os modelos culturais e as diversas interpretações

Os jovens são tratados de forma diferenciada em cada sociedade e em cada momento histórico. Na sociedade brasileira, sobretudo nos anos 1960, os jovens ganharam grande visibilidade no cenário nacional, quando eram considerados agentes sociais que se confrontavam com a política ditatorial. Já nos anos 1970, os estudiosos voltaram-se para as dificuldades que os jovens

encontravam ao entrar no mercado de trabalho e ao inserirem-se na vida ativa, quase transformando esse tema em categoria econômica. Na primeira década dos anos 1980, os olhares voltaram-se para as *gangues* de jovens urbanos, em virtude da diminuição da visibilidade das manifestações anteriores e, também, por causa do grande aumento de violência juvenil que se verificou no país (Peralva, 1997).

No cenário dos anos 1990, foram retomados os estudos sobre juventude, concepções e estereótipos associados aos jovens começaram a ser questionados. Nesse momento, as interpretações eram revistas por estudiosos que procuravam investigar quem eram os jovens, dissociando-os dos estigmas produzidos pela sociedade.

Dessa preocupação, resultaram estudos com uma multiplicidade de subtemas e assuntos em campos científicos, como Sociologia, Psicologia e educação. Os estudos na área da educação foram direcionados para investigar a instituição escolar e, assim, enfatizaram aspectos relacionados ao pedagógico, sobretudo ao processo de aprendizagem, efetuando investigações sobre a categoria alunos, à qual se destinava o processo educativo, e nessa ótica, o jovem era visto apenas em sua condição de aluno. As investigações não exploravam as novas formas de sociabilidade juvenil e outras dimensões das práticas sociais em que o jovem estava inserido. Sposito (1997) assinala:

Seria então observada, nesse universo da produção discente, a inexistência de relativa porosidade capaz de absorver dimensões da sociabilidade do educando que afetariam os patamares em que se dá a sua experiência escolar. As pesquisas estariam privilegiando no desvelamento do sujeito apenas a sua condição visível de aluno. (p. 48)

Os estudos do campo educacional indicavam uma certa desconsideração dos estudiosos em relação às demais práticas sociais em que o jovem se inseria, evidenciando a necessidade de investigações que ultrapassassem os horizontes puramente pedagógicos, e assim, a temática da juventude adquiriu maior fecundidade (Canesin, 2002).

Ainda, muitas pesquisas, demonstravam que as questões abordadas sobre juventude obtiveram conclusões que a caracterizaram como um *problema social*, em geral, ligado a drogas e à violência. Estudos mais recentes, como o de Carrano (2000), mostram que muitos problemas atribuídos aos jovens não passam de componentes sociais e ideológicos que compõem a totalidade da sociedade. O autor critica ainda os olhares míopes dos *violentólogos*, que insistem em manter o estigma da violência associada à categoria juvenil, e que, também, em uma perspectiva moralista, procuram perceber o jovem em razão de seus desajustamentos relacionados à escola e à família.

Essas observações sinalizam a necessidade de focar os estudos sobre os diversos agrupamentos juvenis, examinando como eles constroem identidades na sua atuação na esfera do comportamento e da cultura, participando dos processos de definição, de invenção e de negociação de direitos, em vez de abordagens que difundem a manutenção de uma desqualificação generalizada da atuação pública dos jovens e um temor referente à sua inserção nos processos de construção da vida pública e democrática (Abramo, 1997). A visão reducionista, que não considera o jovem sujeito político, nem capaz de opinar sobre as questões de cidadania e quase sempre abordado como um problema, remete ao esclarecimento de Abramo (1997):

Toda vez que se relaciona a questão da juventude à da cidadania, seja pelos atores políticos seja pelas instituições que formulam ações para jovens, são os “problemas” (as privações, os desvios) que são enfocados; todo debate, seminário ou publicação relacionando estes dois termos (juventude e cidadania) traz os temas da prostituição, das drogas, das doenças sexualmente transmissíveis, da gravidez precoce, da violência. As questões elencadas são sempre aquelas que constituem os jovens como problemas (para si próprios e para a sociedade) e nunca, ou quase nunca, questões enunciadas por eles, mesmo por que, regra geral, não há espaço comum de enunciação entre grupos juvenis e atores políticos. (p. 28)

A juventude é considerada uma categoria determinada historicamente. É um fenômeno moderno, e suas diversas transformações acontecem em um período de difícil transição do desenvolvimento humano, carregado de inúmeras dificuldades de adaptação e integração sobretudo ao modo de vida adulto. Canesin (2002) esclarece:

Considera-se como uma das etapas de maiores transformações físicas, psicológicas e intelectuais do ser humano, por ser um momento de ingresso no universo social e político da sociedade mais ampla. As áreas do conhecimento que fazem do fenômeno um objeto de estudo tendem a compreendê-lo no sentido de passagem geracional ou de situação de transitoriedade para a vida adulta. (p. 6)

O desvendamento do universo juvenil exige que se examinem as dificuldades que os jovens têm para projetar o futuro, tendo em vista que o presente lhes apresenta poucas possibilidades reais de realização, em razão das contradições do modelo sócio-econômico em que se encontram inseridos. Não há um ajustamento das expectativas que os jovens têm de realizações profissionais, em relação às possibilidades de escolha que a sociedade oferece. Eles enfrentam, na complexidade das cidades, o desafio da auto-afirmação em um mundo em que as esferas da produção se transformam em produção de signos (Carrano, 2000). Os jovens precisam lidar com intensos fluxos de informação, de comunicação e de sociabilidade no conjunto das redes sociais. Carrano (2002) entende que a juventude se organiza em redes e as define como um processo de *identidades múltiplas* juvenis, que manifestam as pluralidades dos vínculos sociais que essas diferentes juventudes estabelecem nos diversos espaços-tempos.

1.1.2 Jovens e a sociedade das mercadorias

Uma sociedade, além de fundamentar-se nos meios materiais de sobrevivência, pauta seu comportamento em crenças culturais, as quais são produtos do agir humano e dão sentido e significados às ações humanas. A sociedade contemporânea tem seu imaginário social atrelado à crença de que a mercadoria condiciona os ideais de vida e as condutas cotidianas. A mercadoria, como qualquer artefato cultural, depende das atitudes e disposições psicológicas dos indivíduos para agir e pensar *como se ela existisse*. De acordo com Costa (2004), as disposições e as atitudes que contribuem para a reprodução da sociedade de mercado atual são as seguintes:

1) deve se deixar seduzir pela propaganda de mercadorias; 2) deve possuir uma identidade pessoal flexível, compatível com as novas relações de trabalho; 3) deve estar convertido à moral das sensações, ou seja, ter pretensões a satisfações em curto prazo, em detrimento de satisfações que exigem projetos de longo alcance (p. 76)

As três características citadas estão ligadas à maneira como se lida com o mundo dos objetos, com a história pessoal e com o corpo. Em relação aos objetos, o mercado espera que os indivíduos sempre estejam adquirindo novos produtos criados constantemente pela indústria – é o que se costuma chamar *erroneamente de consumismo*. Comprar não é uma ação controlada por necessidades biológicas, mas um ato econômico com implicações sociais, o que permite concluir que os indivíduos não são iguais diante das possibilidades de comprar, como a palavra *consumo* propõe. Os objetos de consumo, dessa maneira, não são consumíveis nem estão igualmente disponíveis para todos os indivíduos. Na realidade, a produção é seletivamente organizada, de modo a ser seletivamente distribuída entre os que têm muito, pouco ou nenhum dinheiro. Dessa maneira, afirma Costa (2004):

Consumismo, portanto, é o modo que o imaginário econômico encontrou de se legitimar culturalmente, apresentando as mercadorias como objetos de necessidades supostamente universais e pré-culturais, e ocultando, por esse meio, as desigualdades econômico-sociais entre os potenciais compradores. (p. 76)

Nesse cenário, a publicidade e a moda criam *desejos artificiais*, por meio da sedução e da repetição que se apoderam das aspirações dos indivíduos, o que não quer dizer que a irracionalidade prevaleça, a ponto de o indivíduo sair comprando disparatadamente mercadorias industriais supérfluas e, em segundo lugar, nem tudo que se adquire foi apresentado pela publicidade. Mas por que associar o ato de comprar ao de consumir, acreditando que se trata de ações idênticas? Costa (2004) formula a seguinte explicação:

comprar se tornou equivalente a consumir porque o ritmo de produção das mercadorias nos obriga a descartá-las depois de um

breve uso. Consumo é uma metáfora que alude à rapidez com que adquirimos novos objetos e inutilizamos os velhos. (p. 78)

Os objetos industriais são, portanto, descartáveis e, por causa da sedução da moda e da propaganda comercial, as pessoas adotam atitudes consumistas. A máquina do mercado tem que funcionar em virtude da produção em larga escala, induzindo as pessoas a comprarem objetos com uma durabilidade superficial, para que, o mais rápido possível, esses produtos sejam substituídos por outros, pois deve haver um escoamento dos produtos comercializáveis. Provavelmente, as pessoas, deixam-se seduzir pelo consumismo porque esse hábito atende a necessidades psicossociais, que derivam da nova *moral do trabalho* e da nova *moral do prazer*.

Os indivíduos não são meros fantoches nas mãos da propaganda. Se eles se deixam seduzir por ela é porque na posse de objetos encontram alguma forma de realização pessoal. E também, a moral do trabalho e do prazer induz o aumento do desejo de consumir. A moral do trabalho nasce das transformações econômicas, quando ocorre a alteração nas relações do trabalho, mudando a imagem do trabalhador tradicional por outra, e faz emergir um novo tipo de trabalhador: aquele que vive a competitividade do mercado por empregos inseguros e que adapta suas condições psicológicas ao perfil do *vencedor*. O *vencedor*, também chamado de *turista*, é um indivíduo que deve ser flexível, criativo, que não possua vínculos com lugares, que é indiferente aos projetos de vida duradouros e que trata todas as coisas como transitórias. Para ganhar mobilidade no volátil mundo do mercado, esse indivíduo deve aprender a não ter elos sólidos nem mesmo com seu próprio percurso biográfico (Costa, 2004).

Esse estilo de vida é propício à acentuação do consumismo, pois o indivíduo *desenraizado* utiliza as mercadorias como o que ele tem de mais estável e mais mutável. Mais estável, porque quando aqueles objetos já não lhes servem mais, pode trocá-los por outros mais modernos, se suas condições de trabalho assim o exigirem. “Em outros termos, a posse de mercadorias permitiu ao indivíduo *preservar a necessidade psicológica de estabilidade sem renunciar à elasticidade pessoal exigida pelo mundo dos negócios*”, assinala Costa (2004, p. 80).

Segundo Costa (2004), a cultura atual criou a moral do prazer, uma forma de abrir canais de satisfação a seus participantes. Satisfação é o estado físico-mental alcançado pelo indivíduo ao levar a bom termo as intenções. O ser humano está sempre procurando obter prazer e evitar a dor. Diversos modos de satisfação prazerosa são componentes indispensáveis ao funcionamento da cultura e à formação de identidades pessoais. Uma cultura não permite que tudo seja possível, existem comportamentos humanos que são aceitos e outros, condenados. Uma grande inovação na época atual em matéria de conduta é a busca do *ideal do prazer corporal* ou do *prazer das sensações*. Ainda, continua-se a perseguir realizações sentimentais, porém, o valor atribuído às sensações físicas prazerosas na constituição das subjetividades passa a ser muito valorizado, em contraste com o período em que a “importância que a boa forma física, a boa saúde, o gozo com drogas ou com sexo tinham na formação psicológica moral dos sujeitos era, (...) até bem pouco tempo comedida” (Costa, 2004, p. 81). Anteriormente, os prazeres físicos do corpo cediam lugar aos ideais de perfeição moral, intelectual, espiritual ou emocional, porém é falso dizer que os indivíduos vivem atualmente em um festim de comida, sexo e drogas e que não sejam capazes de ter compromissos com o bem comum (Costa, 2004).

Tanto a nova moral do trabalho quanto a moral do prazer dão origem à demanda por objetos descartáveis. No entanto, existe uma diferença que as separa. No âmbito do trabalho, os objetos são desejados porque compõem a aparência social do turista *vencedor*. Por serem intercambiáveis e portáteis, elas ilustram o sucesso profissional e social de seus donos. Já na moral do prazer sensorial, o prazer das sensações baseia-se essencialmente nas disposições físicas do corpo para ser estimulado. Diferentemente das sensações emocionais que perduram durante um certo tempo, mesmo que os indivíduos continuem a estimulá-las, o prazer sensorial depende do estímulo físico imediato e precisa do objeto fonte da estimulação. Costa (2004) esclarece: “É nesse ponto que o consumo entra no *script* da felicidade das sensações. O sujeito, para escapar da efemeridade do prazer físico, passa a depender, cada vez mais da *diversidade* e da *constância* dos objetos para ter prazer” (p. 83). Dessa maneira, os objetos são cada vez mais solicitados para superar os limites de excitação física do corpo e assumem um semblante de objetos consumíveis.

Costa (2004) adverte que não consumir significa perceber os objetos como coisas que devem durar, tomando em relação ao mundo uma atitude de cuidado. O autor aponta que a atitude consumista impede que os sujeitos vivam para as futuras gerações, pensando apenas em si mesmos, fazendo que os indivíduos percam os ideais de progresso científico, de dignidade do trabalho, de honra familiar, de crença na história, de sentimento de responsabilidade em relação à nação, etc. De acordo com o autor, “a atitude consumista é dissolutora desses ideais. Essa é a sua maior nocividade. Ela rompe o fio da tradição e nada põe no lugar. É uma cultura do imediato, do descompromisso consigo, com o outro e com o devir de todos” (p. 85).

O valor que a sociedade confere à juventude recentemente está estreitamente ligado aos ideais consumistas do mercado capitalista. No imaginário social, a juventude é um estado de espírito, é um tipo de corpo, é sinal de saúde e de disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado de que todos querem participar. Como afirma Kehl (2003), o Brasil de 1920, diferentemente dos dias atuais, valorizava o perfil do adulto, que devia assumir responsabilidades, *ser sério*. Havia a expectativa de tomar posse do espaço que, porém, era reservado apenas a quem tinha a idade adequada. Naquele período, “homens e mulheres eram mais valorizados ao ingressar na fase produtiva/reprodutiva da vida do que quando ainda habitavam o limbo entre a infância e a vida adulta chamada juventude” (Kehl, 2004, p. 9).

Ainda, segundo Kehl (2003), depois da década de 1950, os jovens passaram a ser classificados como *adolescentes*, começaram a sair de uma situação de culpabilidade e de obediência em que os médicos e analistas sociais os colocaram, para se transformarem em sinais de evidência, em uma faixa da população privilegiada pela indústria cultural. O indivíduo entrava em crise por diversos motivos – insatisfação sexual sob a alta pressão hormonal, dependência da família, instabilidade de trabalho na sociedade, o que atraiu a atenção da indústria de *marketing*, que passou a considerar o *adolescente*, uma *nova fatia de mercado*. O jovem tornou-se *cidadão*, adquiriu visibilidade porque virou consumidor em potencial. E ainda, como mostra Kehl (2004),

ser jovem virou *slogan*, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa. Ao mesmo tempo, a “juventude” se revelava um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência, digamos, existencial de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais para a nossa felicidade. (p. 92)

A sociedade atual sofre de um sintoma que é chamado de *teenagização* da cultura ocidental, em que a delinqüência do adolescente sem lei ou à margem da lei é efeito de uma sociedade na qual ninguém quer ocupar o lugar do adulto, cuja principal função é representar a lei diante das novas gerações. Os jovens atualmente perecem da falta de um horizonte, de um código de referência que as anteriores gerações de adultos pelo menos *pensavam que tinham*, o que revela que a grande maioria dos pais se eximem de oferecer parâmetros mínimos para orientar o crescimento dos filhos. Eles contentam-se em dançar uma *balada* com seus filhos, em serem cúmplices de seus atos de sexo e de drogas e, também em apoiar a transgressão dos filhos contra a escola e outras instituições de formação, sem impor limites à parcela de gozo a que cada um tem direito. Kehl (2004) afirma:

O adulto que se espelha em ideais *teen* sente-se desconfortável ante a responsabilidade de tirar suas conclusões sobre a vida e passá-las a seus descendentes. Isso significa que a vaga de “adulto”, na nossa cultura, está desocupada. Ninguém quer estar “do lado de lá”, o lado careta do conflito de gerações, de modo que tal conflito, bem ou mal, se dissipou. (p. 96)

Os pais não sentem confiança suficiente para impor limites aos seus filhos por causa da falta de regras de referência alternativas ao sistema de consumo – que deveria ser reelaborado constantemente por jovens e adultos, mas não o é. O gozo tornou-se uma forma de ultrapassar os limites do prazer, o que estabeleceu o seu vínculo com a morte. O gozo ameaça a vida mental e corporal. A cultura atual presenteou a juventude com as formas imaginárias do maior gozo, e tanta idealização emitida em direção à juventude se justifica, como ilustra Kehl (2004):

Toda publicidade apela para o “sem limites” da vida adolescente, representado pela velocidade da moto, pela potência do aparelho de som, pela resistência do carro, pelo barato da cerveja e do cigarro, pelo corpo aeróbico e perfeito malhado nas academias e transformado em ícone sexual, objeto incontestável do desejo de jovens, velhos e crianças. (p. 100)

1.2 Cultura corporal e história

Diversas culturas têm ambições em manter, por meio de saberes e técnicas, conforme interesses pessoais e coletivos, um certo controle e organização do corpo. Essa intenção verifica-se na maneira de livrar os corpos das doenças, promover a disciplina alimentar e sexual, ou seja, controlar os corpos não apenas para bem o administrar, mas também para obter maior saúde e prazer.

Na antiguidade clássica, o corpo era considerado um ente naturalizado, e a natureza, uma referência fundamental à vida humana: a medicina misturava-se à astrologia, ao passo que a saúde dependia de vários fatores externos, incluindo as características das estações do ano e as variações do clima. Platão e Aristóteles, filósofos daquele período, e históricos médicos, como Hipócrates e Galeno, estabeleciam analogias entre o ser humano e o cosmos, de forma que o sangue era comparado à água dos rios, a terra à carne, o calor do sol ao calor do corpo, e o funcionamento dos elementos naturais era intimamente associado à organização fisiológica (Sant’Anna, 2001). A medicina de Hipócrates não se baseava na religião: em suas teorias médicas, a magia separava-se da medicina. Entretanto, paralelamente à medicina hipocrática, existiam diversas crenças e religiões em que o corpo era submetido aos desígnios divinos – inúmeros templos foram criados para a adoração das divindades que protegiam a saúde e a vida. Assim, nesse período surgiram “vários médicos-sacerdotes, prolongando, desse modo a antiga associação entre terapia e religião, entre o domínio do corpo e do espaço cósmico” (Sant’Anna, 2001, p. 8). Dessa maneira, o mal era extraído do corpo humano graças às suas relações com o sagrado. Sant’Anna (2001) assinala:

Calor e frio, fogo e água, a medicina e a filosofia antigas estão repletas de concepções como estas, que caracterizam tanto a vida física dos corpos, quanto aquela do cosmo. Mesmo vários séculos após Hipócrates, as faculdades naturais continuarão a ocupar um lugar de destaque no pensamento da Antiguidade. (p. 10)

Galeno foi médico do imperador romano, Marco Aurélio, e sua obra, que concebia a saúde do corpo em termos de equilíbrio entre suas diferentes partes, foi de grande importância até o período do Renascimento. Suas concepções anatômicas e fisiológicas atravessaram séculos, e Galeno “estava entre os que pensavam o corpo como uma espécie de máquina criada pela providência divina, vivendo numa natureza que possuía, tal como o humano, uma espécie de alma” (Sant’Anna, 2001, p. 12), existindo uma série de correspondências entre o ser humano e os elementos naturais.

Durante o período medieval, sobretudo para o Ocidente, o pensamento de Galeno permaneceu ainda como uma referência essencial, em que a providência divina tendia a ser compreendida em termos cristãos. Entretanto, mesmo com a idéia de natureza assimilada à obra de Deus, o cristianismo criou uma distinção entre homem e natureza considerada inovadora: “o homem é destinado a se tornar independente da natureza na medida em que ele deve caminhar em direção a Deus. Assim, a natureza não é eterna e o homem não é um ser *na* natureza, mas um ser *diante* dela” (Sant’Anna, 2001, p. 12). Era mais adequado para o cristianismo estabelecer a separação entre homem e natureza, dotando o primeiro de uma alma eterna e que transcende a própria natureza. Dessa maneira, concebia-se o homem independente em relação ao cosmo, porque ele possuía dentro dele uma alma e, uma vez que para ver Deus era preciso a alma e não o corpo, ele passou a ser execrado e considerado um obstáculo à salvação e à verdade (Sant’Anna, 2001).

A concepção cristã valoriza a alma, dotada de imortalidade, ao passo que o corpo, que é mortal, está sujeito ao padecimento. O corpo impede o homem de conquistar uma vida de paz e contemplação, pois, diferentemente da alma, está submetido aos ciclos naturais, às flutuações de desejo, às tentações que o corrompem. Nesse sentido, confirma-se uma concepção que atravessou os séculos: homem e natureza, tanto quanto alma e corpo, se afirmam como termos opostos. (Sant’Anna, 2001)

As rupturas nas concepções de corpo estabelecidos na antiguidade clássica e na idade medieval não se deram em sua totalidade. Um exemplo é o da passividade das mulheres, que, em ambos períodos, eram submetidas ao destino da fecundidade. Em Roma, a mulher era considerada passiva por definição. Na sociedade grega, em que a moral resultava de uma sociedade essencialmente viril, a mulher era igualada aos escravos, sendo considerada um ser passivo por natureza e estatuto, necessitando, dessa forma, manter-se sob a proteção e a dominação de um homem (Sant'Anna, 2001).

Na *polis* grega, existia a diferença entre a esfera pública e privada; a primeira estava relacionada ao que deveria ser exibido e a segunda, ao que deveria ser ocultado. Na vida pública, o homem grego realizava-se politicamente por meio da prática da democracia, que era sinônimo de coesão social e de liberdade de expressão, simbolizando a realização da excelência humana. “É possível perceber que, historicamente, o que sempre necessitou ser ocultado na vida privada tenha sido a dimensão corporal da existência humana relacionada com as atividades de subsistência do indivíduo e a sobrevivência da espécie”, aponta Carrano (2003, p. 44). Os trabalhadores deveriam ser mantidos fora de vista e, *com seu corpo, cuidavam das necessidades (físicas) da vida*, e as mulheres, também ficavam reclusas nos aposentos domésticos, por garantir a sobrevivência física da espécie. De acordo com Sant'Anna (2001), “a oposição ativo/passivo designava, em grande medida, o sistema de valores de várias culturas da Antiguidade: ser passiva revelava um caráter servil, destituído de honra (p.14).

Em relação ao valor que os gregos atenienses atribuíam ao corpo e à nudez na cidade, Sennet (*apud* Carrano, 2003) afirma:

Para o antigo habitante de Atenas, o ato de exhibir-se confirmava a sua dignidade de cidadão. A democracia ateniense dava à liberdade de pensamento a mesma ênfase atribuída à nudez. O desnudamento coletivo a que se impunham – algo que hoje poderíamos chamar de “compromisso másculo” – reforçava os laços de cidadania. Os atenienses tomavam essa convenção tão ao pé da letra que, na Grécia Antiga, a paixão erótica e o apego à cidade eram designados pelas mesmas palavras. Um político ansiava por se destacar como amante ou guerreiro. (p. 46)

Para os gregos, o desenvolvimento pessoal era iluminado por três grandes ideais: a justiça, o belo e o bem. Dessa forma, na comunidade realizavam-se esses ideais e, nessa perspectiva, era necessário perceber o incentivo à ginástica, pois a prática corporal nunca era realizada apenas com a finalidade de fortalecer o corpo e não aparecia isolada da música, da filosofia e da política (Silva, 2001). Os grandes filósofos que fundamentavam a moral daquela sociedade construía intencionalmente suas residências próximas aos grandes ginásios.

O trabalho de adestramento realizado nos ginásios atenienses não se dirigia apenas à individualidade do corpo, tinha a intenção de relacionar o corpo com a *polis*, dando a idéia de um corpo envolvido com a coletividade maior. Dessa forma, o corpo/sujeito participava da esfera pública e, conseqüentemente, estava ligado a assuntos públicos. Aqueles que se recusavam a participar dos assuntos da vida pública eram condenados pela sociedade grega. Carrano (2003) ilustra:

a relação do corpo com a vida coletiva é o traço marcante que nos interessa registrar. O fato de não dissociar o corpo da própria vida em comum fazia os gregos condenarem aqueles que se recusavam à participação nos assuntos públicos. (p. 46)

Várias percepções de corpo entre os séculos I e II a.C. prepararam terreno para as concepções cristãs do corpo no período medieval.

Foucault (*apud* Sant'Anna, 2001), em seus estudos genealógicos do sujeito moral e do sujeito do desejo, assinala que o desejo sexual se tornou o grande problema para o controle dos corpos na idade média, de forma que o foco das problematizações mudou, lentamente de uma era em que a alimentação situava-se no centro das preocupações em bem administrar o corpo para aquela em que, sobretudo a partir do século XII, a sexualidade passou a ocupar esse lugar central.

A alimentação, paulatinamente, cedeu seu lugar de domínio moral para os temas das práticas sexuais. E, a partir desse período, o conhecimento e o controle do corpo exigiram, mais do que nunca, o conhecimento e o controle dos usos dos prazeres sexuais (Sant'Anna, 2001). O corpo, nesse período, era considerado prisão da alma e sede dos desejos sexuais, tornando-se um ente

suspeito. A pregação cristã disseminava a idéia de que o corpo era digno de dupla vergonha e luxúria. Para isso, “o catolicismo desenvolveu discursos e estratégias de repressão e abolição da sexualidade, que deveriam ser transferidas para o senhor” (Carrano, 2003, p. 52). Movimentos corporais deveriam ser controlados por representar uma ameaça à integridade da sociedade, que era controlada por leis divinas. Os corpos não poderiam exprimir sensualidade, e por isso, condenavam-se as danças nas igrejas, em virtude da exibição de uma autonomia corporal incompatível com os dogmas de ascetismo e de economia da libido pregados pela doutrina do catolicismo (Carrano, 2003).

Dessa maneira, a idéia que predominou durante milênios na história das mais diversas civilizações provém da cultura judaico-cristã, que indicava que gênese humana estava relacionada como integrante e integrada à natureza, gerando e fazendo nascer o ser humano do interior de si própria, dando lugar a um progressivo desligamento do homem com a totalidade, resultando em um desligamento da visão cosmológica existente. Mesmo com essa mudança, não há indícios de uma separação entre os seres humanos e destes com a natureza que indicassem uma perspectiva de independência, como posteriormente se percebeu na modernidade e, subseqüentemente, na fase contemporânea (Silva, 2001).

No início da idade média, ocorreram mudanças extremamente significativas de organização do espaço e o estabelecimento de um outro relacionamento com o corpo, que reorganizaram os sentidos das cidades medievais, afastando-as da forma urbana das antigas cidades greco-romanas. Os espaços públicos destinados aos esportes, às artes e ao debate público, como ginásios, anfiteatros e fóruns, perderam seu significado perante outros valores sociais, políticos e religiosos. Havia práticas culturais de divertimento e recreação, porém, ocorreram sob formas diferentes daquelas que predominaram na antigüidade (Soares, 1999).

Conforme afirma Carrano (2003), na idade média havia a diferenciação entre o que era do domínio comunal (o poço, a praça do mercado, etc.) e o que não era comum. A esfera pública era espaço social compartilhado de divertimentos, o que se extinguiu com a separação radical dos tempos de vida,

trabalho e lazer, substituindo o tempo cíclico pelo tempo mecânico, características das sociedades industriais e da desruralização das cidades.

Na idade medieval, não havia a separação entre corpo e alma, os quais eram percebidos mutuamente complementares, ou seja, tudo que afetasse o corpo exerceria efeitos simultâneos sobre a alma. A cosmologia medieval não via também a separação entre o homem e os elementos do mundo (piolhos, vermes, moscas), os quais faziam parte da sociabilidade – entre os indivíduos era comum que uns catassem piolhos na cabeça dos outros em lugares públicos. Os banhos não tinham a finalidade única de higiene corporal, e o uso da água era essencialmente festivo. Esses locais funcionavam como ambientes públicos e culturalmente lúdicos, cuja função era associada à diversão, à sociabilidade e até mesmo à transgressões sexuais. Posteriormente, essas práticas foram consideradas insuficientes para a higiene corporal da modernidade e foram sendo paulatinamente interdidas. O surgimento do sentimento privatizante, em oposição à socialização dos corpos, mostra uma marcante transição da subjetividade da época medieval em direção à modernidade. (Carrano, 2003)

Dessa forma, houve uma percepção que se refletiu nas intervenções urbanas da modernidade,

quando essas enfatizaram a necessidade do desamontoamento e da ordenação do espaço. E ainda: a especialização espacial na cidade marcou o processo de um novo mapeamento do espaço e do tempo, com a invenção de lugares específicos para o banho, o trabalho, o estudo, o divertimento, a religiosidade, etc. (Carrano, 2003, p. 55).

Todas essas mudanças influenciaram também a criação de um novo sentido que mudaria o olhar para os corpos.

1.2.1 Cultura corporal na contemporaneidade: do corpo-máquina ao corpo-objeto

Com a modernidade capitalista, que teve seus marcos iniciais já no século XVIII no ocidente europeu, começou a formação da subjetividade moderna, que se deu através de um longo processo histórico. As transformações científicas,

econômicas, sociais e políticas impulsionaram o surgimento de uma sociedade radicalmente distinta das antigas sociedades medievais, sobretudo naquilo que se refere à organização das cidades e às práticas de controle corporal. Silva (1999), afirma:

O período no qual vai se caracterizar essa entrada em cena de um interesse pelo corpo e de uma forma específica de trato corporal é identificado com a Modernidade, definida pela “destruição das ordens antigas”, pelo “triunfo da racionalidade subjetiva ou instrumental” e pelo “processo de subjetivação” que se forma no interior do individualismo, todos esses termos amparados por uma tendência inédita à universalização de seus valores e normas, levando a uma ocidentalização do mundo. (p. 9)

Pode-se acompanhar a transformação do sujeito divino em sujeito humano, cada vez menos contemplativo, cada vez mais um ator social do trabalho, e em decorrência, cada vez mais centrado na materialidade das coisas. O trabalho passou a ser visto como um instrumento de ascese, colocando-se contra tudo o que indicasse superstição ou ao sacramento. A esse processo, Weber chamou de “desencantamento do mundo”, ligado à perda de componentes mágicos e religiosos, e correspondente à ética protestante, que se estrutura concomitantemente com o capitalismo (*apud* Silva, 1999).

Na concepção mecânica da ciência, o corpo foi idealmente decomposto em partes funcionais, e os movimentos passaram a ser objeto da geometria analítica e foram quantificados pela matemática, por meio de cálculos que buscavam favorecer os gestos. O dualismo entre corpo e mente presente na filosofia cartesiana representou um profundo fosso entre o pensar e o existir. Nessa perspectiva, o corpo é um suporte material para a realização de uma intenção espiritual racionalista, e a suprema racionalização do espírito conferiu ao corpo um estatuto de subordinação às exigências da alma e da razão, diferentemente das relações do corpo da culpa e da dádiva expressos pela espiritualidade do catolicismo medieval (Carrano, 2003).

Nessa configuração, havia a necessidade de um trabalho descritivo e a busca do elemento explicativo último dos seres vivos. A decomposição do corpo humano em partes minúsculas dos órgãos e dos tecidos inaugurou uma medicina predominante, segundo a qual a assepsia passou a interferir nas atividades

cotidianas das pessoas, alterando suas práticas sociais, concomitantemente com o imaginário higienista que se propagava. Conforme assinala Horkheimer (*apud* Silva, 1999), a forma de racionalidade que se encontrava na base dos procedimentos científicos e no discurso filosófico que sustentará a modernidade configurou-se “no ‘funcionamento abstrato do mecanismo do pensamento’, capaz de classificar, inferir e deduzir, independentemente do conteúdo em questão e cuja eficiência pode ser ampliada ao ser usada como método” (p. 13). A tendência à assepsia tornou-se extremada para o positivismo, que propõe como filosofia e como método uma ruptura com a imaginação, com a argumentação, com as emoções, isto é, com tudo que seja *desordenado*. Nesse sentido, Silva (1999) descreve:

A filosofia do positivismo, especialmente a partir da hegemonia que conquista no âmbito das ciências biomédicas, vai respaldar as ações que serão desenvolvidas a partir do século XIX no âmbito do corpo, seja ele individual ou social. A medicina que se estrutura nesse período vai incorporar o saber oriundo de ciências emergentes, tais como a microbiologia, a anátomo-patologia e as práticas sociais. (p. 13)

Conforme a análise de Foucault (*apud* Sant’Anna, 2001), o aparecimento da medicina como uma nova tecnologia social foi capaz de disciplinar e prescrever os cuidados necessários com os corpos para que se tornassem compatíveis à nova ordem capitalista. Desse modo, os cuidados pessoais implicados nos imperativos morais e terapêuticos construíram um novo esquema de apreciação de si mesmo, em que o corpo se encontra no centro das preocupações. De acordo com Flores (1999), em 1941 foi realizado o primeiro Congresso de Brasilidade, promovido pela Comissão de Unidade Étnica, que propôs um projeto de *padronização brasileira*, ou unidade étnica, apoiada no tripé: saúde, trabalho, beleza. Tratava-se de uma *elevação biotipológica*, segundo a qual a criação de um homem deveria ser “tanto um tipo ideal eugênico, quanto disciplinado, com qualidades superiores de agilidade, destreza e perspicácia” (Lenharo, *apud* Flores, 1999, p. 205).

A segunda metade do século XX foi marcada pelo impacto combinado da revolução tecnológica baseada em tecnologias de informação/comunicação e da formação de uma economia de características globais. Os novos processos de

produção de conhecimentos e processamento de informações constituíram as bases da Terceira Revolução industrial, ou microeletrônica. A marca da globalização é o do intensivo processo de aceleração contemporânea que impôs novos ritmos ao deslocamento dos corpos e ao transporte das idéias (Carrano, 2003).

Com o estabelecimento dessa lógica da sociedade informacional, em que o conhecimento permeado pela ciência avança a passos largos, o homem contemporâneo passou a viver para a *qualidade total* em todas as esferas da sua vida. É importante continuar eficiente e adquirir informações o mais rápido possível para alcançar o nível de competitividade no mercado em que as capacidades intelectuais do homem são ampliadas e, ainda, substituídas por máquinas dotadas de certa autonomia. O capitalismo avançou também em novas explorações de seus mercados, pois o homem/máquina moderno transformou-se em homem/beleza. A percepção de um mercado amplo e lucrativo – o da beleza – faz que o sistema capitalista invista em propaganda para a manutenção de um corpo saudável, bonito, dourado e, evidentemente, ligado à eficiência, pois para manter um corpo magro, cheio de músculos, torneado, uma série de medidas sacrificiais são exigidas, como dieta, treinamento, plástica, etc. Nesse sentido, Silva (1999) assinala:

O poder investiu nos corpos dos indivíduos, ao longo do tempo, criando uma forma específica de consciência de si, ao mesmo tempo em que faz uma exploração econômica. O eixo civilizatório eleito no Ocidente gerou a construção de uma expectativa de corpo fundamentada no reforço de um sentimento contraditório que se vê explodir na atualidade: dominar o corpo e, ao mesmo tempo, libertá-lo; subjugar-lo e depender dele para sua “felicidade”; acreditar na superioridade e na independência da mente, mas se submeter aos rituais necessários ao corpo “em forma”. (p. 25)

O corpo aparece na contemporaneidade como um capital valorizado não apenas pela pequena burguesia, e transforma-se em espaço simbólico, com um valor *superior* para essas camadas da sociedade, tornando-o capaz de denunciar o estilo de vida e um conjunto de normas de conduta e também de identificar à *qual tribo está ligada o indivíduo*. A tribo, por sua vez, o identifica distinguindo-o dos demais, se constituindo em um sinal indicativo de certa virtude humana, que

“como as roupas, surge como símbolo que consagra e torna visíveis as diferenças entre os grupos sociais” (Goldenberg, 2002, p. 38). O corpo adquire dessa maneira, uma quantidade significativa de símbolos distintivos. O corpo *em forma*, com tudo aquilo que ele simboliza, submete os indivíduos das camadas médias e superiores a um estilo de vida e a um conjunto de normas de conduta, recompensados pelo pertencimento a um *grupo de valor*.

O interesse pelo corpo na atualidade demonstra um higienismo, ou mesmo um eugenismo pautado em uma normatização controlada, que induz à busca pelo seu remodelamento em razão de uma expectativa hegemônica. De acordo com Soares (2001), há, nessa expectativa, a “compreensão de corpo como santuário do músculo, como emblema da cultura da aparência regulada por um ciclo de absorção e de eliminação, tanto orgânica quanto econômica” (p. 119), que é exposto pela mídia por notícias que compõem um quadro significativo. No Brasil, a disseminação de uma expectativa de corpo baseada na estética da magreza é bastante grande, de forma que representa o quinto mercado mundial em cosméticos, movimentando cerca de cinco milhões de dólares ao ano, dados estatísticos preocupantes em relação à insatisfação das pessoas com a auto-imagem (Silva, 1999).

Dados estatísticos Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBPC), evidenciam que quatrocentos mil cirurgias foram realizadas no Brasil, em 2003, 70% em mulheres, de forma que o país atinge o segundo lugar em realizações de cirurgias plásticas no planeta – o primeiro é ocupado pelos Estados Unidos da América (EUA). Da quantidade total de plásticas, 50% são estéticas com predominância das lipoaspirações (40% do total). A radicalização do modelo técnico tem levado a iniciativas de alteração do código genético e do sistema endócrino, da criogenia, dentre outros, na busca pela *saúde perfeita* e pela eternização da juventude (Silva, 1999).

Cidades como o Rio de Janeiro, por exemplo, expressam muito bem o modismo corporal, estampando na maioria de seus cartões-postais corpos *seminus*, bronzeados, com uma grande capa de músculos (cobrindo o esqueleto) à mostra, e a *corpolatria*, nesse ambiente, funciona como uma norma local (Goldenberg, 2002).

Conforme assinala Sant'Anna (2001), na atualidade ocorreu a migração de um corpo alienado para um corpo obsoleto – incapaz de acompanhar a sofisticação das máquinas e do pensamento –, que deixa de ser eficiente justamente por supostamente estar liberado da alma e das coações do passado. *A mídia da top modelização* banalizou a tal ponto os corpos que, "de corpos cuja intimidade, no lugar de esconder a imaterialidade de desejos impuros, expressa, sem pudor, a materialidade de silicones e próteses, na maioria das vezes afinadas com concepções ecológicas e morais as mais puras" (Sant'Anna, 2001, p. 22). Esta e outros autores questionam até onde haverá intervenção do homem sobre o corpo e, ainda, se poderá evoluir o conceito hegemônico de *corpo-ciborg*, como um discurso que induz a idéias de saúde e bem-estar. Ainda, Sant'Anna (2001), indaga como o homem vai continuar lidando com sua própria humanização e subjetividade, com seus sentimentos interiores, uma vez que brinca de ser homem-máquina e, muitas vezes, se transforma em verdadeiro monstro com uma aparência não-humana.

1.2.2 Cultura corporal e a juvenilização

As transformações que ocorreram nas sociedades contemporâneas refletiram-se nas principais instituições sociais, como família, escola, religião, expressando, segundo Abad (2003), um processo de instabilidade e enfraquecimento das instituições. Essas mudanças atingiram também os atores sociais, especialmente os jovens, que são importantes receptores e transformadores desse processo. Como diz Melluci (1997), "a juventude que se situa, biológica e culturalmente, em uma íntima relação com o tempo, representa um ator crucial, interpretando para o resto da sociedade um de seus dilemas conflituais básicos" (p. 7). Um dos principais fatores da sociedade contemporânea é que o tempo se torna multifacetado, descontínuo, conferindo uma idéia diferenciada ao tempo percebido nas sociedades industriais, sempre marcado por máquinas (relógios) e com uma certa linearidade, uma historicidade baseada em um fim. Essas alterações temporais promoveram uma perda da cristalização

geracional causada pela dissolução entre o passado e o futuro: “O tempo linear aparentemente se esgota, cedendo lugar a um tempo funcionalmente diferenciado (...) Importantes mudanças sociais e culturais incidem sobre as representações relativas à especificidade das fases do ciclo vital, alterando-as profundamente”, afirma Peralva (1997, p. 19). Essas mudanças alteraram o modelo cultural que configurava a juventude, que, anteriormente, era concebida como promessa de futuro, e, atualmente, generalizou-se uma espécie de juvenilização da cultura a que se associam determinados valores e estilos de vida não necessariamente a um grupo etário específico, o que revela que “a promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo” (Peralva, 1997, p. 23). Assinala Miguel Abad (2003):

Atualmente ser jovem tornou-se prestigioso, pois, no mercado dos signos, aqueles que expressam juventude são altamente cotizados, e o intento de parecer jovem, recorrendo à incorporação dos signos que caracterizam o juvenil, dá lugar a uma modalidade do jovem independente da idade e que podemos chamar de *juvenilização da cultura*, ou seja, a aquisição e exibição do juvenil como diferença, colocado no lugar mais visível socialmente, isto é, no próprio corpo. (p. 27, grifos do autor)

Outra mudança importante que ocorreu na época atual diz respeito, à abertura de um leque de oportunidades para os jovens e também a ampliação da capacidade de atuação individual de cada um. As sociedades tradicionais valorizavam a cultura da coletividade, agora, o individualismo torna-se fator de importância vital para a sociedade capitalista (Melluci, 1997). Essa orientação individualista pode ser considerada, de outro modo, narcisista, e está relacionada à maneira com que indivíduo tende a enxergar a si mesmo, conferindo um valor exacerbado ao *eu*, à sua própria imagem na forma de corpo. Malysse (2002), esclarece:

Além disso, o conhecimento visual comum e a correspondente imagem de si mesmo também passam pelas imagens que se vê dos outros nas propagandas, nas ruas, nos transportes públicos, nas revistas e em outros espaços da corporeidade, [...] pois participam da constituição de um universo visual comum, que pode ou não influenciar diretamente as visões individualizadas do mundo, do corpo e da sociedade. (p. 89)

As sociedades contemporâneas promovem um culto ao corpo “em que se torna comum a idéia de que a preocupação com a aparência e juventude está cada vez mais disseminada em todas as classes, profissões e faixas etárias” (Goldenberg, 2002, p. 8), sobretudo, entre as jovens que freqüentam as academias. Estas últimas funcionam como um *locus* em que são criadas imagens corporais *ideais* – o corpo *sarado* –, a serem (per)seguidas pelos praticantes, induzidos pelas equipes multidisciplinares (professores, *personais trainers*, nutricionistas, massagistas, fisioterapeutas) que ali atuam na forma de *autoridades* capazes de ditar as regras e estimular o que é necessário ser feito para a aquisição do corpo exigido pela sociedade atual.

Mas como é que surge essa preocupação tão intensa com o corpo? Pode-se analisar que uma das transformações que ocorreu tem relação com a mudança provocada na vestimenta das sociedades de um século atrás para as atuais: “Há menos de um século, apesar do calor tropical, os homens vestiam fraque, colarinho duro, polainas e as ‘santas’ mulheres cobriam-se até o pescoço” (Goldenberg, 2002, p. 25). No entanto percebe-se um afrouxamento moral relativo aos códigos da obscenidade e da decência, que sob a ótica de uma nova moralidade, que aparentemente libera sexual e fisicamente, incita, em contrapartida, uma conformidade com um determinado padrão estético (Goldenberg, 2002). Norbert Elias (1990), prega que, no curso do processo de civilização dos costumes, aqueles momentos de aparente afrouxamento moral, vêm sendo seguidos intrinsecamente de contextos em que um alto grau de controle é esperado, e de acordo com um padrão *civilizado* particular de comportamento. É possível perceber isso na maneira como as pessoas se tornam *presas de suas próprias vaidades corporais*: pode-se mostrar mais partes do corpo usando vestimentas que são apropriadas para tal (*shorts, tops, biquinis*), entretanto o investimento a ser feito na forma de sacrifícios para manter esse corpo bonito e “*sarado*” é tão intenso, que o sujeito passa a ser controlado, se torna escravo da forma física que se instaura como um novo *poder social*. Assinala Goldenberg (2002): “a exposição do corpo, em nossos dias, não exige dos indivíduos apenas o controle de suas pulsões, mas também o (auto) controle de sua aparência física”.

O ridículo atualmente, não é expor o corpo nu à sociedade, mas vestir-se inadequadamente e fora dos padrões corporais, ou seja, usar roupas que mostrem as *gordurinhas* ou a flacidez muscular. O indivíduo pode até estar desnudado de roupas, porém tem que estar vestido de músculos (Goldenberg, 2002). Uma das características da época atual é a *lipofobia*, segundo Fichler (*apud* Goldenberg, 2002), que se exprime na forma de uma rejeição quase maníaca pela obesidade e obsessão pela magreza, símbolo de juventude, que faz sobretudo as mulheres terem problemas de ordem psicológica que levam à bulimia e a anorexia, podendo causar-lhes até a morte. Assim, afirma Rodrigues (1979):

as sociedades são capazes de levar os seus membros, por meio puramente simbólicos, à morte: inculcando-lhes a perda da vontade de viver, fazendo-os deprimidos, abalando-lhes de toda forma o sistema nervoso, consumindo-lhes as suas energias físicas, marginalizando-os socialmente, privando-os de todos os pontos de referência efetivos, desintegrando-os de tal forma que num determinado ponto a morte passa a ser um simples detalhe biológico (p. 94)

Tarantino (2005), em julho de 2005, entrevistou uma psicóloga da Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas de São Paulo que pesquisa os *transtornos da imagem*. A terapeuta, ao fazer uma investigação com pacientes em oito anos de trabalho, revelou que a maioria das jovens que a procuram em seu consultório (a maioria anoréxicas e bulímicas), estão insatisfeitas com suas aparências físicas. Além da anorexia e da bulimia, a pesquisadora aponta também outro transtorno de imagem, chamado de *vigorexia*, cultivado por *marombeiros* que tomam anabolizantes incessantemente para fazer crescer e enrijecer a musculatura, pois percebem-se flácidos ao olharem sua imagem no espelho. Segundo a terapeuta, vive-se atualmente uma cultura somática, com valorização do corpo em primeiro plano, salientando que o pecado não está no âmbito da falta de moral e da sexualidade, e sim no ato de comer com exagero. As pessoas cultivam o que Costa (2004b) define como *imaginário da perfeição*, que está associado às novas tecnologias médicas:

O avanço real ou ideologização da ciência e da tecnologia mudou o perfil da idealização da imagem corporal. Até bem pouco tempo, buscava-se alcançar no futuro a *perfeição* mítica do passado

sentimental; hoje imagina-se que a perfeição será conseguida pela *perfectibilidade* física prometida pelas novas tecnologias médicas. (p.77; grifos do autor)

A cultura do corpo na sociedade brasileira tem obtido um valor inédito, propiciando a difusão da ideologia do *body building* e a *cultura da malhação*, dentre outras importadas dos Estados Unidos da América (EUA). As também chamadas *body art* e *body modification* utilizam-se de técnicas que vão da tatuagem, ao uso de *piercings* e até outras mais extremas, como marcas de ferro, e são representações de como o corpo atualmente se torna suporte para a arte e transformação pelos seus donos (Goldenberg, 2002). A agressividade dessas técnicas utilizadas, citadas anteriormente, pode ser considerada absurda, porém, muitas vezes, são formas de protesto social, de reivindicação, baseadas em um sacrifício pessoal, que pode ainda ser considerado resistência às regras hegemônicas.

Há aqueles que consideram as técnicas mais comuns de transformação corporal – tatuagens, *piercings*, e outras – como marcas de ferro quente (*brandings*) exageradas e exóticas, no entanto, ao se depararem com outras, que são legitimadas pelo discurso científico de especialistas, acabam por submeter-se a elas (cirurgias plásticas, como a lipoaspiração, a abdominoplastia), em busca de uma aparência idealizada. A quantidade alarmante de cirurgias plásticas que acontecem atualmente são sinais da insatisfação, sobretudo entre as mulheres, com seus seios, suas nádegas, seus rostos, enfim, tudo aquilo que não combina com o modelo corporal exigido pela sociedade (Goldenberg, 2002).

A cultura de juvenilização ganhou todos os espaços possíveis – a escola, a rua, o trabalho, o interior das casas –, e continua diariamente invadindo as entranhas dos indivíduos de todas as idades, permitindo que um padrão controlado seja imposto a todas as pessoas. Há um paradoxo nesse *estado de coisas*. Ocorreu a instauração de uma nova moralidade social que demonstra liberação física e sexual, mas que induz os indivíduos sociais à conformidade a um determinado padrão estético: a tão considerada *boa forma*. Esclarece-se assim contradição que existe no culto do corpo, das classes médias: “quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais aumenta a exigência de

conformidade aos modelos sociais do corpo” (Goldenberg, 2002, p. 9). Assim, pode-se perceber que o homem na sociedade atual está subsumido à aparência física *idealizada* pelo modo de produzir e de viver dessa sociedade.

No momento em que a cultura de juvenilização toma força social e o culto à boa forma se instala com êxito em tempos atuais, é preciso verificar como os jovens estão vivendo esse modelo de vida social, como se deparam com todas essas questões impostas pelo modelo hegemônico de corpo ligado à estética corporal e como, no imaginário simbólico da juventude, o corpo *malhado* está associado ao que significa *ser jovem*. Nas construções de corpo nas academias, os jovens, ao buscarem modificar a forma do corpo, procuram “controlar tudo aquilo que foge ao seu controle na vida social; elas escolhem uma forma física ‘nova’, indo atrás de um modelo que a personifique e com o qual se identifique” (Goldenberg, 2002, p. 97). Trata-se de aceitar que a estetização no cotidiano seja capaz de resgatar a motivação da vida, a felicidade e o engajamento social.

De acordo com Gontijo (2002), “alguns sinais visuais trocados em situação de interação entram na construção e na reconstrução social de nossas aparências sociais mutantes” (p. 43). As imagens identidárias funcionam como rede de relações significantes, criando comunidade de interesse pelo grupo, designando o outro e sendo designado pelo outro, fazendo das academias um mundo de criação e de reprodução de imagens individuais e coletivas juvenis. Entende-se ainda que essas imagens identidárias da juventude se constroem como uma marca de distinção que é selada no corpo por meio de técnicas de manutenção e de reprodução, tornando o corpo de certo modo, um bem raro, que funciona como a forma de uma classe distinguir-se das demais na sociedade (Gontijo, 2002).

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO E CORPOREIDADE: OS DIVERSOS ESPAÇOS EDUCATIVOS DO CORPO FEMININO

O objetivo deste capítulo consiste em discutir conceitualmente como a educação realiza-se em espaços informais, formais, não-formais da sociedade, tendo em vista que, onde há seres humanos e relações humanas sociais, há cultura e educação. Faz uma reflexão sobre a academia de ginástica como uma instituição educativa não-formal, em que as mulheres jovens se apropriam para a *manutenção* de sua forma física, de acordo com o modelo hegemônico.

2.1 Educação e cultura dos corpos

A educação é um fenômeno social que se realiza em vários espaços formais e informais da sociedade. As relações humanas constituem-se permeadas pela cultura e a educação, como afirma Brandão (1981):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante. (p. 26)

Ao longo de sua vida, o ser humano está constantemente em um processo educativo, e nas diversas esferas da sociedade surge a necessidade de disseminação e de internalização de saberes e modos de ação (conhecimentos, conceitos, habilidade, hábitos, procedimentos, crenças, atitudes) que se configuram como práticas pedagógicas.

Assim, as ações pedagógicas ocorrem não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e em outros

agrupamentos humanos. A mídia é um exemplo de veículo educativo que influencia os estados mentais, utilizando os recursos da propaganda, e, também disseminando saberes e modos de agir em vários campos como o político, o moral, o econômico. Nesse sentido, Libâneo (2002) esclarece:

A educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervém no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar sujeitos humanos as características de “ser humano”. (p. 30)

A educação tem como ponto de partida não apenas a preocupação da sociedade em preparar as novas gerações para a vida adulta, como diz Durkheim (*apud* Canesin, 2001). A educação está ligada a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, técnicas, atitudes, valores existentes no meio culturalmente organizado e, por meio deles, ganham o nível necessário para produzir outros saberes, técnicas, valores, etc. O ato educativo encerra em si mesmo um sentido de mediação, que facilita o desenvolvimento dos indivíduos na dinâmica sociocultural de seu grupo “*sendo que o conteúdo dessa mediação são os saberes e modos de ação*” (Libâneo, 2002, p. 32).

Severino (2001) mostra que a educação tem um caráter público, ou seja, atua sobre a individualidade, para o desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo, ao mesmo tempo que tem como função inseri-lo em grupos culturais e em sua *polis*. Ao transmitir a cultura e se aparelhar continuamente para cumprir esse papel, a escola estrutura-se e se articula como uma instituição cultural, produzindo sua própria identidade. A estrutura escolar, também revestida de cultura, caracterizada por mecanismos formais e informais, contribui para a inserção do indivíduo na *polis*.

Assim, há, entre educação e cultura, uma relação estreita e orgânica. A palavra *educação*, em um sentido mais amplo de formação e socialização de um indivíduo, não se restringe ao ambiente escolar. Conforme assinala Forquin (2003),

toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de “conteúdo” da educação. (p. 10)

O conteúdo que é transmitido na educação, algo que precede e ultrapassa o indivíduo, que o institui como sujeito humano, é chamado de cultura. A palavra cultura, em uma acepção puramente objetiva e descritiva, constitui o conjunto dos traços característicos do modo de vida de uma sociedade, incluindo seus aspectos mais cotidianos e triviais. O conceito de cultura exclui os julgamentos de valor, apreciação e seleção, e se relaciona com a idéia de modos de pensar, agir e sentir dos indivíduos. Assim, a cultura, de acordo com Forquim (2003), significa

um patrimônio de conhecimentos e de competências, de instituições, de valores e de símbolos, constituído ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular, definida de modo mais ou menos amplo e mais ou menos exclusivo. (p. 12)

Mais que uma herança comum ou bem comum, a cultura é, antes de tudo, a forma como o homem distancia-se da natureza e se separa de sua animalidade. “A educação é o conjunto dos processos e dos procedimentos que permitem à criança humana chegar ao estado de cultura, a cultura sendo o que distingue o homem do animal”, assinala Olivier Reboul (*apud* Forquim, 2003, p. 12).

Refletir sobre a educação e a cultura possibilita apreender o sentido próprio da educação. O empreendimento educativo realiza-se na responsabilidade de os homens transmitirem, reproduzirem e transformarem a experiência humana. Portanto, a cultura e a sociedade, na expressão de Forquim (2003), são

aquilo que, ao longo dos tempos, pôde aceder a uma existência “pública”, virtualmente comunicável e memorável, cristalizando-se nos saberes cumulativos e controláveis, nos sistemas de símbolos inteligíveis, nos instrumentos aperfeiçoáveis, nas obras admiráveis. (p. 14)

Pode-se assim afirmar que a cultura é conteúdo da educação, e sua fonte, de forma que a educação não é nada sem a cultura e não permanece fora dela.

Assim, a “educação e cultura aparecem como as duas faces, rigorosamente recíprocas e complementares, de uma mesma realidade: uma não pode ser pensada sem a outra e toda reflexão sobre uma desemboca imediatamente na consideração da outra” (Forquim, 2003, p. 14). No entanto, a educação não transmite a cultura em um sentido total e unitário, pois a cultura não existe em lugar nenhum como um tecido uniforme e imutável. A educação tem a função de transmitir elementos da cultura que provêm de fontes diversas, de épocas diferentes e não recorre aos mesmos procedimentos de legitimação. A educação escolar tem o poder de selecionar determinados conteúdos da cultura, conservando alguns elementos e deixando outros no esquecimento. A escola ensina apenas uma parte extremamente restrita da experiência coletiva, a cultura viva de uma comunidade humana. Em decorrência desses fatores, surgem “novas configurações epistêmico-didáticas, novos modelos de certezas, novas definições de excelência acadêmica ou cultural, novos valores (Forquim, 2003, p. 15). A educação escolar, dessa forma, dispõe também de sua própria cultura escolar específica, que expressa saberes, hábitos, critérios de excelência e sistema de valores típicos.

Conforme assinala Geertz (1989), é impossível para o homem viver fora da cultura, e, nela, com sua criação, ele se encontra e se dá a conhecer, organiza sua vida como indivíduo e como membro de um grupo social. É inimaginável o homem sem a cultura – ela o torna reconhecível para si mesmo e para os demais. A sua linguagem, seu agir e reagir dependem da cultura. Segundo Geertz (1989),

não dirigido por padrões culturais – sistemas organizados de símbolos significantes – o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não tinha praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade. (p. 33)

Não existe uma única cultura, em razão do que é mais apropriado falar em culturas, seja pela diversidade de grupos e povos, seja pelo dinamismo interno, que é diferente em cada cultura. A cultura tem um papel decisivo no aprendizado da vida, ensinando os indivíduos a viver, humanizando-os e funcionando com o

objetivo de ensinar-aprender. Na cultura, aprendem-se os diversos modos de viver dos mais diversos povos, e nela a vida se manifesta. Ela possibilita ao homem ver-se a si mesmo como um ser da natureza e como sujeito que a transforma, em razão de suas necessidades. Dessa maneira, o homem é sujeito da cultura porque ela é criação da espécie humana e também porque, em seu dinamismo, ela está sempre se enriquecendo, se adicionando e mudando pela ação do homem (Brandão, 2002).

Libâneo (2002) mostra que, desde Marx e Engels, a educação só pode ser compreendida como produto do desenvolvimento social, determinada pelas relações sociais vigentes, estando sujeita às transformações dessas relações. O mesmo autor afirma, em um sentido mais amplo, que a educação abrange o conjunto das influências do meio natural e social que afetam o desenvolvimento do homem em sua relação ativa com o meio social e, também, fatores naturais como o clima, a paisagem, os fatos físicos e biológicos. Em especial, a prática educativa é condicionada pois

os valores, os costumes, as idéias, a religião, a organização social, as leis, o sistema de governo, os movimentos sociais, as práticas de criação de filhos, os meios de comunicação social são forças que operam e condicionam a prática educativa. (Libâneo, 2002, p. 87)

Carrano (2003) assinala que ampliar a perspectiva educacional para o conjunto das práticas sociais significa reconhecer inúmeros fatores que “concorrem para a formação das identidades que se configuram para os sujeitos no processo de *sociação*¹ em determinado momento histórico” (p. 15). O processo educativo não se limita apenas a espaços intencionais, como também não é o produto do acaso. A realidade tem a capacidade de intensificar o movimento de redes sociais que produzem contextos e acontecimentos educativos, simultaneamente com as ações de instâncias educativas tradicionais, como famílias e instituições escolares. O processo de formação humana ocorre em meio a continuidades e descontinuidades, que ocorrem ocasionalmente, ou seja,

¹ “ Para Simmel (apud Carrano, 2003), *sociação* é o conteúdo, a matéria, formada pelos interesses de influenciar os outros e o de ser influenciado. *Sociação*, então, é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses(...)”. (p. 15)

vivem-se situações cotidianas que não foram preparadas intencionalmente para gerar aprendizagens juntamente com processos educativos direcionados intencionalmente para esse fim.

A esse respeito, Carrano (2003) identifica a existência de uma malha na qual se entrelaçam todos os tipos de aprendizagens, por intermédio da cultura social, que permite o reconhecimento da multiplicidade das práticas educativas e tempos sociais na produção de uma totalidade cultural e histórica, em que o sujeito educacional não seja qualificado apenas como um sujeito escolar. As práticas sociais que ocorrem se incorporam ao conceito de educação, de forma que, na efetividade de sua dinâmica cultural, estão inclusos a formação de valores, as trocas de saberes e, enfim, a própria subjetividade. Pode-se, por exemplo, considerar os espaços urbanos como redes de relações e práticas que configuram uma variedade de fatos sociais educativos. Para Carrano (2003), as cidades funcionam como arenas culturais tendo em vista que se reconhece

que a produção da comunicação urbana é resultante do diálogo multicultural entre sujeitos sociais heterogêneos. Nesses diálogos, há disputa de territórios e sentidos; há solidariedade para a realização de interesses comuns e também indiferença daqueles que se isolam no diálogo da cidade. (p. 24)

A dimensão dialógica da comunicação pode, muitas vezes, ser interpretada utilizando a metáfora da cidade como teatro, na qual cada indivíduo desempenha seu papel como um ator e, segundo um roteiro estabelecido. Porém, é preciso destacar que essa metáfora não pode excluir a idéia de que o espaço social não é uma peça estruturada com diretores de cena condicionando a ação dos atores e, na realidade da rotina da vida cotidiana, percebe-se que, mesmo cumprindo alguns papéis sociais, essas cenas normalmente contêm cacoc, ou seja, dão movimento e garantem a imprevisibilidade do social.

A maneira de compreensão dos processos educativos e culturais diferentes promove uma ênfase à análise das práticas e relacionamentos sociais nos espaços. Canesin (2002), com base na obra de Bourdieu, enfatiza o papel central que o espaço social exerce no processo de aprendizagem do ser social, reconhecendo, de um lado, que os agentes têm uma apreensão ativa do mundo e que constroem sua visão de mundo e, de outro, que essa construção se opera

sob condições estruturais. Os espaços sociais são resultantes de operações estratégicas, de decisões políticas, enfim, de relações sociais, em que os homens interagem entre si e com o mundo social.

Os relacionamentos humanos efetivam práticas educativas, sendo capazes de transformar as pessoas e os significados culturais. De acordo com Marx (1987), “a verdadeira riqueza espiritual do indivíduo depende da riqueza de suas relações sociais, sendo que os indivíduos fazem-se uns aos outros, tanto física como espiritualmente, mas não fazem a si mesmos” (p. 54-55). O humano é resultado de relações sociais ativas, e a individualidade realiza-se por meio de combinações ativas entre o indivíduo, os outros homens e a natureza. Há que se reconhecer que o sujeito é constituído por uma teia de relações tecidas nas histórias e intercâmbios dos homens e seus interesses (Carrano, 2003).

Os relacionamentos que os indivíduos estabelecem entre si nos diferentes lugares são educativos e negociam sentidos na forma de conhecimentos, sensibilidades, desejos e vontades, permitindo que sejam múltiplas as possibilidades da existência de trocas sociais. Nesse sentido, não se pode entender a educação como um simples ajustamento das expectativas e exigências da sociedade existente, ignorando o sentido histórico-social do conceito de educação. A educação é diferente em cada época ou período histórico, em razão de seu caráter socialmente determinado, e as exigências sociais, os valores, os modelos de vida e trabalho correspondem a modelos socialmente dominantes encarnados pelas classes que detêm o poder econômico e político (Libâneo, 2002).

2.1.1 As academias como agências educativas de corpos

O corpo constitui-se com base em suas relações históricas, na materialidade de suas ações em um ponto central, pois nele se inscrevem as regras ditadas pela sociedade. É o primeiro plano de visibilidade humana, lugar privilegiado das marcas da cultura, ou espaço de imposição de limites psicológicos e sociais (Soares, 2001). Conforme assinala Carrano (2003), os relacionamentos humanos são complexos e corpóreos e correspondem em última análise, à vida social. O corpo não deve ser esquartejado e entendido somente

como corpo biológico ou como um simples reflexo da macropolítica; na verdade, ele existe além de suas dimensões biológicas, como símbolo das suas culturas de referência. As sociedades elaboram práticas educativas e técnicas corporais que projetam “nos corpos de seus súditos, escravos, membros ou cidadãos, valores e formas sociais adequados à determinada subjetividade que deseja produzir” (p. 41).

O humano é processo e produto de relações corpóreas das quais a consciência não se apresenta como algo distinto do próprio corpo, e as sociedades são feitas pelos sujeitos que as compõem; do mesmo modo considera-se que os sujeitos são socialmente elaborados (Carrano, 2003). Os corpos são educados pela a realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, por meio das relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento. Uma educação que mostra uma face polissêmica e se processa de um modo singular dá-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar em que se vive. É possível, portanto, como afirma Sant’Anna (1999), considerar que

as cidades revelam os corpos de seus moradores. Mais do que isso, elas afetam os corpos que as constroem e guardam, em seu modo de ser e de aparecer, os traços desta afecção. Há um trânsito ininterrupto entre os corpos e o espaço urbano, há um prolongamento infinito e, em via dupla, entre o gesto humano e a marca “em concreto” de suas ambições e seus receios (...). (p. 17)

Nesse sentido, é apropriado considerar que diversas instituições que fazem parte de uma sociedade são responsáveis pela produção e reprodução de conhecimentos e, conseqüentemente, funcionam como agências educativas dos sujeitos/corpos. A academia de ginástica, por exemplo, é uma delas. De acordo com sua função social, realizam-se práticas educativas em seu interior com uma certa intencionalidade, pois o professor, ao ministrar uma aula de ginástica ou musculação, planeja estratégias, com o objetivo de formação do aluno e visa, desse modo, um determinado resultado de suas práticas. Libâneo (2002) mostra que existem duas modalidades de educação intencionais: a formal e a não-formal. Segundo o autor, a educação formal é tudo aquilo que implica uma forma, que é estruturado, organizado e planejado intencional e sistematicamente. Um bom

exemplo desse tipo de educação é a educação escolar convencional. Entretanto, existem outros enfoques educativos da realidade – esta, complexa e multifacetada – não podendo ser a educação reduzida apenas ao ambiente escolar. É importante que se perceba a amplitude dos significados e extensões do termo *educação*. Assinala Libâneo (2002) que outro tipo de educação intencional – a dita não-formal, – refere-se àquelas

atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas. Tal é o caso dos movimentos sociais organizados na cidade e no campo, os trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação social, os equipamentos urbanos culturais e de lazer (museus, cinemas, praças, áreas de recreação) etc. (p. 89)

A academia de ginástica pode ser considerada um espaço de práticas educativas. Os profissionais que nela atuam são educadores, porque as ações que ocorrem no interior desse espaço são caracterizadas como ações pedagógicas. Cada vez que um professor ministra uma aula, seja de qual conteúdo for, nela exprime uma intencionalidade, estabelecendo-se uma relação pedagógica de ensino-aprendizagem. Mesmo que os movimentos ensinados pelos professores na academia sejam de uma relativa simplicidade, esses movimentos foram estudados e analisados pelos docentes por meio da literatura científica, de cursos especializados. Na transmissão desse conhecimento ao aluno, há uma relação de ensinar-aprender, pois o processo educativo opera com três elementos: um *agente*, que se situa na origem da ação educativa, um *modo de atuação*, isto é, o método/contéudo, e um *destinatário*, o indivíduo ou grupo que recebe as orientações. Libâneo (2002) esclarece: “todo ensino supõe uma ‘pedagogização’, isto é, supõe uma direção pedagógica (intencional, consciente, organizada) para converter as bases da ciência em matéria de ensino” (p. 35).

Embora os alunos não sejam avaliados formalmente, como em uma escola convencional, existe no interior da academia uma avaliação física, que oferece uma dimensão – um *feedback* – do resultado obtido pelo aluno, por meio de medidas corporais executadas periodicamente pelo educador físico, com o intuito de avaliar os resultados esperados pelos alunos por meio das atividades por eles realizadas. A avaliação física, juntamente com outros exames (eletrocardiograma,

teste de esforço, etc.) que são obrigatórios, e que, muitas vezes são oferecidos pelas próprias academias, servem de produtos de consumo da indústria cultural.

É apropriado abrir um parêntese para apontar que a avaliação física realizada no interior das academias é produto da ciência positivista, que se realiza por meio da Medicina Esportiva, a qual esquadrinha, mede, calcula o corpo humano de maneira estritamente objetiva, com o intuito de avaliar o ser humano apenas em sua *composição corporal* sem levar em conta seu universo subjetivo. Silva (1999) chama a atenção sobre esse tipo de medicina que se fundamenta em uma nova representação de mundo e de corpo humano, que se destina a verificar questões que dizem respeito à forma e à composição do corpo, relacionada à sua performance. A Medicina do Esporte normatiza o corpo feminino e masculino por meio da proposição de tabelas padronizadas de percentuais de gordura e peso e altura – índice de massa corporal (IMC) – em várias compleições físicas, com classificações que variam de *excelente a regular*. Resultados aquém do regular dão a entender que os indivíduos já alcançaram os primeiros graus de obesidade. O curioso é que essas tabelas de classificação de gordura se constituem por cálculos matemáticos baseados em populações originárias de países desenvolvidos da América do Norte e da Europa. Entretanto, essas fórmulas são largamente usadas no Brasil, que possui uma população com características completamente distintas. Silva (1999) assinala:

O procedimento metodológico com marcas cartesianas onde são evidentes os dualismos, reduz ou elimina as subjetividades e amplia o espaço das objetividades ao exames laboratoriais, radiológicos, cintilográficos, dentre outros: apenas através dessas técnicas objetivas é dado ao corpo se manifestar. (p. 72)

O uso de conhecimentos científicos, no caso específico das ciências biológicas e médicas, que ditam um modelo de corpo por meio de uma estética padrão, se traduzem em remédios, suplementos alimentares e vitamínicos produzidos através de intermitentes pesquisas que alimentam a poderosa indústria da saúde. Novaes (1998) afirma que existe, no imaginário das pessoas, uma ínfima relação entre saúde e estética: ostentar um corpo que se mostra como uma vitrine de juventude, força e beleza, corresponde à apresentação de uma imagem saudável, porém, aquilo que é belo por fora não significa que seja

saudável por dentro. Sabino (2002) alerta que os usuários de drogas anabolizantes tentam construir uma imagem de corpo *sarado* associando essas drogas aos exercícios físicos e controem a

imagem que podemos chamar de apolínea, na conduta e na forma musculosa (considerada saudável por muitos), já que as representações de saúde em nossa sociedade têm sido atualmente relacionadas à ausência de adiposidade e à musculatura rígida aparente (p. 152)

Ao realizar uma pesquisa em academias de ginástica como um *locus* de educação não-formal, Baptista (2001) identificou os motivos que levam pessoas de vinte a cinquenta anos a procurarem uma academia de ginástica. Buscou verificar, em seu trabalho, a importância que os indivíduos atribuem à saúde, ao lazer e à estética na realização de atividades físicas em uma academia. O autor mostra que o interesse exacerbado pela saúde e o crescimento da procura pela realização de atividades físicas, ocorreram na década de 1960. Nesse período, o médico Keneth Cooper divulgou os resultados de seus estudos, evidenciando que o treinamento aeróbio e aprimoramento do condicionamento físico implicavam melhoria da saúde, e que a prática de exercícios prevenia a ocorrência de doenças crônico-degenerativas (cardiopatas, diabetes, osteoporose, etc.). Essa constatação remete às reflexões de Silva (1999) segundo as quais esse movimento em direção à saúde nos dias atuais se dá pela nova medicina que está pautada na técnica e na ciência objetiva – a Medicina Esportiva.

A busca de juventude e saúde culminou, na década de 1980, com a abertura de um grande número de academias no mundo inteiro que pautaram suas ações pela legitimidade desse conhecimento científico. Nesse período, denominado *Era Fitness*, a expansão do número de praticantes se elevou-se concomitantemente. Da Costa *et al.* (1996) afirmam que as academias de ginástica surgiram na década de 1930 e, por volta de 1970, ganharam uma nova dimensão e um novo papel social com o crescimento do movimento *fitness* em todo o mundo. Novaes e Neto (1996) salientam que, no Brasil da década de 1980, essas instituições cresceram assustadoramente e que, só no Rio de Janeiro, o número de academias subiu de cerca de trezentas no início da década de 1980,

para mais de três mil, na segunda metade da década de 1990. Deve-se fazer uma ressalva: a maioria de seus praticantes pertencem ao sexo feminino. Esse fenômeno justifica-se pela orientação de corpo que a mulher moderna passou a seguir e que se pauta sobretudo em valores estéticos, de beleza e de eficiência. Esse padrão foi disseminado, sobretudo, pelas classes médias e altas que passaram a dar grande importância à aparência corporal (Goldenberg, 2002).

Goldenberg (2002) também aponta que, na segunda metade do século XX, o culto ao corpo ganhou uma dimensão inédita e passou a industrializar, a mercantilizar e a difundir generalizadamente normas e imagens, ocorrendo a profissionalização de um ideal estético com a abertura de novas carreiras e excesso de cuidados com o corpo e com o rosto. Pode-se afirmar que se consolida uma *cultura de juvenalização*, em que ser jovem constitui uma máxima social. A aparência física passa a ditar às pessoas qual delas pode ou não participar e ser aceito na esfera social em amplos sentidos: tanto na convivência com seu grupo de amigos, no âmbito profissional, na família, na escola e em outras esferas. As academias de ginástica são valorizadas nesse contexto. Os valores e regras de normatização do corpo não permitem que, sobretudo as mulheres, abandonem os cuidados com ele, uma vez que é muito arriscado viver e ser aceita em uma sociedade que cultiva preconceitos em relação à mulher, e também na qual o velho, o gordo e o feio são estigmatizados, e o belo e o jovem são motivos de culto.

O levantamento realizado por Baptista (2001) sobre a busca de academias pelos indivíduos por motivos de saúde mostra que a maioria dos entrevistados freqüentam a academia para cuidar da saúde, entretanto, como pano de fundo, a estética permanece como motivo pessoal para procura de uma academia. Também é digno de nota, segundo o autor, que o *interesse* pela saúde aumenta com a idade, segundo os dados. No entanto, conforme o relato de Baptista (2001),

ao que tudo indica, reforça-se a idéia de que, na realidade, as fontes de informação hegemônicas estão vinculadas a uma lógica onde a saúde não é a fonte mais importante e sim a forma, a estética definida como um paradigma ao qual não se pode escapar (p. 166)

Outro aspecto indicado pela pesquisa é que as academias de ginástica são usadas por adultos para ocupar o tempo livre na forma de lazer. Entretanto, Baptista (2001) conclui que esse lazer é engendrado pela indústria cultural, com o objetivo de as pessoas usarem seu tempo livre apenas para consumir em produtos do mercado capitalista, e não da forma como aponta Marcelino (1990), para a transformação da cultura e da emancipação. E, no contexto atual,

é difícil encontrar pessoas que não sejam consumidores de algum tipo de prática corporal, principalmente de esportes. Esse consumo pode ser feito através dos estádios, das quadras, e das academias de ginástica, que atendem em geral a demanda das classes média e alta, enquanto os centros esportivos permitem, precariamente, o acesso das classes mais baixas. (Betti, 1998, *apud* Baptista, 2001, p. 85)

Baptista (2001) ressalta a importância dos meios de comunicação de massa como instrumentos determinantes da sociedade de consumo e de sua indústria – a chamada indústria cultural – que contribuem de forma decisiva para o estabelecimento do conceito de corpo, e sobre todos os elementos necessários à sua manutenção – os cosmecêuticos – fármacos, cosméticos, dentre outros. Alerta, também, que não apenas as atividades físicas funcionam como mercadoria vendida – o que coloca as práticas da cultura corporal entre os diferentes elementos da indústria cultural – mas também os corpos dos indivíduos. A indústria cultural procura a possibilidade de usar essas práticas, segundo Baptista (2001),

para gerar novas necessidades – fetiches – bem como desenvolver novos paradigmas do ponto de vista estético, podendo-se dar como exemplo o fato de as mulheres não parecerem sentir-se masculinizadas quando possuem músculos mais definidos. (p. 97)

Enfim, como resultado geral de seu estudo, Baptista (2001) conclui que o principal motivo de adultos procurarem atividades físicas em uma academia de ginástica é a estética, sobretudo os adultos jovens entre vinte e trinta anos, em segundo lugar, a saúde e, em último, o lazer. De acordo com o autor, a estética “pode ser vista, apoiando-se em Marx na sua relação com a propriedade privada e como forma de atender aos diferentes fetiches com a qual a sociedade

bombardeia todos diariamente” (p. 72). O autor defende que a motivação da prática de atividades físicas pela estética tem seu valor na ideologia do trabalho a todo vapor, para que as pessoas não se ocupem do processo de transformação social. Apesar das pessoas utilizarem o discurso da saúde como motivo para freqüentar uma academia de ginástica, o fetiche produzido pela mercadoria corpo se torna mais atraente e forte que o desenvolvimento da saúde e do lazer. Baptista (2001) ainda adverte:

deve-se prestar atenção na relação, falsa como se viu, da prática de exercícios enquanto saúde. Ao que parece, ao menos no imaginário dos praticantes, a ginástica e o exercício, apesar de estarem direcionados para a questão da estética, parecem manter o ideário de um corpo forte e disciplinado, produtivo e com saúde suficiente para atender às necessidades de um padrão social. (...) Além disso, o cuidado com o corpo obedece à lógica do consumo. (p. 173)

Os estudos realizados por Baptista (2001) corroboram os realizados por Gerheim (1996), que revelam que 60,1% das pessoas que procuram as academias de ginástica visam a estética corporal, 30,9% preocupam-se com a saúde e a redução do percentual de gordura corporal, e apenas 0,9% objetivam a socialização, o modismo e a reeducação psicomotora. Baptista (2001), relata, ainda, que a maioria das pessoas que procuram a academia é do sexo feminino, tem menos de trinta anos de idade, e se interessa em diminuir do percentual de gordura corporal.

Assinala Baptista (2001) que os resultados de sua pesquisa mostram uma relação entre sexo e estética. Das 56 mulheres que foram entrevistadas, 47 fazem atividade física visando a estética, o que corresponde a 92% das mulheres entrevistadas. Dentre os homens, 12 do total de 21 praticantes o fazem por estética, o que equivale a 57,14% da amostragem. Novaes (1998) aponta que as atividades mais procuradas pelas mulheres nas academias são a ginástica estética e a musculação. Baptista (2001) justifica a procura da musculação em virtude dos resultados promovidos por ela ocorrerem mais rapidamente, o que faz sentido em uma sociedade em que a velocidade é importante, e as pessoas não têm tempo a perder, pois, quanto mais produz o trabalhador, mais o dono tem o lucro por meio da *mais valia*.

2.2 A mulher e o corpo na história

Nas sociedades primitivas, a mulher era considerada um ser sagrado. A capacidade de procriação colocava-a no mesmo patamar que a terra – a mulher gera herdeiros, filhos, e a terra produz alimentos. Ambas, no entanto, produzem frutos que garantem a continuidade da sociedade.

Conforme assinala Auad (2003), embora não se possa afirmar que antigamente existissem sociedades matriarcais, nas quais as mulheres detivessem o poder local, preponderante, também não se pode duvidar do poder e da capacidade das mulheres naquele período. Em algumas tribos, quando era realizado um casamento, o homem mudava-se para a tribo da mulher e não o contrário. Naquele período, as relações eram regidas pela cooperação, não havendo diferença entre esfera pública e privada. Com o desenvolvimento das sociedades, a caça, e não mais a pesca e o cultivo, tornou-se a atividade predominante, propiciando, assim, a competitividade, as guerras e a supremacia masculina.

Até então, os homens não sabiam que tinham participação no processo de geração dos bebês – imaginavam que as mulheres se engravidavam dos deuses. Apenas por volta de 7.000 a.C. no período neolítico, o homem tomou consciência de sua função na reprodução. A partir desse momento, ocorreu o controle do corpo e da sexualidade feminina, e se instituiu o casamento. A capacidade de a mulher reproduzir herdeiros que ajudariam no trabalho familiar colocou-a em uma posição de monogamia com exigência de virgindade antes do casamento. A mulher ficou restrita à vida privada e passou a ser considerada propriedade privada do homem, que adotou a função de protegê-la das guerras e da fome (Auad, 2003).

Na Grécia, a mulher também ocupava um espaço socialmente menor. Passava toda sua vida na dependência do pai, marido, filho ou tutor. “Nos séculos V e IV, as mulheres foram rigorosamente excluídas da vida pública e confinadas no interior das casas”, afirma Auad (2001, p. 25). Em Atenas, elas viviam apenas para uma função: servir de procriadoras de um herdeiro legítimo que teria a

função de cuidar dos pais na velhice. Em decorrência, a sociedade passou a repudiar o adultério e aborto feminino. Já o marido podia ter várias amantes e concubinas. As mulheres não tinham direito à vida pública, não saíam com seus maridos e, além de tudo, tinham que ficar longe de qualquer olhar masculino, até dos homens da família. Na cidade de Roma, entretanto, as mulheres compartilhavam com seus maridos uma vida social. Tinham uma educação rudimentar e as poucas noções de cálculo, de leitura e de música a elas ensinadas, eram feitas por alguma mulher da família. As que estudavam, o faziam em escolas restritas a mulheres (Alambert, 1997).

A idade média foi profundamente misógina, ou seja, masculina. E a situação da mulher não melhorou: tanto as plebéias como as mulheres da corte continuavam sob a tutela dos homens. Eram submissas ao regime imposto pelo Cristianismo, uma religião extremamente patriarcal, que as comparava ambigualmente com Eva, que levou Adão ao pecado original. As mulheres eram consideradas libidinosas e perigosas e, em oposição a Maria, mãe de Jesus, uma mulher religiosa e casta. No entanto, submissão não significava falta de ação (Alambert, 1997). Elas realizavam trabalhos artesanais: teciam, faziam sabão, para ser comercializado, porém, quanto mais a Igreja exercia seu domínio, mais retirava da mulher algumas poucas regalias obtidas por elas ao longo dos séculos: “As mulheres foram expulsas das profissões liberais que exerciam, e excluídas das atividades burocráticas. (...) Mantiveram seus direitos comerciais mas não podiam decidir nada”, acrescenta Alambert (1997, p. 44).

A Inquisição foi responsável pela morte de milhares de mulheres, com a justificativa que elas eram feiticeiras. Foi um período de caça às bruxas: “Diziam que as feiticeiras eram acusadas de atacar a força sexual dos homens, o poder reprodutor das mulheres e agir para exterminar a fé” (Alambert, 1997, p. 45). Na verdade, elas acumulavam conhecimentos acerca de ervas utilizadas para a cura das mais diversas doenças, tinham experiência como parteiras e faziam abortos. Preparavam poções para prender seus maridos e também para matar inimigos. Foram verdadeiras vítimas de um patriarcado exacerbado (Alambert, 1997).

Não era apenas por ter conhecimentos medicinais que as mulheres eram consideradas perigosas, mas porque, ao se reunirem nas oficinas de trabalho, nas confrarias, nas associações de mutualidade entre as corporações de

operários e artesãos, trocavam conhecimentos umas com as outras, e, nos momentos em que entravam em disputa, os feudos eram responsáveis pela união feminina e sua participação ativa nas lutas (Auad, 2003).

Houve luta ativa das mulheres durante a Revolução Francesa por igualdade, liberdade e fraternidade. No entanto, após seu término, esses temas restringiram-se apenas aos homens. Até os grandes pensadores da época cultivavam preconceitos contra as mulheres. Filósofos iluministas, como Condillac, Voltaire, Kant, e outros, consideravam as mulheres pessoas dotadas de uma razão inferior ou mesmo irracionais. Como mostra Auad (2003), “a inferiorização das mulheres pelo poder revolucionário não parou por aí. A primeira constituição Francesa, de 1807, coloca a mulher sob a tutela do pai ou do marido (...)” (p. 43).

Apenas no século XX, segundo Auad (2003), as mulheres conseguiram lutar legitimamente contra a pressão sobre seu corpo e sua mente:

as ativistas revolucionárias da França protestavam contra leis que visavam submeter o sexo feminino ao domínio masculino e reivindicavam a mudança da legislação sobre o casamento que dava ao marido direitos absolutos sobre o *corpo e os bens da mulher* (p. 43; grifos nossos)

No capitalismo industrial, a mão-de-obra feminina foi muito solicitada. Não só o corpo dos homens foi *adestrado* para uma melhor produção, mas sobretudo, o das mulheres. Apesar de terem vencido algumas lutas contra o preconceito social que recaía sobre si, as mulheres ainda ganhavam menos que os homens como operárias industriais. Muitas indústrias preferiam empregar mais mulheres que homens, por que era vantajoso em termos econômicos para a indústria, o que provocou uma revolta dos homens, que eram membros do sindicato operário, contra as mulheres (Auad, 2003). Os homens alegavam que os baixos salários oferecidos pelas indústrias ao público masculino eram provocados pela entrada da mulher nas indústrias, que provocavam a queda do valor de seus salários (Auad, 2003).

A sociedade moderna é reconhecida como capitalista e patriarcal, de forma que tanto o capitalismo quanto o patriarcado se constituem em “estruturas fundantes, estruturadas e estruturantes” (Fonseca, 2001, p. 26). Esses dois

sistemas são autônomos, mas estão interligados, uma vez que suas dinâmicas se influenciam reciprocamente – um auxilia o outro em sua reprodução e consecução. O patriarcado, como estruturador dos comportamentos masculinos e femininos, por meio de evidências históricas, transcende o capitalismo por causa da sua persistência durante séculos, e, como aponta Rosaldo e Lamphere, (1979, *apud* Fonseca, 2001): “acompanhando as referentes formações socioeconômicas, transmutando-se nas formas, mas guardando sua inflexível caracterização política de subordinar as mulheres aos homens”. (p. 27)

A subjetividade masculina na sociedade é construída por meio de tributos viris, em que o quadro inclui um conjunto de manobras agressivas e violentas. A identidade masculina normalmente é associada à força física e ao espírito guerreiro. Os estudos de Castells (2001) apontam que, na época contemporânea, há sinais de declínio das sociedades patriarcais. O patriarcalismo, segundo o autor, “caracteriza-se pela autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar” (p. 169). A crise do patriarcalismo expressa-se, em decorrência de inúmeros fatores, dentre eles, a presença de uma multiplicidade de formas de estrutura familiar, o que significa que não é possível tratar a instituição familiar como padrão único, universal, pois novas composições de família também intervêm na forma de relacionamento entre homens e mulheres.

Como exemplo, pode-se dizer que o controle das mulheres exercido pelos homens na atualidade, sobretudo o sexual, está abalado, gerando uma *crise de identidade masculina*, em que eles já não se reconhecem, “pois se afastam de muitos valores tradicionais, mas ainda não incorporaram novos valores que os mantinham confortáveis” (Boris, 2000, p. 19). Gera-se então um mal-estar, uma reação agressiva defensiva por parte dos homens: “Ser homem significa, ao mesmo tempo, estar numa posição de poder e de privilégio, mas também de deveres, gerando contenção e tensão permanentes”, declara Boris (2000, p. 20-21). Os homens, na atualidade, são socializados de forma tradicionalmente opressiva e violenta, o que remete à seguinte reflexão de Jardim Duarte (*apud*, Boris, 2000):

O corpo através de cicatrizes, marcas, mutilações, comprova entre homens uma experiência de vida e a própria masculinidade. As marcas corporais evidenciam, antes de um deslocamento do indivíduo de um grupo de referência, o lugar de um corpo singular e de sua história de vida em um código masculino. (p. 21)

O corpo, em processo semiótico, é texto a ser lido. Ele é linguagem e inter-relaciona-se com aprendizagens de diversas naturezas. O movimento de eugenia, que ocorreu no final do século XIX (1880) e início do século XX (1920), teve como objetivo principal a manutenção da raça pura, provocando vários casos de preconceitos. Pessoas que não tivessem cor branca eram discriminadas, consideradas inferiores. Ser mulher e negra era sinônimo de dupla discriminação. Existem muitos preconceitos e silêncios acumulados no corpo da mulher. De acordo com Paiva (2003), para inaugurar outros modos de comunicar-se e elaborar novos significados, a mulher precisa

a) eliminar o que fez calar o corpo, deixando-o aprisionado em desordens; b) conhecer o desatino do corpo na loucura e outras desordens para mudar a maneira de ver, ouvir e sentir a vida; c) tornar-se mais consciente dos fatores que permitiram à sociedade a elaboração de formas de violência que subjugarão as pessoas nos caminhos da religião, política, economia e cultura. (p. 80-81)

Os problemas relativos ao gênero ainda não se resolveram nas sociedades atuais – “continuam como um macroproblema da humanidade até agora não resolvido” (Alambert, 1997, p. 57). Existem ainda muitas mulheres que trabalham em atividades exclusivamente domésticas, sem direito a uma boa formação – sobretudo as mulheres de classes baixas. A maternidade não é considerada uma função social, e seu peso recai completamente nos ombros das mulheres, que ficam sem espaço para dedicar-se a outras atividades na vida pública (Alambert, 1997). O modelo sócio-econômico vigente não oferece chance especialmente para as mulheres de níveis sociais mais baixos, tendo elas que se submeterem a profissões marginais na sociedade.

Lançando um outro olhar mais otimista sobre a questão de gênero, pode-se perceber, por outro lado, que houve diversos avanços da mulher em relação à sua estigmatização: algumas exercem funções de liderança em diversas profissões;

têm mais acesso aos estudos; conseguem ocupar cargos políticos. Madeira e Rodrigues (1998) destacam que o desempenho das meninas na escola, há algum tempo, é melhor que os dos meninos e, ainda,

existem pistas bastantes seguras de que o avanço educacional das mulheres (...) terá impactos positivos e seguros sobre a área social, nos próximos anos, independente do desempenho econômico do país. (p. 49)

Esses dados demonstram que as mulheres, com o decorrer dos anos, adquiriram maior capital econômico, social e cultural. Atualmente, as mulheres, sobretudo as jovens, acompanham o modelo das sociedades complexas, na busca de realização pessoal, em diversos campos simbólicos, dentre eles, o valor que as sociedades atuais dão à imagem corporal. Esse valor imagético é inserido no corpo como forma de capital. O corpo é considerado sinônimo de poder social, capaz de levar a mulher a adquirir uma certa autonomia que, até então, lhe fora negada, como a liberdade de poder atuar sobre algo que é propriedade sua: seu corpo-instrumento (Malysse, 2003). A satisfação de poder transformar à sua maneira o próprio corpo, levando-o até a assemelhar-se a um corpo masculino, lhe confere uma idéia de força e respeito, e lhe dá uma sensação de liberdade jamais alcançada na história.

Inúmeras são as técnicas e as possibilidades que o mercado põe diante da mulher para a alteração do corpo *natural* em direção ao *artificial*: elas variam de práticas exaustivas de exercícios até a plásticas cirúrgicas. Diante dessa nova perspectiva cultural, a mulher sente-se *liberta* em um aspecto, entretanto, conforme o pensamento de Bourdieu (*apud* Fonseca, 2001) ela se torna vítima da violência simbólica, para aceitar a legitimidade do discurso da *boa forma*, que organiza “a hexis corporal e as pulsões mais obscuras do inconsciente, a serviço de celebrar o corpo como suporte da distinção” (Fonseca, 2001). Por outro lado, a mulher não percebe a sutileza com que o poder disciplinar e o ideal hegemônico de corpo a tornam uma presa fácil.

A mulher está sujeita a ritualizações e produções do corpo ligadas ao que Malysse (2002) chama de *corpolatria*, e ao que Sabino (2002) denomina de *andolatria*, duas *facet*as da cultura corporal moderna, as quais estão

estritamente ligadas aos ideais de consumo. Bourdieu (*apud* Sabino, 2002) confirma:

as sociedades globalizadas encontram-se em um processo de acirramento sutil do poder disciplinar que vem se aprimorando pelo exercício do controle extramuros institucionais – pelas novas tecnologias da comunicação – e através do agenciamento dos sistemas simbólicos (valores, normas e percepções) radicados na lógica da troca comercial e do consumo. (p. 150)

O racionalismo atual cria técnicas de perpetuação dos corpos que estão ligadas ao hedonismo e ao ascetismo disciplinar – inerentes à condição juvenil de classes médias – ampliando os mercados de consumo, entretanto mascara-os por meio de uma forma de diversão e transformação do *eu*: aqueles que antes se sentiam fracos, impotentes surgem por detrás de sua *nova pele*, como verdadeiros heróis. Essa sensação é similar ao efeito de uma droga dionisíaca, que dá prazer, poder e glória. Assim como os efeitos colaterais de uma droga, as conseqüências desse mercado das aparências são devastadoras em virtude do empobrecimento e da falta de esclarecimento humano capaz de provocar mudanças no sistema de produção capitalista, que a cada momento se fortalece sutilmente por meio do *marketing*. Sabino (2002) esclarece:

se no início o processo de racionalização e disciplinarização corporal estava relacionado a práticas e saberes religiosos, passando, logo após, para a administração estatal, hoje são o *marketing* e o mercado os novos senhores desta administração. O puritanismo traveste-se de hedonismo, produzindo uma espécie de repuritanização das práticas corporais. (p. 151)

2.2.1 Corpolatria e gênero nas representações de corpo na academia

Os fatores apontados anteriormente, levam à conclusão de que as mulheres incorporaram, por meio da mídia, de maneira bem acirrada, o que Malysse (2002) chama de *corpolatria*, que, segundo o autor, são “manipulações sociais de relações pessoais com o corpo, e a *corporeidade modal* de um grupo social é reinterpretada e atualizada por cada um de seus membros” (p. 93), podendo desta maneira as *corpolatrias* serem analisadas “como incorporações

individuais de diversos valores modais da aparência física, que são os fundamentos das novas coletividades” (p. 93). As mulheres mostram uma preocupação maior em relação à aquisição de um corpo perfeito e também uma adesão mais fácil ao discurso da indústria cultural que o homem. Malysse (2002) adverte: “O corpo “virtual” apresentado pela mídia é um corpo de mentira, medido, calculado e artificialmente preparado antes de ser traduzido em imagens e de tornar-se uma poderosa mensagem de *corpolatria*” (p. 93). São lançadas diariamente pela mídia imagens-normas que levam as pessoas a perceberem que, entre aquele corpo que se vê e aquele que se tem, há uma enorme diferença. A distância entre a imagem midiática e a imagem de si próprio leva as pessoas a ficarem insatisfeitas com sua aparência, sobretudo as mulheres, que são afavelmente convidadas a considerar que seu corpo é defeituoso.

A busca pela estética é um dos principais objetivos do exercício de atividades físicas em todo o Brasil (Pereira, 1996; Lovisolo, 1997; Novaes, 1998; Anzai, 2000), o que demonstra que “as práticas de malhação têm um caráter sintomático em relação ao consenso corporal brasileiro em seus aspectos modais” (Malysse, 2002, p. 94). Existe atualmente uma acentuada valorização dos corpos nas academias de musculação, a ponto de ser ele comparado a uma obra de arte, de forma que sua exibição muitas vezes, demonstra uma valorização também do indivíduo. O corpo, por meio de sua exibição estética, atualmente extrapola o limite entre a arte e a vida cotidiana, ultrapassa rapidamente os limites da representação e se transforma em esteriótipo. Malysse (2002) revela que as mulheres buscam uma *forma ideal*, que se refere, ao mesmo tempo a um modelo de corpo e a um estado de bem-estar psíquico, e o leva a dizer que a palavra *forma* corresponde à sua dupla dimensão: higiênica e estética.

Na Grécia antiga, as academias funcionavam como local de aprendizagem corporal, mas também de outros aspectos que se relacionavam com a *polis*, como arte, música, etc. As academias de ginásticas modernas aparecem como verdadeiras instituições pedagógicas do corpo. É um local de aprendizagem no qual as pessoas aprendem, por meio de passos pedagógicos a *construir* seu corpo.

O antropólogo Francês Sthéfane Malysse (2002), por meio de pesquisa sobre a *corpolatria*, realizada no Rio de Janeiro, observa que o corpo das

francesas é extremamente diferente do corpo das cariocas. Nesse sentido, para o pesquisador cada sociedade procura esculpir o corpo das mulheres e indaga “qual o corpo feminino feito por cada sociedade e para cada sociedade?” (p. 96). O autor procura mostrar alguns esteriótipos que constituem os sinais distintivos de feminilidade. Há uma produção do corpo feminino no interior das academias e uma passagem de uma estética a uma ética feminina, que se denomina, segundo Badrillard (*apud* Malysse, 2002), *moralização do corpo feminino*. Badrillard (*apud* Malysse, 2002), ainda ressalta:

Desse modo, as mulheres tornaram-se responsáveis por seus próprios corpos, tanto por suas formas quanto por seu envelhecimento, e as atividades paraesportivas tornam-se assim um dever para consigo mesmas. O crescimento dessas atividades se inscreve numa apropriação do culto ao corpo feminino pelas próprias mulheres. (p. 97)

Várias revistas femininas usam diminutivos para referir-se ao corpo da mulher criando quase que um diálogo com o corpo a ser transformado: eliminar alguns quilos e ficar *sequinha*; moldar seu *corpinho*. Surge uma espécie de diálogo que “assimila o corpo à posse de um objeto familiar. O corpo não é mais uma massa inerte, mas um *halter ego* que irradia sensações e sedução” (Le Breton, *apud* Malysse, 2002, p. 97). O treinamento físico a que é submetido o corpo passa a ser uma arte que lembra a arte da guerra que todo indivíduo tem que travar contra si, contra seu próprio corpo.

No século XIX, na França, era comum os homens serem *grandes e musculosos* pela prática de exercícios físicos, o que significava virilidade, força, poder. As mulheres modernas, fortes e musculosas, que seriam ridicularizadas naquele período, são atualmente motivo de sucesso, ganham as capas das revistas, e são valorizadas por toda sociedade, o que demonstra como a *corpolatria* de cada período histórico constrói as variações de gênero. Com o intuito de aumentar os músculos, as mulheres, sobretudo as de classe média, dirigem-se à academia para fazer musculação, e chegam a contratar um *personal trainer* para montar seu programa de exercícios. Esse profissional faz o trabalho de um treinador físico, às vezes, de psicólogo, e, muitas vezes, organiza a dieta de seus alunos. Malysse (2002) ressalta:

Assim, o *personal trainer* é como a sombra do *corpólatra*, seu guia corporal, que o ajuda a montar um programa individualizado, calcula os pesos e as séries, corrige sua postura e, principalmente, observa e estimula sua motivação e sua boa forma. Sua presença durante os exercícios não apenas dá ao aluno um modelo de corpo ideal, mas também lhe fornece apoio psicológico por meio da voz, como um treinador. (p. 101)

A tese proposta por Baudrillard (*apud* Malysse, 2002) é que o consumo está ligado à passagem do corpo *natural* ao corpo *artificial*. Essas práticas, antes de tudo, são de consumo do corpo e nem todas as mulheres conseguem por meio de técnicas variadas (academia, suplementos alimentares, *personal trainers*, etc) adquirir o corpo que a mídia propõe. Existe uma distância entre o desejo e a possibilidade de mudar de corpo, que surge como diferença social. “Muitas são as mulheres que devem se contentar com sua vassoura e sua imaginação para modelar seu corpo ‘de classe’, assinala Malysse (2002, p. 102). Nesse contexto, há uma diferença entre o corpo *artificial* do rico e o corpo *natural* do pobre, que se reproduz em uma escala social de beleza – ambos lutam contra seus *defeitos corporais*. A cada dia, os comportamentos sociais das mulheres de classe média-alta distanciam-se dos comportamentos das mulheres de classe inferior. Assim, Malysse (2002), após pesquisa realizada no Rio de Janeiro, declara:

As cariocas estão cada vez mais condenadas a exibir o corpo de sua classe, e aquelas que não podem comprar o estilo de corpo fornecido pelas academias se sentem estigmatizadas. (p. 103)

No Brasil, a questão do gênero está situada em um contexto de ordem social profundamente patriarcal, em que “os conceitos de masculinidade e feminilidade fornecem os fundamentos ideológicos que construíram tradicionalmente a base do universo de significados sexuais e corporais no Brasil” (Malysse, 2002, p. 103).

Algumas partes do corpo são melhor trabalhadas por homens e mulheres, por meio dos exercícios realizados na academia, o que parece levar a uma construção do gênero. Os homens concentram seus esforços nas porções superiores do corpo: peito, costas e bíceps. Já as mulheres enfatizam o trabalho nos membros inferiores – o que amplia a diferença anatômica entre os gêneros – quadris, nádegas e coxas, incorporando os atributos da feminilidade. Malysse

(2002) aponta que “as distinções entre dois tipos opostos ou complementares de anatomia transformam-se assim em noções de feminilidade e masculinidade que são os códigos de um sistema peculiar de valores culturais” (p. 104).

No interior das academias, muitas mulheres fazem uso de substâncias anabolizantes para conseguir um corpo musculoso, o que demonstra a tendência à virilização da estética e também da ética feminina na sociedade atual. A mudança de comportamento – ética – se dá por meio do ritual que é seguido nas academias pelas pessoas, para obter a almejada estética corporal. Essas práticas levam a características individualistas, competitivas e masculinizantes (Sabino, 2002). A mídia propagandeia, gradativamente, a transformação do corpo feminino em um novo padrão corporal: uma masculinização das formas, uma acentuação em seus contornos e uma aparência mais viril. As mulheres já não querem aquele corpo modelo *violão*, preferem um corpo mais voltado ao modelo da *guitarra*. Diversas matérias acusam que as mulheres famosas e formadoras de opinião estão perdendo uma das principais características de sua feminilidade na cultura ocidental: a cintura. Sabino (2002) cita como exemplo, uma matéria do jornal *O Globo* de 18 de março de 2001:

As mulheres conseguiram finalmente perder a feminilidade. Estão com pernas de jogador de futebol, braços de estivadores, barrigas de tanque de lavar roupa e, de tanto tomar bomba para secar a gordura, estão parecendo umas *drags*. É a vitória dos travestis. (p. 145)

Sabino (2002) denomina essa nova tendência ético-estética de *andolatria*, que consiste na adoração, tanto por homens como por mulheres, dos princípios morais, éticos constitutivos da masculinidade hegemônica, que têm correlação com um homem bem-sucedido economicamente, forte, viril, competitivo, destacado e que resiste à dor física e emocional. As mulheres passam desta forma, a “reutilizar contra os dominantes as suas próprias armas, tendo de aplicar e aceitar as próprias categorias que pretendem demolir (...)” (p.183). A *andolatria* perseguida pelas mulheres justifica-se, na atualidade, por elas passarem a assumir papéis no mercado de trabalho que antes eram considerados apenas masculinos. Nesse sentido, a necessidade de as mulheres sentirem-se desejadas, fortes e elegantes pode não ter apenas relação com a estética

corporal, mas com a sua atitude ética na sociedade, na tentativa de eliminar o estigma social de seres frágeis, dóceis, sem a mínima capacidade intelectual para competir com o homem no mercado de trabalho. Nesse sentido, Sabino (2002) salienta:

No inconsciente dessas mulheres, é possível que os valores considerados positivos estejam diretamente associados à masculinidade. Apesar de serem exemplos de independência feminina, tais mulheres – da mesma forma que vêm fazendo os homens há milênios – semantizam a condição feminina tradicional, e tudo que a ela se relaciona, como condição incompleta que deve ser evitada por todos aqueles que querem ser bem-sucedidos. (p. 183)

O mercado de trabalho atual estabelece tantas exigências aos trabalhadores que, mesmo sendo eles qualificados, ainda assim precisam submeter-se à idéia de corpo forte e produtivo, como salienta Foucault (*apud* Baptista, 2001). Essa lógica radicada na cultura ocidental, que considera um objeto não só o próprio corpo, mas também o do outro, ilustra o racionalismo a que as sociedades atuais estão submetidas, o qual reduz todas as coisas ao fetichismo da mercadoria. Os valores consumistas “vêm invadindo, desta forma, todos os campos das relações humanas, da medicina aos relacionamentos amorosos” (Sabino, 2002, p. 184).

A academia, dessa forma, constitui um espaço em que a mulher aprende com os professores ou com outras *marombeiras* e *veteranas* a construir e a manter um corpo que simboliza tudo aquilo que antes lhe era cerceado: liberdade, força, autonomia, também, juventude. Acredita-se que essas características podem ser obtidas com grandeza dos músculos e diminuição da gordura. Ainda, é pertinente considerar que a academia é mais um produto da indústria cultural, que se pronuncia por intermédio do mercado em uma direção não prioritariamente econômica, mas mediante mecanismos de trocas simbólicas pelas relações sociais, inscrevendo-se no corpo e na pele de cada indivíduo (Sabino, 2002).

CAPÍTULO III

JOVENS MULHERES ESTUDANTES E OS MECANISMOS DE MANUTENÇÃO DO CORPO NAS ACADEMIAS DE GRANDE PORTE

O objetivo deste capítulo é a análise de três entrevistas realizadas com jovens mulheres universitárias que praticam atividades físicas ou realizam práticas de perpetuação/manutenção do corpo, com a finalidade de perseguirem o ideário valorizado socialmente nessa sociedade, em que tende a prevalecer a cultura da juvenilização em academias denominadas de *grande porte*.

3.1 Lara: “Pode-se olhar que quando uma pessoa tem uma estética legal, com certeza a alimentação e a saúde estão saudáveis”

Lara tem 23 anos, mede, 1m 67cm e pesa 57 quilos. Cursa uma instituição de ensino superior privada. Faz atividades físicas regularmente há dois anos. Atualmente frequenta uma academia de ginástica em seu bairro cinco vezes por semana, fazendo exercícios duas horas por dia com a orientação de um *personal trainer*. Lara afirma:

Faço atividade física regularmente há dois anos, faço praticamente a musculação e a ergometria cinco vezes por semana. (...) em média de uma hora e meia a uma hora e quarenta. Eu tenho um *personal* que me acompanha já tem dois anos.

Lara é a filha mais velha de uma família composta de pai, mãe e duas filhas. A família de Lara goza de boa condição financeira e está estabelecida em um bairro nobre da cidade. O pai não concluiu o ensino superior, no entanto, atualmente, é um empresário bem-sucedido, embora também já tenha exercido outra profissão anteriormente. A mãe tentou fazer curso superior, mas não conseguiu passar no exame vestibular. Depois que se casou, tornou-se dona-de-casa. A irmã cursou *Design* de Interiores, tem um escritório próprio e também

trabalha com o pai. Lara julga sua família muito unida e a situa como a coisa mais importante de sua vida:

é bem unida mesmo, meu pai não afrouxa de jeito nenhum. (...) Minha família está em primeiro lugar, em tudo, em tudo, até meus estudos, minha relação com o namorado, meu casamento futuro, eu não sei como vai ser. A família em primeiro lugar.

Em sua fala, estão presentes expressões como união da família, respeito mútuo, diálogo entre seus componentes, e também, algo que serve de sustentação, orientação e apoio. Para ela, trata-se de uma família

que dá apoio um para o outro, sem briga. (...) eles tentam da melhor forma estar me alertando, orientando. Não aquela coisa: você não pode, é proibido. (...) Eles sentam comigo, abrem minha cabeça, tentam expor o que eles estão pensando e cabe a mim decidir.

Lara aponta que, nas famílias tradicionais, havia uma certa predominância do machismo, e isso a faz valorizar as famílias da atualidade, pois as relações entre os membros são mais liberais. Em contrapartida, analisa que o excesso de liberdade na família pode prejudicar o comportamento dos jovens:

Eu acho que está melhorando, porque antigamente era muito rígido (...) o machismo predominava demais, sabe, então está melhorando apesar que tem muitos que eu acho muito liberal, de repente até os próprios jovens de hoje... Estão tão desinteressados. Até a família é muito liberal.

A religião da família é a católica. Para Lara, a religião é importante, mas ela não concorda com a obrigação de as pessoas terem que confessar seus pecados a um padre, que, segundo ela, “é um ser humano igual a todos nós, pecador igual a nós...”. Apesar da família ser católica, Lara consegue elaborar algumas críticas em relação à instituição, pois prefere ela própria “conversar com Deus, sozinha”.

Na academia, ela pratica musculação e ergometria. A família valoriza muito as atividades físicas e todos as praticam. Segundo Lara, esse foi um dos motivos para que ela começasse a frequentar academia de ginástica, sobretudo pelo incentivo da mãe. Lara declara:

Todos valorizam muito [a prática de atividades físicas], (...) Querendo ou não eu acho que influenciou também. Acaba chamando: não vamos? (...) minha mãe desde o início ficava puxando a gente, apesar que tanto eu quanto a minha irmã a gente sempre fez... durante nove anos, balé.

Todos na família dispõem de *personal trainer*, ao qual ela atribui extrema importância para a orientação dos exercícios realizados. O interesse dos pais por atividades físicas evidencia a formação do *habitus* primário que inculca as primeiras orientações na forma de agir, sentir e ter predisposições variadas atitudes. Para Bourdieu (*apud* Bonewitz, 2003), a socialização é caracterizada pela formação do *habitus*, que ele assim conceitua:

os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposição duradouros e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a visada consciente de fins e o controle expresso das operações necessárias para atingi-los, objetivamente “reguladas” e “regulares”, sem ser em nada o produto da obediência a regras e sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro. (p. 77)

Lara tem a percepção de que para sua afirmação profissional não basta apenas o capital cultural e a titulação obtidos por meio da realização de um curso superior mas, ainda, de uma ampla rede de relações ou capital social. Na academia, cultiva relações de amizade com grande parte dos professores e também alunos, percebendo a importância desses *contatos* para o sucesso de seu futuro profissional. O capital social é identificado por Bourdieu (1980) como

o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por *ligações permanentes úteis*. (p. 67; grifos do autor)

Lara estabelece uma relação entre estudo e trabalho, porém, não a entende como fundamental. O relacionamento interpessoal e as redes de relações, têm para ela, maior importância e significação em sua vida, e argumenta:

Eu acho assim, que de repente... Não, com certeza estudo é fundamental, mas eu acho que conta muito, principalmente na minha área, em que eu quero mexer, conta você estar, assim, ta diversificando as coisas, modificando, tendo um bom relacionamento com as pessoas. (...) O paciente não está muito preocupado se você faz isso, se você faz aquilo, não. Ele está preocupado em dar resultado, você entendeu? Então eu acho assim, que o estudo é fundamental, não estou falando que ele não seja, não. Mas eu acho que, por exemplo, tem muita gente que morre de estudar, estuda de mais, super inteligente e acaba que aquela pessoa que não tinha tanto estudo sai melhor que a própria pessoa inteligente, entendeu?

Em relação ao curso superior na área de saúde, Lara afirma que seus pais não influenciaram sua decisão. Teve liberdade de escolha, uma vez que eles queriam que ela cursasse Administração. Apesar de Lara considerar seu pai bem-sucedido, não segue a sua trajetória profissional. Como o pai não concluiu o ensino superior, ela valoriza esse nível de estudo como forma de distinção, o que se reflete em sua conduta em relação aos estudos: mostra-se interessada e disposta a lutar para se sair bem nos seus estudos. Lara revela seus planos:

O que eu mais gosto em minha vida, seria a minha faculdade, em primeiro lugar agora. (...) Na verdade, eu queria fazer um curso fora do país, até para eu estar estudando inglês. (...) Meu plano primeiramente é me formar e estar investindo na minha carreira, tipo fazendo concursos, pós-graduações.

Em relação ao espaço universitário, Lara assevera que tanto os professores quanto os alunos, valorizam a aparência (não só física, mas também estilo da vestimenta, meio de transporte que utiliza, etc.) e a condição econômica dos alunos. A questão do corpo e sua estética é referência de avaliação para ser bem-sucedida ou não profissionalmente. Constata que prevalecem valores relacionados à situação sócio-econômica e ao aspecto estético:

é a futilidade, o que eu observei nesses quatro anos de faculdade, que observo muito é o valor do dinheiro. (,,,) Eu acho que o

interesse está bem escrito na cara, sabe, das pessoas. (...) elas valorizam não pelo que sou. Não só eu, estou falando das outras pessoas também, que eu ando observando, os professores também. E na minha profissão querendo ou não, a competição é terrível. Não acho que é só minha profissão, mas por ser só uma profissão em que maioria é mulher, é uma competição muito desonesta. (...) Eu acho que o dinheiro está em primeiro lugar, a estética, né?

O curso superior que está realizando levou-a a interessar-se pelo aperfeiçoamento do corpo. Percebe-se em sua fala que, depois da família, em segundo lugar, situa-se o curso da área de saúde que realiza, os quais atuam como agências socializadoras que reforçam suas disposições em relação à vontade de cuidar do corpo e se alimentar bem:

O meu próprio curso me estimula em relação à estética. (...) A gente estar adquirindo hábitos alimentares. (...) Porque o profissional de N, querendo ou não as pessoas que o procuram, querem que o profissional esteja esteticamente bem, que ele coma correto, que não esteja entre aspas obeso, gordinho.

Lara, apresenta em sua fala certas ambigüidades, pois, apesar de apresentar o valor da saúde como justificativa para o cuidado com o corpo, não deixa de demonstrar nas *entrelinhas* que dá também um grande valor à estética. Expressa a necessidade de cuidar do corpo para garantir a saúde, embora também valorize a estética:

Eu tenho a parte desse mundo em relação à estética. Lógico que todo mundo hoje tem que preocupar. O jovem em si tem que preocupar para estar evitando de repente doenças futuras. Uma patologia... Pode vir aí uma osteoporose, ou uma obesidade, ou um colesterol elevado, tudo. Mas eu acho que a vida nossa não é só malhação e não é só preocupar com a estética, não. Tem coisa muito mais importante para preocupar.

Associa o conjunto de exercícios físicos que realiza à importância da pessoa ter uma *boa aparência*. Nesse sentido, afirma:

Para a aparência, com certeza, aparência é você estar olhando a pessoa e estar vendo que ela está saudável, mas praticamente pode-se olhar que quando uma pessoa tem uma estética legal, com certeza a alimentação e a saúde dela está saudável. (...) Não penso

assim em estar com o corpo bonito, *sarado* assim. Eu acho que a pessoa tem que estar legal, tem que estar com o corpo bem legal. É fundamental.

A rotina diária de Lara expressa a maneira como ela persegue o ideário proposto pela mídia e a sociedade. A academia de ginástica tem um papel significativo em sua vida, pois é um espaço privilegiado em que efetiva cotidianamente o ritual de manutenção de um corpo, saudável, bonito. O ideário que está introjetado em seus gestos, ações, como *habitus*, permite a ela a execução de práticas repetitivas que acontecem quase que automaticamente. Para ela cuidar do corpo é uma necessidade de significar um bem que expressa um estilo de vida associado à forma de reproduzir os valores simbólicos de distinção de sua classe social. Também, trata-se de uma exigência profissional, pois o curso pertence à área de saúde, um campo em que prevalece um discurso baseado no higienismo corporal, isto é, faz-se uma defesa de mecanismos de prevenção à saúde, de manutenção da higiene corporal e, também, de combate ao uso de produtos e estratégias que não sejam naturais em relação ao corpo. No conjunto dos argumentos apresentados, Lara posiciona-se contrária às cirurgias plásticas e a outras intervenções:

Cirurgia plástica ou qualquer uma eu não sou de acordo, mas eu acho que uma boa alimentação... Em relação à alimentação para mim é tudo. (...) Eu acho que, além do *personal trainer*, seria a alimentação em primeiro lugar, atividade física e o *personal* que me acompanha que eu acho que me ajuda também muito. Eu não faço massagem e aplicação de enzimas, não sou contra, mas não faço.

Considerar as orientações de seu professor sinaliza que Lara internaliza a ação pedagógica realizada pelo professor de ginástica, no interior da academia, de forma naturalizada como continuidade da socialização familiar. As práticas educativas da academia portadoras da legitimidade de um discurso que dissemina a idéia de corpo com músculos e pouca gordura são aceitas sem questionamentos por ela.

Considera-se uma jovem saudável, e associa essa condição à boa disposição em realizar diversas atividades. Para ela, ser jovem está relacionado à vitalidade, ao dinamismo, à força e à vida saudável. Explica que ser jovem: “é ter

disposição, é ter... uma vida saudável em um ambiente bem familiar. É ter capacidade para realizar várias coisas, que às vezes um idoso não tem condição”

Trata-se de uma jovem que vive em um mundo pautado por uma relação estreita com o corpo, de forma que depende dele nas relações sociais que estabelece e para o bom desempenho no exercício futuro de sua profissão. Ao referir-se aos outros jovens, faz uma espécie de crítica, dizendo que eles dão importância apenas ao corpo, porém, não tem percepção do seu envolvimento no mundo da estética e do culto ao corpo:

O que eu ando percebendo é que a maioria anda bem preocupado em relação à parte física, a estética. Porque, às vezes, eu acho que muitos nem estão preocupados em relação ao estudo, só estão preocupados em estar investindo em corpo, em estar gastando com suplementos, com drogas, ou seja, bombas. (...) eles estão mais ligados à estética.

Ela chega a ter a percepção de que faz parte dessa lógica de valorização do corpo e admite sua submissão à estética, entretanto, considera-se estudiosa e tem vários planos futuros, qualidades que a diferenciam dos demais jovens. Segundo Lara:

muitos nem estão preocupados em relação ao estudo, só estão preocupados em estar investindo em corpo. (...) Acho que eles não se preocupam com estudo, com trabalho, com a condição atual do país. (...) Eu tenho parte desse mundo em relação à estética. Lógico que todo mundo hoje tem que preocupar. (...) estar investindo na minha carreira, tipo fazendo concursos, pós-graduações.

No final de semana, gosta de sair com amigos e o namorado, freqüentar o *shopping* e diversos restaurantes da cidade. Ela assinala que “a falta de perspectiva, vontade de vencer na vida” dos jovens depende da família e não das condições sócio- econômicas, e acrescenta:

eu acho que a família conta muito em estar impondo ou estar cobrando isso também. Que, às vezes, em casa mesmo elas [as jovens] vêem alguém da família que não está trabalhando, não está se esforçando, acaba sendo assim dessa forma, na criação mesmo.

Lara tem um namorado há quatro anos, e a academia é um local de encontro dos dois durante a semana. Em relação ao futuro pretende casar-se,

constituir família, ser bem-sucedida no campo profissional e esteticamente. Lara justifica:

acho o casamento um coisa linda. (...) sou super a favor... eu devo me casar, se Deus quiser, o mais rápido possível. (...) Tudo, bem clássico, bem conforme o mandarim. Acho que tem que ser conforme o jeitinho que sempre foi: super tradicional. (...) eu pretendo daqui à cinco anos estar muito bem, em tudo. Em relação à família, ao casamento, na área profissional, estética, em tudo.

3.2 Amanda: “Nenhum paciente vai querer tratar com uma gordinha !!!”

Amanda tem 19 anos e faz atividades físicas há três anos. Cursa uma faculdade particular e está no oitavo período. Frequenta uma academia no bairro em que mora cinco vezes por semana, duas horas por dia. Tem 1m63cm de altura e pesa 59 quilos. Na academia, ela faz musculação, ergometria e *spinning*: “faço tem uns três anos. Sem interrupção, tem dois anos. Faço *spinning*, musculação e aeróbico (ergometria) cinco vezes por semana. Duas horas”.

Ela pertence a uma família de classe média composta por cinco pessoas: pai, mãe, uma irmã e um irmão. Quatro membros da família moram juntos, e sua irmã mora em outra cidade. O pai e a mãe são profissionais da área da saúde e sócios proprietários das respectivas clínicas, o irmão e a irmã são formados em curso superior e já atuam profissionalmente. Na sua fala, está presente uma apreciação positiva da família, em que “todos são amigos”, e também a considera a coisa mais importante de sua vida. A respeito das relações familiares, assim se manifesta:

Com meus pais, meus irmãos eu sou muito aberta. A minha mãe sabe mais da minha vida do que eu. Tudo que eu faço eu falo para ela, ela é muito amiga minha... E meu irmão também, meu pai também... (...) A coisa mais importante na minha vida é minha família. Porque é por causa dela que eu estou aqui. (...) é uma excelente família, amigos, tudo de bom.

Ao fazer considerações sobre os relacionamentos familiares, expressa sua opinião de que “as famílias de hoje são mais liberais”. Considera que as famílias tradicionais mantinham valores que, na atualidade, estão desaparecendo. Nesse sentido, percebe as mudanças vividas pela instituição família mas defende o

formato patriarcal e seus mecanismos de existência. Quase lamenta as novas formas de agrupamento familiar, quando diz :

as famílias antigamente eram mais tradicionais, agora não, igual, para ter relação sexual na família antiga tinha que casar, agora não, e com isso aumentou o número de mulheres solteiras com filho. (...) Eu acho que não é certo isso, acho que tem que ter o limite, tem que ter liberdade, mas tem que ter limite.

A família de Amanda é católica, e ela justifica: “Eu não, meu pai e minha mãe todos os finais de semana vão para a igreja”. Considera a religião importante porque pensa que Deus ajuda em tudo: “Me ajuda a ficar bem comigo, a não acontecer nada comigo e com a minha família. Nada de mal”.

Ela demonstra uma excessiva preocupação com o corpo, ao praticar exercícios cinco vezes por semana, duas horas por dia. Justifica o culto ao corpo por a família inteira praticar atividades físicas e, ainda, por os pais terem sido desportistas:

A minha família inteira fazia. No início, meus pais queriam que eu fizesse natação e eu não queria natação e daí fui para a academia. (...) E também porque eu preocupo muito com meu corpo. (...) Meu pai foi até campeão de natação, minha mãe jogou vôlei durante muito tempo.

A preocupação com o corpo influenciou Amanda a prestar exame vestibular na área da saúde mas não no curso que os pais desejavam. O atual curso que frequenta impõe regras rígidas de controle do corpo reforçando *habitus* anteriores. “aí eu prestei, porque eu comecei a preocupar com o corpo e gostar ainda mais, preocupar com a alimentação...”. Argumenta que em seu curso se exige uma aparência física adequada:

E os próprios orientadores exigem isso. (...) tanto que a coordenadora do curso já falou para uma aluna que é para ela emagrecer até o final do curso senão, não vai dar para ela... ninguém vai querer tratar com uma gordinha.

Amanda percebe na faculdade uma valorização excessiva também pelo capital econômico das pessoas, de maneira que

os professores diferenciam os alunos pelas diferentes classes sociais. Puxa saco daqueles que parecem ter uma classe social mais alta, e os de classe baixa eles não dão muita atenção. (...) hoje eles avaliam mais a aparência.

Em relação ao trabalho considera, que sua aparência física irá contribuir para que ela consiga arranjar pacientes, quando, futuramente, ingressar no mercado de trabalho, e justifica: “porque nenhum paciente vai querer se tratar com uma profissional gordinha, porque se ela não consegue emagrecer ‘ela’, não vai conseguir emagrecer o paciente”. O *visual* passou a ser considerado ideal na maioria das carreiras, o que leva a grande maioria das pessoas a perseguirem práticas de melhorar a aparência, até mesmo com cirurgia plástica. Segundo descoberta dos economistas Hamermesh e Biddle (1994), em estudo realizado no mercado de trabalho norte-americano, “pessoas bonitas de ambos os sexos ganham cerca de 5% a mais por hora, mesmo na mesma ocupação” (*apud* Edmonds, 2002, p. 222). Apesar de ainda não trabalhar, Amanda pensa que o trabalho é importante, por estar relacionado à independência financeira em relação aos pais e, também, é uma maneira de ocupação do tempo ocioso: “É importante porque é bom para ocupar o tempo, e também para você ter uma renda e ficar independente dos pais”. Associa a quantidade de títulos a um melhor desempenho no trabalho, deixando claro sua pretensão de titular-se para garantir socialmente sua posição por meio do estudo:

por isso que eu não quero ficar só com a faculdade. Quando eu me formar, eu quero me especializar, fazer uma pós-graduação fora de Goiânia, para depois eu ter um currículo melhor no mercado de trabalho. (...) Quero mexer na área de esportes, trabalhar numa academia e ter um consultório na área clínica”.

Diversos espaços, distintos do familiar levaram-na a construir um conjunto de informações sobre a *necessidade* de valorizar o corpo. O mundo da comunicação, em especial, as revistas de divulgação genéricas que instigam os cuidados com o corpo constituem para ela importantes fontes para estimular os exercícios físicos. Afirma: “[A] revista, que mostra muito a importância da

atividade física. (...) Eu aprendi depois que comecei a fazer [meu curso universitário] comecei a preocupar mais com meu corpo”.

É recorrente em sua fala a importância do curso superior que frequenta para justificar o seu culto ao corpo. Parte de seus argumentos está relacionada ao bem-estar de vida que os exercícios físicos proporcionam à saúde. Para ela, o cuidado com a saúde é o principal motivo que a leva a praticar exercícios físicos e “a estética não é tudo”. Ao ser questionada pelos motivos que a levam a uma academia, coloca a saúde em primeiro lugar; a estética, em segundo; o convívio social, em terceiro, e o lazer em quarto lugar. Amanda justifica:

Para a saúde da pessoa, para a estética, para o emocional da pessoa (...) Futilidade sobre isso. Porque muitas pessoas acham que isso é tudo, e isso não é tudo. Penso que primeiro lugar é a saúde e depois a estética.

Cabe ressaltar que, embora faça uma espécie de apologia à saúde quando fala a respeito do motivo que a levou praticar exercícios com assiduidade, Amanda demonstra a importância equivalente que atribui à estética, à boa aparência e à ênfase à construção de um corpo bonito e modelado segundo as exigências da corpolatria na sociedade contemporânea. Salienta que a melhora de sua aparência contribui para um aumento da auto-estima, confirmando, em sua fala, o que afirma Edmonds (2002) sobre uma mudança cultural em relação à beleza na atualidade, que leva a um consenso e a uma generalização a aceitação, no tocante a aceitação de meios para melhorar a aparência com atitudes resumidas, como: “1) a crença num vínculo fundamental entre auto-estima e aparência física; 2) a crença de que a aparência tem um valor de mercado” (p. 212). Nas palavras de Amanda, a atividade física é importante

para a auto-estima da pessoa. Para a pessoa ser melhor em tudo... Para arrumar mais namorado. Para os homens olharem mais... para deixar as mulheres pra trás. (...) Para melhorar sua auto-estima, para ficar mais bonita para você e para as outras pessoas. (...) Se eu estiver gorda não vou estar bem comigo. Se eu me sentir gorda. Agora se eu achar que estou bem eu vou me sentir bem.

Por meio de uma ação pedagógica eficaz, Amanda aprendeu a valorizar a beleza corporal. Segundo Bourdieu e Passeron (1992), a ação pedagógica:

é objetivamente uma violência simbólica, num primeiro sentido, enquanto que as relações de força entre os grupos ou as classes constitutivas de uma formação social estão na base do poder arbitrário que é a condição da instauração de uma relação de comunicação pedagógica, isto é, da imposição e da inculcação de um arbitrário cultural segundo um modo arbitrário de imposição e de inculcação (educação). (p. 21)

Na família por meio da educação, o indivíduo sofre a ação pedagógica dos pais, que detêm autoridade e legitimidade para fazer valer normas e valores constituintes de seu universo cultural. Ao fazer a análise dos conceitos de Bourdieu, Vasconcelos (2002) esclarece a noção de violência simbólica como um fator que expõe os determinismos e as forças das coações sociais:

Através do uso da noção de violência simbólica ele tenta desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como “natural” as representações ou as idéias sociais dominantes. A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as animam e sobre a qual se apóia o exercício da autoridade. (p. 80)

Essa persuasão jamais se realiza pela imposição da força física, mas do poder simbólico constituído. A inculcação realizada pela família, de um lado, e pela instituição de ensino, de outro, faz Amanda aceitar qualquer tipo de recurso para melhorar sua aparência, porque “ela tem medo de envelhecer”. Já fez cirurgia plástica, seguindo o exemplo da mãe e da irmã:

foi que eu vi a delas, e também de algumas amigas que fizeram (...). Fiz lipoescultura. Tirei a gordura localizada, que tinha uns pneuzinho e coloquei no bumbum (...) Eu acho que não está errado não, se tem condição de fazer, tem que fazer.

Ao ser questionada sobre sua reação ao resultado à cirurgia, ela afirma: “Fiquei, muito satisfeita ...”. A cirurgia plástica, reduz as fronteiras de idade entre gerações, permitindo que o corpo de mãe e filha, de gerações diferentes, se aproximem em relação à suas feminilidades: é um “novo contexto comparativo e unificador ao mesmo tempo” (Edmonds, 2002, p. 209). Essa aproximação engendra o surgimento de indivíduos sem distinções no interior da família moderna, em comparação com o patriarcalismo das famílias tradicionais, em que os papéis entre seus componentes eram rigidamente separados e marcados, e

cada posição era definida por diferenças éticas: a mãe diferenciava-se da filha solteira simplesmente porque era mais velha, mãe e casada. Filgueira (*apud* Edmonds, 2002) ressalta que a plástica, nesse sentido, está ligada à *modernização da família*, que elimina distinções de papéis no interior dela: “Uma nova noção de indivíduo ‘com direito ao prazer e a liberdade’ unificará mãe e filha, em vez de separá-las e distingui-las” (p. 210). Nessas famílias, criam-se relações pessoais em que seus componentes se vêem como indivíduos iguais. No entanto, há que se ressaltar que, muitas vezes, mãe e filha, embora “estejam unidas por seus direitos, desejos e deveres comuns enquanto *indivíduos*” (p. 210), podem estar separadas em virtude de uma relação de desigualdade e competitividade entre *mulheres*, sobretudo se a mãe estiver em uma condição de vida solteira, em que a união conjugal já se desfez. A aparência mais jovem permite uma nova condição social, que incita uma concorrência entre as duas, tanto no mercado de trabalho como na diferença de idade, em uma sociedade que glorifica a beleza e a juventude.

Amanda afirma, ainda, que se sujeitaria a “[ingerir] remédio... Tudo que tiver para melhorar eu faria”. Diz não ser capaz de tomar hormônio anabolizante, “mas umas injeções de enzimas eu teria coragem”. Ela faz parte de um público em que há “pacientes-consumidores (...) responsáveis pela administração contínua de sua própria saúde por meio de conhecimentos médicos, psicológicos e farmacêuticos adquiridos” (Edmonds, 2002, p. 251). Amanda insere-se na moral da estética, porque acha que a aparência física é importante para a melhora da *auto-estima* da pessoa. No entanto, a sua fala legitima a moral da saúde ao declarar que, “em primeiro lugar, é a saúde e, depois, a estética”. Amanda cultiva hábitos de cuidados com o corpo que incluem “academia, massagens e alimentação...”.

Ao ser questionada sobre suas formas de lazer, Amanda diz: “Ir pra academia. O mais importante é a academia”. No espaço da academia, Amanda demonstra uma certa independência em relação às orientações do professor o que permite inferir que ela internalizou a dinâmica das atividades físicas de maneira a ter certa autonomia nas práticas desenvolvidas. Entretanto, em sua fala, persiste a valorização do professor que orienta as atividades, “pois se você estiver fazendo errado não tem ninguém para consertar”. Amanda associa a

freqüência à academia por muito tempo ao papel de supervisão do professor em suas atividades: “O professor tem que mostrar para o aluno como se faz corretamente os exercícios e os benefícios e os malefícios do exercício”.

Amanda, que restringe as relações sociais ao ambiente em que está inserida, considera que um dos fatos significativos da atualidade é que as pessoas estão mais interessadas em fazer atividades físicas e freqüentar academias como uma forma de superar o sedentarismo e conquistar a beleza:

Hoje eu acho que as pessoas estão mais preocupadas com a saúde, a beleza, estão procurando mais a academia, o bem-estar. Antes tinha muito sedentário e então é uma coisa boa para a população em geral.

Mesmo alegando não ser muito ligada à política, Amanda tece algumas críticas a esse campo: “Na política, eu acho que nada de bom está acontecendo. Eu não sou muito ligada sobre isso, não leio, não vejo...”. Em relação aos jovens, considera que

o jovem não está participando nada de política. (...) acho que são todos desinteressados. (...) pensam que a vida é só farra, e não pensam no futuro, no que vai ser amanhã. (...) Alguns jovens estão meio imaturos, em Goiânia principalmente tem muitos jovens envolvidos com drogas.

Ao criticar o comportamento dos jovens, apesar de fazer parte de um determinado agrupamento juvenil, parece não se identificar com ele. Ela se considera uma jovem que não extrapola os limites: “Eu vivo o ideal, não extrapolo as coisas. Eu vivo dentro do limite. Eu me considero parte desse mundo, mas me acho um pouco careta”.

Ao mesmo tempo em que proclama o desinteresse dos jovens, considera que há segmentos interessados em competir no mercado de trabalho, se “dar bem na vida”, o que só depende da vontade do indivíduo:

A maioria dos jovens não estão preocupados, mas existem os que estão. O jovem quer trabalhar, se dar bem no mercado de trabalho... curtir a vida, viajar, conhecer o mundo. (...) Tudo lutando, o que você pensa você consegue.

Amanda vive uma juventude de classe média, com poucas ou nenhuma restrição na forma de consumir os bens que a sociedade oferece na modernidade. É uma jovem que dispensa um maior tempo de dedicação aos estudos, lazer e também ao corpo. Representa uma condição juvenil que *nasce* como modelo na sociedade moderna ocidental, instituído no século XX, Conforme assinala Abramo (2005), a juventude apresenta-se

como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe. Preparação feita em instituições especializadas (a escola), implicando a suspensão do mundo produtivo (e da permissão de reprodução e participação); estas duas situações (ficar livre das obrigações do trabalho e dedicado ao estudo numa instituição escolar) se tornaram elementos centrais da condição juvenil. (p. 41)

Ao ser perguntada a respeito, Amanda afirma que tem medo “de acontecer alguma coisa com a minha família. Medo do mercado de trabalho. Medo de ter dificuldade de arrumar um lugar para trabalho que me dê bem”. Em contrapartida, tem muita liberdade para passear e diz: “gosto de sair com minhas amigas pra curtir a balada”, fazer ginástica, viajar. Alega, porém que, muitas vezes, não usufrui tanto dessa liberdade. Aproveita a vida noturna para sair com amigos, curtir boates e restaurantes de setores nobres. Seu ciclo de amigos envolve sobretudo os que freqüentam o mesmo ambiente – faculdade e academia. Para ela, ser jovem “é você poder curtir a vida ao máximo possível”.

Amanda vive ambigüidades próprias de jovens mulheres pertencentes às classes médias que se *equilibram* entre as relações amorosas tipificadas como *ficar* e a imensa vontade de constituir o casamento de acordo com os tradicionais valores do patriarcalismo: “sou louca para casar, no religioso, etc.”.

3.3 Aline: “Eu deveria falar saúde, mas é mentira (...) [o corpo] é o cartão de visitas da pessoa, por mais que a pessoa seja gente boa, inteligente, se ela não tiver um bom corpo, a aparência, não fica legal”

Aline tem 23 anos, 1m67cm e pesa 54 quilos. Recentemente, terminou um curso universitário em uma faculdade particular. Faz atividades físicas regularmente há dois anos em uma academia de ginástica próxima à sua casa, cinco vezes por semana, em uma média de duas horas por dia.

A família de Aline não a incentivou para que ela procurasse uma academia de ginástica; ao contrário, “eles acham um absurdo eu gastar dinheiro com academia”. Os pais de Aline são separados, e ela mora em um apartamento com o irmão e o pai. Os dois trabalham em empresas ligadas ao capital bancário, a mãe realizou dois cursos superiores, e o seu irmão também faz faculdade. Aline tem, em sua família, um modelo de vida a ser seguido calcado nos ideais de aumento do capital cultural, já que todos na família cursaram ou cursam uma universidade.

A separação dos pais refletiu-se na forma de Aline conceber a instituição família. Ela idealiza para si, ao que parece, uma família diferente da que tem:

Uma família verdadeira. Sem egoísmos, sem... que não minta, que seja sempre juntos, unida. Diálogo, uma família com bastante diálogo. (...) até alguns anos atrás achava que casamento não funcionava pra ninguém. Agora eu vejo que não é bem assim. Pelo fato dos meus pais serem separados novos, eu tinha cinco anos de idade, então pra mim não tinha um modelo de casamento perfeito. Não perfeito, mas ideal.

Em razão da experiência vivida na *família real*, almeja recompor a instituição com o ritual que acompanha o casamento tradicional:

quero casar com toda a pompa que requer. Acho que o casamento é pro resto da vida. Pelo menos hipoteticamente... (...) é uma instituição sagrada e que toda mulher quer ter, ela faz tudo pra ser perfeito, assim.

O lazer na família realiza-se em espaços diferenciados, uma vez que o agrupamento familiar tem uma organização distinta da típica família nuclear:

Em casa o meu núcleo familiar é meu pai, meu irmão e eu. Então, a gente sai com meu pai quando ele quer fazer alguma coisa: bar. Ou, senão, com ele agora eu pego uns DVDs aí a gente assiste lá [em casa]. E com minha mãe, a gente sai pra comer, assim, tal, jantar... Ela gosta muito de ir pro cinema também.

A religião da família é católica, mas ela não a pratica: “Todos somos católicos. Mas quem vai na igreja é minha mãe, e minha avó. (...) faz tempo que eu não vou. (...) Meu pai é uma negação. Acho que ele nem sabe onde é a igreja”. Apesar de conviver com pais separados, Aline declara que a família para ela é de extrema importância:

É a base da pessoa. Sua origem. Tudo que você vê, tudo que você é, é de lá. Se você for para algum lugar do mundo você leva sua família (...). Ela é muito compreensiva, a minha mãe, meu pai, meu irmão. Tentam me apoiar. Porque se fosse uma pessoa que não tivesse uma família, terminaria o curso superior, [os pais] falaria: “Se vira”. Não, não é assim, eles entendem que eu quero fazer concurso, então me bancam totalmente. Eles entendem bem minha opção e me dão apoio emocional e tudo.

Talvez por causa de sua história de vida, Aline demonstra a sua aceitabilidade aos diferentes tipos de famílias. Contesta a família patriarcal, em que a figura masculina tem preponderância no controle dos demais membros e, ao mesmo tempo, parece não ter preconceitos com relação às opções sexuais das pessoas. Amanda compara dois modelos históricos de família. A antiga, segundo ela,

era patriarcal. O que o pai falava todo mundo tinha que acatar. Todo mundo sabia que ele tinha amante mas não podia falar nada, porque ele era o pai. Hoje em dia ainda bem que não é assim. (...) Eu acho que isso é normal já, porque acaba que você conhece tanta gente que é, assim...Então não faz diferença se é gay ou alguma coisa. Tranquilo.

Em relação aos estudos, Aline ressalta que, na sua faculdade, os alunos eram desinteressados, e “o professor que fizesse a prova mais fácil era o mais legal e não o que empenhava em ensinar melhor os alunos”. Afirma que seus pais não influenciaram a escolha do seu curso: “Eu sempre quis fazer D, desde criança”. No entanto, declara que sua mãe é formada no mesmo curso. Acredita que a cada dia precisa dedicar-se mais aos estudos, por desejar prestar concurso público: “Eu vejo que tenho que focar mais nos estudos, porque tudo depende de mim”. Durante o período da faculdade, Aline participou de vários

estágios e considera o trabalho “a forma de independência mesmo, financeira, assim. É o que ele pode proporcionar é isso: independência (...)”.

Na academia Aline faz atividades cinco vezes por semana, o que demonstra que já adquiriu o hábito de realizar sistematicamente vários tipos de exercícios físicos, chegando a dizer que *fica nervosa* quando não os realiza:

eu faço capoeira três vezes por semana, musculação todos os dias. Segunda, quarta e sexta, capoeira, e terça e quinta, de aeróbico, faço triatlon. (...) porque malhar eu malho duas horas por dia, duas horas e meia e o resto fica pra estudar. (...) Ir pra academia virou uma forma de lazer, tanto é que se eu não for parece que eu fico nervosa, não sei se é psicológico, mas parece que fica faltando alguma coisa.

Aline pode ser considerada uma adepta da *corpolatria*, que, segundo Malysse (2002), “são manipulações sociais de relações pessoais com o corpo” (p. 93). Uma das características dos *corpólatras* é sua identificação com indivíduos viciados em drogas: a falta do exercício para esses praticantes de atividades físicas, assemelha-se à síndrome de abstinência do usuário de drogas dionisiacas. A fala de Aline, revela também que a academia de ginástica acaba por tornar-se uma rotina em sua vida, de forma que a atitude de freqüentar uma academia se assemelha a várias atitudes em relação aos hábitos higiênicos realizados por ela todos os dias: tomar banho, escovar os dentes, etc. “A sala de musculação tornou-se inclusive um lugar tão banal quanto um banheiro” (Malysse, 2002) e a falta de um desses costumes torna-se um incômodo na vida da pessoa.

A forma de lazer está totalmente vinculada à academia, uma vez que o seu círculo de amigos se resume praticamente aos colegas e professores da academia. Ela afirma: “ir para academia virou um modo de lazer. (...) A academia eu gosto. Eu gosto muito do esporte capoeira e da música do bumbau”.

Aline fala da importância das orientações que o professor pode oferecer aos alunos e demonstra que tem uma relação de amizade com vários professores da academia que freqüenta:

Sem ele eu vou ficar perdida lá (...). Na musculação é ficha e toda atividade lá tem acompanhamento de um professor, tem uma atividade pra motivar, tem um programa a ser seguido. (...) Sou amiga de todos, o pessoal da capoeira a gente sai no final de

semana, na musculação eu tenho o telefone de todo mundo, na verdade fica um certo clima de amizade também.

A mídia, por meio da divulgação cotidiana e repetitiva de imagens corporais *idealizadas*, fez que Aline produzisse uma insatisfação com sua própria imagem. Entre a imagem idealizada e a materializada pelo seu corpo, Aline percebeu um descompasso, qualificando-se não-adequada para os padrões vigentes. No espelho, ela não gostava do que estava vendo, e acrescenta:

a fonte que eu fico sabendo é pelas revistas, essas coisas, eu fico sabendo que quem faz atividade física tem uma vida útil melhor, rejuvenescimento, essas coisas (...) mas o que me empurrou mesmo fisicamente foi no meu visual. Falei: “não tô legal, vou ter que correr atrás” [risos] (...) eu estava muito gorda e tinha que emagrecer de alguma forma.

Aline começou a fazer ginástica em uma academia incentivada pelo namorado:

Eu sempre comecei, só que não tinha continuidade. Aí eu comecei a namorar um cara, e ele era viciado em academia. Aí ele ficava falando, falando... Eu comecei academia (...) desde então eu estou na academia. Aí eu comecei a acostumar. É questão de costume.

Ela não titubeia ao expor que a aparência física atualmente se torna uma exigência social, que classifica as pessoas, dando-lhes ou não o direito à felicidade. Não se esconde por detrás do discurso da saúde e se revela totalmente aderida à moral da estética, quando questionada sobre a razão de freqüentar uma academia de ginástica:

Eu deveria falar saúde, mas é mentira (...) [o corpo] é o cartão de visitas da pessoa, por mais que a pessoa seja gente boa, inteligente, se ela não tiver um bom corpo, a aparência, não fica legal. (...) É questão de praxe, se você tiver um corpo, por exemplo de sessenta quilos como é no meu caso, com um metro e cinqüenta e dois... Eu não fico bem nem pra sair de casa. Como é que eu vou sair de casa gorda e ninguém vai olhar pra mim, eu não vou conseguir arrumar namorado.

Para ela, o ser magra a faz sentir-se bonita, melhorando sua auto-estima: “A estética, serve até para a auto-afirmação da própria pessoa assim...Para ela se

sentir bem, internamente e externamente. Eu estou me sentindo ótima, tipo, melhorou bastante”. O sentimento de Aline expressa a *mimese corporal* presente na sociedade, em que uns controlam os outros pela aparência física. Significa que os indivíduos estão submetidos a um constante controle do visual, em que a imagem que se tem de si próprio se espelha na imagem que tem do outro. “São esses inúmeros alocontroles do corpo que fazem com que para sair de casa e ir para a rua é preciso preparar o corpo, tornando-o publicamente visível”, afirma (Malysse, 2002, p. 116).

Aline não tem medo de envelhecer, porém, confessa que, quando seu corpo começar a dar sinais de *envelhecimento*, ela se tornará uma perfeita adepta ao mercado de consumo de bens e produtos para melhorar a aparência física. E esclarece:

Todos os recursos que vier (...). Aí eu faço plástica, botox, é...interessa pra gente tem que usar (...). Antes dos trinta eu acho um desperdício, mas depois dos quarenta, quarenta e cinco pra ajudar, funcionaria. Usaria algo que tivesse segurança e não afetasse a saúde.

Como todo *corpólatra*, Aline vive sob a conduta ascética de cuidar da alimentação, muitas vezes, incluindo na dieta remédios para emagrecer, que são totalmente deletérios para o metabolismo do indivíduo. Na fala anterior, alegou que não usaria algo que afetasse sua saúde, mas se contradiz ao revelar que tomou remédio para emagrecer:

Já tomei remédios quando eu comecei na academia, só pra acelerar o processo, mas foi só um mês. Eu fui numa endocrinologista, eu tenho ido em vários, mas eu sei o que eu tenho que comer, o que eu posso e o que eu não posso eu não como.

Aline entende a beleza associada a um corpo sadio. Para ela, um corpo saudável indiscutivelmente repousa na beleza corporal: “a estética, a pessoa saudável ela tem que estar magra, bonita, com massa muscular. É fundamental. Pra mim o físico é esse”.

Aline considera a juventude um estado de espírito, e esclarece:

por exemplo, jovem seria o espírito. Eu posso estar com 50 anos e achar que eu tenho 15, achar que eu sou jovem. Acho que é o espírito mesmo da pessoa, e não a forma física. (...) Eu acho que jovem é de dentro pra fora e não de fora pra dentro.

A concepção de juventude desenvolvida por ela se relaciona ao modelo de juvenilização da cultura divulgado pela mídia. O *ser jovem* é compreendido como *um estado de espírito* que se conquista mediante a intervenção de um conjunto de aparatos técnicos (cirurgias, tratamentos estéticos, ginásticas, etc) estilos de vida e gostos que se conformam a uma aparência adequada ao modelo. Ser jovem é quase um modo de viver que independe da faixa etária.

Faz críticas severas e generalizadas à juventude contemporânea, porém, reconhece que existem vários tipos de jovens: aqueles que se preocupam com o futuro e estudam e outros que não levam muito a sério o estudo e trabalho a sério. Para ela, há o jovem que

não quer nada com nada, só quer farra, não quer trabalhar. Eu vivo em vários meios. Os meus amigos que formaram comigo. (...) Lá a vida é só pra estudar, agora o meu pessoal da academia não, só quer fazer exercício físico e viver em função de...Vamos dizer assim, de capoeira, por exemplo. O pessoal lá vive em função disso, não estão pra estudar, pra trabalhar, a capoeira é tudo.

Ela percebe as contradições existentes na sociedade e sua influência na condição de vida juvenil, sobretudo, em relação às dificuldades encontradas para a sua inserção no mercado de trabalho:

tem muita gente da minha idade que esta engrenada na vida, mas tem muita gente que nem sabe o que quer da vida ainda, então o que eu poderia falar dos jovens é que eles são muito... imaturos. (...) por exemplo, quem termina o curso, não quer dizer que sua vida está direcionada, já (...). Acho que é mundial, para o jovem de hoje é difícil a perspectiva (...) ele tem que se preparar pra estar competindo com quem já está a mais tempo no mercado, porque a qualificação é sempre pouca (...) Na minha área de D tem que estudar pra fazer concurso (...). Tenho uns amigos que fizeram fisioterapia, e estão totalmente assim...

A fala de Aline representa sua angústia e incerteza em relação à condição de transitoriedade a que está submetida. Não apenas ela, mas também quase todos os jovens, que, apesar da busca, não vislumbram as *inúmeras*

possibilidades que a sociedade lhes oferece. As mudanças no mundo do trabalho e a exclusão social de que sofrem os jovens, promovida por essas mudanças, fazem que Aline se sinta insegura. Ela comenta:

Eu penso que ao mesmo tempo que posso fazer tudo eu não posso fazer nada. (...) é tão legal, você tem toda a sua vida pela frente, eles falam isso. Mas como é que eu vou ter toda vida pela frente se eu não conseguir trabalhar....Posso conseguir um estágio, aí normal. Mas não um emprego de verdade, assim.

Fica em dúvida se faz ou não parte desse mundo jovem:

me considero jovem, tenho 23 anos [risos]. Mas ao mesmo tempo que eu faço parte eu não faço, né? Eu não sei... se eu faço parte totalmente [risos]. (...) ao mesmo tempo que eu quero estudar eu não quero. Quero me divertir, sair no sábado, senão vou ficar muito bitolada.

Aline tem consciência das atitudes que os jovens deveriam tomar em relação à política, porém não se considera apta a fazer parte desse grupo:

Acho que todo mundo deveria fazer parte do movimento estudantil [risos], e entrar na política, senão não tem condição. Fica muito à mercê. Todos falam: – “Ah, não presta”, mas não fazem nada (...) eu gosto de política, só que quero fazer concurso público eu não posso entrar muito nessa área.

Aline planeja seu futuro de forma positiva: “daqui a cinco anos espero casar, estar trabalhando, passar num concurso. Casar não penso ainda. Me preparar pra vida mesmo, estudar e fazer mestrado, alguma coisa assim”.

CAPÍTULO IV

JOVENS MULHERES E OS MECANISMOS DE MANUTENÇÃO DO CORPO NAS ACADEMIAS DE MÉDIO PORTE

O presente capítulo analisa três jovens mulheres que desenvolvem atividades físicas ou práticas de manutenção do corpo em academias de ginástica de médio porte com a finalidade de conquistar a estética corporal.

4.1 Andréia: “todo mundo fala que não vai prestar atenção na aparência, mas no fundo presta, né? E o corpo do mesmo jeito”.

Andréia tem 18 anos, mede 1m 65cm e pesa 55 quilos. Faz curso superior em uma instituição de ensino público. Realiza atividades físicas regularmente há três anos. Frequenta academia de ginástica localizada em seu bairro, praticando duas horas de exercícios por dia, quatro vezes por semana. Afirma:

Tem três anos que eu faço musculação e tem uns dois ou três meses que estou fazendo ginástica: *jumping* e *spinning*. Musculação, quatro vezes na semana, *jumping*, duas vezes e *spinning* duas vezes.

A família de Andréia é constituída por ela, a mãe e dois irmãos. A mãe é aposentada, e o pai, já falecido, era fazendeiro. Todos moram juntos, exceto um irmão que trabalha em outra cidade. O relacionamento familiar expressa a presença de conflitos que não são dissimulados por ela: “Esse irmão meu que mora em B, eu não me dou bem de jeito nenhum. Até acho bom ele estar morando em outra cidade”.

Os pais não cursaram o ensino superior, porém os dois irmãos já se encontram formados e engajados no mercado de trabalho. O tipo de família considerado ideal é a “*família unida e com estilo liberal*”. Em sua fala, demonstra não se adaptar muito bem ao estilo de família tradicional em que há predominância do patriarcalismo:

Eu prefiro as de agora. Conheço muitas famílias que têm esse estilo assim tradicional e não me encaixo de jeito nenhum. Tem aquela divisão – mulher faz isso, isso e isso. Mulher cuida da casa, dos filhos e o homem é que vai trabalhar e sustentar, e a mulher não dá palpite nisso.

Andréia deixa perceptível que a sua família é marcada pela individualidade, de forma que cada um faz suas atividades de maneira isolada. Saem para jantar fora, assistir a filmes juntos, mas raramente. Ela esclarece:

Às vezes viaja, vai pro cinema. Viajar nas férias, nem sempre. Às vezes final de semana sai para o restaurante à noite. Em casa, é cada um fazendo uma coisa: um na TV, outro no computador (...) todo mundo prefere se manter neutro. Assim ninguém quer dar opinião para depois virar culpado, o responsável.

Segundo Andréia, a família em sua vida é muito importante, sobretudo para dar apoio e sustentação em momentos de dificuldades, como por exemplo, em situações difíceis, como a morte de seu pai: “Quando meu pai morreu, que teve muito problema, aí então a família foi importante pra isso”. Mesmo afirmando que a sua família é *um pouco bagunçada*, define-a como significativa em sua vida.

A religião é praticada apenas pela mãe, que é católica. Sobre a religião, ela declara: “A minha mãe é católica, ela pratica. Agora, eu não (...) Eu não tenho muito interesse em religião não. Minha mãe até tentou, mas não deu conta, não”.

Andréia declara que ninguém na família se interessa por atividades físicas e que sua mãe apenas a incentivava a frequentar academia: “Minha mãe não, porque ela só mandava eu ir pra academia fazer alguma coisa, mas ela mesma não faz. Meu irmão faz Educação Física e é um péssimo exemplo. Só eu que faço academia, que faço alguma coisa”.

O motivo que levou Andréia a uma academia, além da insistência da mãe, foi um primo que começou a fazer ginástica e a convidou: “meu primo resolveu fazer academia, aí eu moro aqui em frente à academia. Aí eu falei: “agora eu vou”. Ele me incentivou, só que ele ficou só um mês e eu continuei”.

No momento da primeira entrevista, Andréia estava realizando um curso na área de ciências humanas em uma universidade pública e não estava satisfeita. Por esse motivo, solicitou transferência para outro curso na área de

exatas. Como o curso na área de exatas é freqüentado majoritariamente por homens, estava ficando apreensiva pela competição no mercado de trabalho. Apesar de considerar que atualmente a mulher ganhou mais espaço no universo social, Andréia explicita seu medo das diferenças sociais relacionadas a gênero. A sua tensão, evidencia que a sociedade cria esteriótipos da masculinidade e feminilidade, e que no processo de socialização, as mulheres internalizam as especificidades de composição de gênero, que particularizam sua forma de inserção no mundo, de forma que se sentem desvalorizadas no conjunto das relações sociais. Ela justifica:

vai ser mais difícil porque é só homem fazendo (...) É mais difícil para uma mulher conseguir alguma coisa do que para um homem lá. Mas no geral, já foi mais difícil, hoje a mulher é mais valorizada, mas tem umas profissões que hoje é mais difícil.

Andréia não trabalha, mas pretende, com a conclusão de seus estudos, conseguir um bom emprego. Em sua opinião, uma boa formação acadêmica pode propiciar um melhor espaço no mercado de trabalho: “Pretendo fazer uma pós-graduação após a faculdade. (...) Arrumar um emprego bom e bem remunerado”. Avalia o trabalho como um fator de independência financeira e realização pessoal: “Significa independência financeira. É uma realização também, estar fazendo o que gosta”. Para ela, uma boa aparência física pode influenciar a obtenção de um emprego, e explica: “Pode. Porque quando uma pessoa vai empregar alguém, todo mundo fala que não vai prestar atenção na aparência, mas no fundo presta, né? E o corpo do mesmo jeito”.

Andréia afirma que a faculdade é, atualmente, o que há de mais importante em sua vida, colocando a atividade física em segundo plano.

Na academia em que pratica os exercícios físicos, ela segue as instruções expressas em uma ficha elaborada pelo professor, afirmando que sem seu acompanhamento não *malharia* sozinha: “Na parte da musculação ele que fez a ordem dos exercícios, dos pesos, ele que fez pra mim a ficha. Eu acho importante o acompanhamento do professor. Eu não malharia sozinha”.

O surgimento da necessidade de Andréia cuidar do corpo e procurar uma academia, foi despertado também por inúmeras fontes de informações às quais

tinha acesso. As revistas que mostravam imagens de corpos saudáveis e bonitos, como *Boa Forma*, *Corpo a corpo*, e outras, eram as mais ilustrativas. Por considerar-se muito magra, passou a valorizar o discurso e as imagens que a mídia lhe emitia, a de mulheres com corpos delineados, coxas grossas, enfim o *corpo-modelo* valorizado socialmente. Andréia pontua:

Porque antes eu era magérrima, era só o palitinho, aí depois fazendo academia, você vai desenvolvendo o corpo e aprende a gostar. Eu valorizo meu corpo com as roupas, cuidar, passar creme. Eu ficava olhando as revistas em casa (...) daí dava vontade. Eu ficava olhando aquelas pernas das mulheres e pensava: “ai eu quero”.

Andréia considera a academia um dos espaços associado ao lazer, especialmente por encontrar amigos e também o namorado todos os dias. Diz que já criou o hábito de ir à academia:

eu gosto de vir para a academia, tenho o hábito assim, sinto falta quando eu não venho, porque aqui eu tenho amigos e meu namorado também está fazendo academia. Eu trouxe ele pra cá. Acho que é isso.

Andréia não desvincula a atividade física do discurso da saúde, declarando que a importância de praticar atividade física, deve-se, em primeiro lugar, à saúde, depois à estética. Ter saúde, para ela, está associado a uma boa disposição para realizar atividades do dia-a-dia: “Aí agora eu me sinto melhor fazendo porque até os dezoito anos eu não fazia nada, questão de saúde, né?”. Em contrapartida, aponta que um corpo bonito esteticamente pode contribuir para o convívio com as pessoas e melhorar a auto-estima. Não vê problema em todas as pessoas desejarem ter corpos *sarados* e bonitos, porém tem a percepção de que os excessos de exercícios e dietas podem prejudicar a saúde das pessoas, levando-as a perderem os limites. Enfatiza:

Eu não acho que uma pessoa *sarada* é sinônimo de saúde (...) Se a pessoa não passar do limite dela para conseguir essas coisas que todo mundo quer. Porque tem gente, por exemplo, tem uns menininhos fazendo exercícios tudo quanto é errado para poder pegar muito peso e achar que está forte. Se a pessoa não exagerar de mais, não desrespeitar os limites, as regras do próprio corpo...

Andréia não tem medo de envelhecer, entretanto, lançaria mão de alguns recursos para melhorar sua aparência, com exceção de técnicas mais agressivas como cirurgias plásticas: “massagem, clareamento...Mas cirurgia plástica eu não teria coragem”. Cuida de sua alimentação, mas não de forma *doentia*: “Eu gosto muito de doce e fritura. Aí, eu tento comer menos, mas não deixo de fazer nada assim por causa disso não”.

Para ela, ser jovem é “ter disposição pra tudo. Pra fazer tudo”. Gosta dessa fase que está vivendo e quer aproveitá-la ao máximo, entretanto, concebe seus pares – a juventude atual – como desinteressados, incluindo o grupo de amigas com o qual convive na faculdade. Explica:

Eles não têm muita responsabilidade. Na faculdade, eu larguei [o curso] por causa disso, porque ninguém queria nada. Na faculdade todo mundo ia jogar truco e me dava muita preguiça de acordar cedo, ir pra faculdade pra isso. Eu tive poucas amigas na faculdade que tinham vontade de fazer alguma coisa, sei lá, de estudar... Pelo menos um pouco.

Ela não se inclui em nenhum momento no agrupamento juvenil que afirma considerar *desinteressado*, porém, quando questionada sobre as coisas boas que acontecem na sociedade atualmente, demonstra também desinformação: “Eu não acompanho essas coisas. Deve ter alguma coisa boa que acontece, mas eu não sei”. De maneira ambígua, acaba, entretanto, demonstrando que se movimenta na sociedade de forma semelhante aos jovens aos quais critica, sobretudo em relação aos aspectos relacionados à política e à economia: “Às vezes sim. Com algumas coisas como a política, com economia eu não tenho a menor preocupação. Interesse até eu tenho, mas a vontade acaba antes”.

Os planos de Andréia para o futuro resumem-se em concluir a faculdade e trabalhar. Acompanhado dessa perspectiva, revela também um de seus principais medos, o de não conseguir emprego após concluir o curso. O trabalho para ela atualmente, é uma das coisas que gostaria de fazer e não consegue: “Eu tenho vontade de trabalhar (...) agora eu vou fazer um cursinho integral, agora não vai ter como eu trabalhar”.

A principal forma de lazer de Andréia é sair com o namorado, o qual namora há três meses: “Eu saio à noite, vou ao cinema, fico em casa assistindo filme às vezes. Mas o principal é sair à noite com o namorado”. Não gosta do bairro nem da cidade em que mora:

Não gosto muito daqui, o povo é muito... Tem gente de tudo quanto é tipo aqui, tipo, é muito bagunçado, tem umas casas muito velhinhas, muito pobrezinhas e tem umas casa totalmente diferentes (...) eu tenho vontade de morar em outra cidade, tipo Florianópolis.

4.2 Marta : “Eu malho... [risos] Meu pai fala que eu malho para estragar minha saúde. Eu gosto, mas aprendi a querer isso, querer a estética. Eu acho que é importante”.

Marta tem 20 anos, mede, 1m,60cm e pesa 56 quilos. Faz um curso superior em uma instituição de ensino privado. Pratica atividades físicas regularmente há seis anos. Atualmente frequenta uma academia de ginástica de cinco a seis vezes por semana, exercitando-se duas horas por dia: “Faço musculação, aeróbica e faço boxe”.

Pertence a uma família composta por quatro pessoas, e todos moram juntos: pai, mãe um irmão e ela. O pai concluiu um curso universitário na área da saúde, a mãe não terminou o segundo grau, e o irmão passou recentemente no exame vestibular para um curso na área de humanas. Considera sua família ideal: “unida, compreensiva” – e aponta que todas as famílias deveriam ser dessa forma. Gosta da maneira como foi criada e não admira o estilo de família tradicional: “É diferente, mas eu fui criada de uma forma totalmente livre. Eu e meu irmão, a gente fez o que quis e faz até hoje o que quer, mas aquela coisa assim de responsabilidade. Acabou confiança, acabou tudo”.

Aprecia muito o relacionamento aberto que cultiva com seus familiares, em virtude da liberdade que tem para relacionar-se com os pais, os quais influenciam suas escolhas com seus conselhos. Aponta que sua família é de muita importância em sua vida e que como em qualquer outra, existem brigas, porém, na sua, a harmonia prevalece. E justifica:

A gente se dá bem. É bom. Meus pais sabem de tudo. Tudo que eu faço. Tem umas briguinhas que toda família tem (...) tudo o que eu vou fazer eu consulto a minha família (...) Influencia. Eles dão conselhos (...) São as melhores pessoas do mundo pra mim.

A família de Marta é espírita e segundo ela, todos praticam a religião. A religião para ela significa suporte, auxílio pessoal, e também oferece a oportunidade de estar ajudando outras pessoas:

É eu acho que religião...Eu sou espírita de berço, né? Meu pai é espírita de berço e passando de...Eu frequento. Acho que é importante, dá um suporte (...) Acho que ajuda porque a gente faz boas ações. Ajudando as pessoas.

Seus pais praticam e valorizam a prática de atividades físicas. A mãe foi até proprietária de uma academia de ginástica: “Meu pai faz caminhada (...) meu irmão gosta de natação e minha mãe vem comigo na musculação (...) Minha mãe já foi dona de academia. Quando ela era dona de academia eu era nenenzinha”.

Marta faz um curso superior na área de humanas em uma faculdade privada, e declara que, atualmente, é a atividade mais importante de sua vida. Esclarece que seus pais não a influenciaram na decisão de optar por essa carreira. Ela atribui importante significado à educação, e considera que quanto melhor formação obtiver, maiores chances terá para inserir-se no mercado de trabalho. Afirma:

Eu acho que se eu fizer o que pretendo, uma pós, eu acho que eu consigo chegar onde eu quero (...) fazer uma pós [pós graduação] logo após eu terminar minha faculdade. Se até eu tiver uma condição melhor, quero fazer em São Paulo, Rio. Tem validade maior para o meu curso (...) E diferente eu falar que fiz um pós em Goiânia, e uma pós em São Paulo. Isso tem um valor bem maior.

No ambiente universitário, Marta aponta que as pessoas valorizam muito os relacionamentos interpessoais, e os professores, aqueles alunos mais interessados. Marta esclarece: “Existem aqueles que estão sempre prontos pra responder as perguntas e que querem ler. Eu acho que esses que se destacam são mais valorizados pelos professores e colegas”.

Marta já teve vários empregos: “Trabalhos esporádicos, em que se ganha bem um mês, mas os outros não são seguros de que vai ganhar”. Concebe que o *físico* não é tão importante para conseguir um emprego, porém a aparência, a apresentação da pessoa, no conjunto total, faz diferença: “Não a aparência física, mas você tem que estar apresentável: a forma de se vestir, a forma de se portar nos lugares”.

Pretende com sua formação profissional, conseguir colocação no mercado de trabalho e adquirir estabilidade: “ganhar dinheiro”. Expressa sua opinião a respeito do trabalho na vida das pessoas: “É especial. Todo mundo, eu acho, tem que se ocupar de alguma maneira. E a maneira mais produtiva é trabalhar”.

Ao observar cotidianamente as jovens mulheres de sua idade, freqüentadoras do mesmo clube, Marta passou a ter um início de preocupação com sua aparência, e a desejar um corpo bonito esteticamente. Ao entrar na academia, começou a namorar um rapaz que também *malhava* no mesmo local, o que também a incentivou:

Quando eu ia no clube, eu ficava me comparando a outras garotas da minha idade. Então você vê que elas tão ficando caidinhas, aí eu percebi que era o momento de começar a malhar (...). Acho que a preocupação primeiro foi com a estética, eu comecei a vir para a academia desde os 15 anos e aí já arrumei um namorado dentro da academia que me incentivava, nunca mais saí.

Na academia, Marta treina aleatoriamente, sem uma orientação escrita para seguir, entretanto procura sempre estar consultando o professor, que de acordo com sua fala, é um profissional em que ela confia para orientá-la na execução correta dos exercícios:

Mês eu sigo ficha, tem mês que eu não sigo ficha. Isso porque eu tenho muitos anos já treinando e eu acho que eu não consigo mais seguir ficha (...) Primeiro eu consulto ele [professor] em todos os exercícios, ainda mais porque eu não sigo a ficha, eu consulto o professor.

Marta já freqüentou sete academias, e uma das razões que a mantém mais tempo em uma academia são os aparelhos, e os cuidados que os professores têm em atendê-la:

O acompanhamento dos profissionais dentro da academia junto com a gente, eu acho mais importante e também a aparelhagem, porque às vezes tem uns aparelhos estragados, você vai fazer... Por mais que você faça os exercícios certos, acabem te prejudicando.

As fontes de informação que mais atraíram a atenção de Marta para o início da prática de atividades esportivas, foi a *Internet*, que informava sobre atividades físicas para mulheres com a finalidade de melhorar a estética, além de livros de nutrição que forneciam dados sobre uma alimentação correta e também a admiração que nutria por pessoas que praticavam boxe em uma academia:

Ah, o boxe. Ficava olhando assim de longe e gostava e falava: “vou brincar aqui um pouquinho”. O pessoal ia embora e deixava o saco e eu começava a bater por conta própria. Eu fui gostando e nunca mais parei e comecei a fazer aula e musculação. E tomei gosto. Acho que não dou conta de ficar sem.

Marta, ao ser questionada sobre a contribuição das atividades físicas na vida de uma pessoa, acaba demonstrando que concebe os benefícios da ginástica em sua vida, sobretudo para a estética, e não para a saúde, pois em sua fala, confirma que *exagera* na quantidade de exercícios que pratica, o que provoca críticas de seu pai, que atua na área de saúde:

A saúde, que já é para o lado quando você malha mais moderado, né? Eu malho... (risos) Meu pai fala que eu malho para estragar minha saúde. Eu gosto, mas aprendi a querer isso, querer a estética. Eu acho que é importante.

Posteriormente, quando questionada *por que ela pratica atividade física*, Marta entra em contradição, retrocede e responde que o motivo que a leva a praticar exercícios físicos, em primeiro lugar, é a saúde, em segundo, a estética, em terceiro lugar, o convívio social e, por último, o lazer. As afirmações de Marta, demonstram ambigüidades na forma de conceber a *real* necessidade que a leva a praticar exercícios físicos. Em geral, diz praticar exercícios físicos motivada pelo desejo de melhorar a aparência ou a estética, mas procura justificativas associadas à *saúde*.

Marta dá um valor exacerbado a um corpo bonito, e, para ela, o que leva todos atualmente desejarem ter um corpo bonito, está relacionado à pessoa estar

melhor consigo mesma, a poder usar todos os tipos de roupa que lhe agradam. Segundo ela, possibilita até mesmo que as pessoas tenham um poder de conquista maior:

Para a auto-estima. Às vezes você vai por uma roupa, e ela não fica legal. Eu, por exemplo, quase todo tipo de roupa, eu uso tudo. Aí eu fico feliz (...). A pessoa quer ter sempre o melhor, quer estar sempre apresentável. Se ela acha que ter um corpo malhado ela vai ter mais chance com namorada (o), para conquistar uma pessoa (...) tem que ir atrás, tem que malhar mesmo pra isso.

Marta alega não ter medo de envelhecer, entretanto, se contradiz quando enfaticamente observa que “não deixará que isso aconteça”, salientando que irá fazer o máximo para evitar o envelhecimento: “Tenho medo de ficar flácida [risos]. Esse é um medo entre aspas. Não vai acontecer. Vou fazer o máximo para não acontecer”. Diz que não usaria anabolizantes para mudar o corpo, apenas suplementos e outros recursos como alimentação e massagem. Adota uma atitude naturalista na maneira que concebe as práticas de alterações que cada indivíduo pode promover em seu próprio corpo. Destaca que, atualmente, não faria nenhum tipo de cirurgia plástica, ou procedimentos estéticos mais sofisticados, como *lifting* e *botox*. “Ah, não sei, só ficando com rugas para saber. Hoje eu não penso não. Não usaria anabolizantes para mudar o corpo, mas usaria suplementos”.

A realização de atividades físicas no ideário das sociedades contemporâneas tem vários sentidos, além de uma forma para se alcançar a beleza física, também como uma forma dos indivíduos produzirem maior *rendimento*, esse, associado à saúde, ou seja, quanto mais saúde o indivíduo possuir, maior capacidade de produzir ele tem. Esse ideário aponta que o corpo, tratado à forma de uma máquina, separado da mente, como *res extensa* proposto por Descartes, permanece na atualidade. Marta, ao afirmar o que ela concebe como saúde, ressalta:

Pessoa saudável para mim é uma pessoa disposta. É que tem mais ânimo para fazer atividade, para poder trabalhar. Igual, tem muitos empregos que você vai procurar, muitos já pedem como requisito se você faz atividade física. Tem um Banco da minha colega de faculdade (...). Eles pagam 50% da academia para os funcionários,

porque foi feito um teste que mostrou que os funcionários que malham, rendem mais.

Ao dar sua opinião sobre o que pensa acerca dos jovens na atualidade, Marta fica confusa, e a princípio declara: "Os jovens de hoje não estão querendo nada". Entretanto, após alguns segundos de reflexão, adota um outro posicionamento, o que valoriza os jovens, sobretudo aqueles que estão na faculdade e que após o término do curso, têm dificuldades em conseguir emprego no mercado de trabalho. Percebe que grande parte dos jovens, mesmo pertencendo às classes médias, tem encontrado dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

Essa condição social vivida e significada pelos jovens revela a percepção do fenômeno típico das sociedades atuais que Abad (2003) chama *desinstitucionalização*, que tem como uma de suas características:

O esgotamento da ilusão da mobilidade e da ascensão social que se depositou na expansão da educação secundária e universitária, vinculada à modernização industrial, à economia de crescimento e à ilusão de pleno emprego. (p.24)

Marta tem a percepção da realidade juvenil no que concerne à ilusão de terminar um curso superior e, por meio dessa titulação, não conseguir um emprego estável que lhe possibilite mudar ou manter a condição social. Tem a sensibilidade de observar que a oferta de trabalho é mínima, para uma multidão de estudantes recém-formados e, às vezes, qualificados adequadamente, porém em confronto com a realidade econômica do país, em que a demanda é imensamente maior que a oferta de trabalho. Marta afirma:

Na verdade o que eu percebo também é que, por exemplo, eu fui procurar um estágio, então tinha umas cem pessoas, cem alunos. Então realmente o povo está correndo atrás de trabalho. Querem já sair da universidade empregados – o que não acontece, né? Quando sai, fica aí desempregado e vai trabalhar mesmo que o serviço não é da área. Pega o que tem pra não falar que está desempregado [risos]. Mesmo eu pensando que tem jovens que não querem nada, acho que no geral eles estão mais ligados (...) a maioria estão mais preocupados com o futuro.

Entende que faz parte desse mundo juvenil, e que ser jovem para ela está relacionado à plena liberdade, força para realizar todas as coisas: “Está associado à liberdade, disposição, ânimo. Capacidade ainda de correr atrás do que quer... Pra malhar, pra tudo”. No que concerne ao cenário social em que se insere expressa o medo de não conseguir estabilizar-se em termos das condições de sua origem de classe social. “Claro, Eu tenho condições, mas eu estou batalhando, correndo atrás”.

Ao ser questionada sobre as coisas que mais gosta de fazer, de um lado, aponta que é “estudar”, entretanto após a afirmação, começa a sorrir. Provavelmente é uma das coisas que ela *mais precise fazer*. De outro, ao ser questionada sobre as coisas que mais gosta de realizar nas horas de lazer, responde que gosta de sair com os amigos, a família, e também malhar na academia: “Acho que, tem certos momentos que só tem prova e faculdade, aí estou estudando e aquele *stress*, aí eu largo tudo e vou para a academia. Eu malho, faço força, libero tudo ali, e estou tranqüila”.

Marta tem vários planos para o futuro, mas o que se destaca é a sua vontade de trabalhar, o que confirma um de seus maiores medos: “Medo de não arrumar um trabalho, só”. Diz que gosta de sair para festas em seu bairro, adora a cidade em que mora, só sairia de Goiânia por motivos de trabalho. Frequenta festas também em outros bairros, sem o menor preconceito: “Vou, não tenho preconceito contra nenhum bairro”.

Marta gosta de viver a sua condição juvenil, no sentido de disposição e beleza. Mostra-se atenta à questão dos jovens se tornarem *padrão* social, um *estilo* de vida que todas as faixas etárias perseguem, o que foi chamado anteriormente de juvenilização da cultura. Diz:

Por mim seria jovem a vida inteira. Ultimamente até os velhos estão querendo ter a disposição dos jovens. Eu tive uma experiência de ter saído para fora, Florianópolis, no final do ano. Eu fui à uma boate lá, e fiquei impressionada como os adultos de lá...Todo mundo dançando, e dança a noite inteira de salto, se requebrando. Você não vê isso aqui em Goiânia. É cultura, né?

Marta aponta que não percebe coisas boas acontecendo na sociedade atualmente: “Eu não vejo nada. Estão tentando, mas não estão conseguindo

investir na educação. Eles mostram mais o que eles fazem do que eles deixam de fazer”. Em relação à política, concebe que os jovens deveriam participar mais da vida política do país, entretanto, ela não participa:

Seria bom que todo mundo assumisse, né? Eu por exemplo, não faço, porque eu não gosto de política. Tem assim que, eu vejo o jornal, algumas revistas, mas...Mas eu acho que a grande maioria pensa o contrário (...). Na minha sala de faculdade eu acho que 70% estão para esse lado. Boa parte dos alunos da minha sala estão ligados nisso.

4.3 Paula : “Eu acho que é muito bacana isso, você ter um corpo bonito (...) Eu acho que é muito a sociedade. Acho que todo mundo exige. Todo mundo quer ter um corpo bonito (...)”

Paula tem 20 anos, mede 1m 68cm e pesa 56 quilos. Faz um curso na área de humanas em uma universidade privada. Pratica atividades físicas regularmente há dois anos, cerca de uma hora e meia a duas horas, em uma academia que fica distante de sua casa.

Segundo Paula, as principais coisas em ordem de importância na sua vida são a família e a saúde, depois a faculdade, e por último a academia, que é considerada uma forma de lazer: “Primeiro a família e a saúde em primeiro lugar, depois o trabalho em si, a faculdade, depois meu lazer. Acho que lazer fica por último. A academia está em terceiro lugar porque para mim é lazer vir malhar”.

Paula mora em um condomínio horizontal com sua família, ela, o pai e a mãe. O pai é formado em um curso da área de exatas, e a mãe não possui curso superior, porém trabalha com o marido na empresa: “Minha mãe ajuda na empresa, ela é a cabeça”. Concebe a família ideal, exatamente como afirma ser a sua, pautada por relações de amor, respeito e união:

Ter muito amor, sabe? Respeito um aos outros. Tipo a minha família, sabe? Minha mãe, meu pai e eu. Nos somos muitos unidos. A gente não se separa um minuto. Até pra ir em um hotel dorme junto os três, entendeu? A gente é muito unido, um se preocupa com o outro.

Paula diz ter um bom relacionamento com amigos e também com os pais, os quais não chegam a influenciar totalmente nas suas escolhas, entretanto ela muitas vezes segue suas orientações e conselhos:

Meu relacionamento é muito bom. Eu sou muito extrovertida. Se eu não for à uma festa, todo mundo pergunta cadê a Patrícia? Então todo mundo sente falta. A minha relação com a minha família é muito boa, não tenho o que reclamar (...). Não, nas minhas escolhas, não. Minha mãe dá os conselhos dela, aí eu penso, mas influenciar em si, às vezes, mas sempre não. Meu pai e eu conversamos demais, e eu pergunto muito as coisas para ele. Eu dependo muito da opinião dele para tomar algumas atitudes, algumas...Mas nem todas.

Para ela, a família é base da formação da pessoa, fonte de apoio, expressando que, sem essa *base*, não conseguiria seguir em frente nos seus projetos de vida. Apresenta a sua família como *tudo* em sua vida:

Ela é a base de tudo, né? Eu acho que... é a base. E sem a base eu não estaria. Ela é a estrutura, então minha família...Depende muito da minha família para meu futuro. Se aquela estrutura não seguir em frente, eu sem a estrutura não vou seguir também, entendeu?

Examinando as mudanças ocorridas na sociedade, Paula destaca o papel importante ocupado pela mãe no exercício da autoridade e na hierarquia da instituição familiar. Comparando a geração anterior, da qual sua avó fazia parte, e a da sua mãe, valoriza a independência e a autonomia como conquistas que lhe servem de referência. Entretanto, de forma ambígua reafirma sua admiração pelo formato de família tradicional sob a lógica do patriarcalismo:

Minha avó é muito mais preocupada, muito mais dependente. Ela depende demais da minha mãe. E assim, é muito dependente. Hoje não, hoje já são muito independentes, mudou. Todo mundo está mais independente. Lá em casa é minha mãe que manda, totalmente! Então estou acostumada. Eu acho que na minha casa eu é que vou mandar também. Mas eu achava legal ter uma família tradicional, que o avô mandava, aquele pai que arranjava casamento para a filha, eu achava interessante. Não gostaria de ter, mas acho interessante.

Paula, na perspectiva religiosa, atribui valor a Deus em primeiro lugar, que para ela é a sua verdadeira religião, estimulando sua fé. Do ponto de vista das denominações das instituições religiosas, afirma ter tido ou ainda tem vínculo com os segmentos evangélicos. Diz:

Eu tinha assim. Acho que ainda tenho. Evangélica. Frequentei muito tempo (...) A religião representa tudo. A religião em si, o ato de ir na Igreja...Eu acho que não é nem a religião, eu acho que é Deus. Às vezes as pessoas perguntam: qual é a sua religião? Acho que não importa, importa no que você crê, e que você tenha fé naquilo que depositou (...) Não é nem religião.

Suas expectativas em relação aos estudos consistem em concluir o curso superior e ser aprovada em concurso público. Esclarece que seus pais não a influenciaram na escolha do seu curso e até mesmo, gostariam que ela optasse por outro, na área de exatas. Em sua opinião, na faculdade, os alunos valorizam o corpo e a aparência. Segundo ela,

o professor em relação aos alunos, eles valorizam o interesse. Primeira coisa. Agora os alunos em si, é corpo, né? Não adianta, e o modo de vestir. É o jeito, não tem jeito. É na faculdade (...) Totalmente. Muito, muito mesmo. Todo mundo fala em no ato de se vestir, no ato de estar bem.

Paula ainda não conseguiu um trabalho e nem estágio em sua área, entretanto, concebe o trabalho como essencial na vida das pessoas, especialmente porque, segundo ela, quem trabalha dá valor no dinheiro que recebe. Atualmente, afirma ser dependente financeiramente dos seus pais:

Fundamental, eu acho. Eu gostaria de estar trabalhando. Você trabalhando está conseguindo seu dinheiro pelas próprias mãos, você pensa assim: nossa, meu primeiro salário! Você vai dar valor naquele dinheiro pro resto de sua vida. Eu dependo dos meus pais ainda, totalmente.

Percebe uma relação fundamental entre estudo e trabalho, que o trabalho, na forma de estágio, serviria para fortalecer os fundamentos aprendidos no curso e também a preparação para futuros concursos: “Meu curso depende muito de

você estar fazendo um estágio, de estar prestando alguma coisa. Então eu acho que é uma relação fundamental você estar trabalhando e estudando”.

Paula vê relação também, entre aparência física e o trabalho, e em sua opinião, referenciada na empresa de seu pai, é fundamental a pessoa estar apresentável na forma corporal e também na vestimenta, para conseguir um emprego no mercado. E salienta:

Com certeza. Demais, porque meu pai tem empresa, então quando ele faz entrevista com uma secretária, a primeira coisa que ele olha é a aparência. Mas não é porque a gente quer, é porque a gente necessita da aparência. Tanto que tem algum lugar... Por exemplo, esses trabalhos da Celg. Para ir na Celg ou para ir em algum órgão público, a aparência é fundamental. Isso aí não adianta, hoje em dia (...) Não adianta você ser bonita e se vestir com uma saia longa, com manga comprida, se não cuidar, não adianta.

Na academia que frequenta, Paula segue com rigor e de forma sistemática os exercícios na musculação por meio de uma ficha elaborada pelo professor. Para ela, é de extrema importância a atuação do professor em uma academia, atribuindo os seus resultados à atenção que esse profissional lhe dispensa:

Ele é muito importante, porque ele sempre está perguntando o que eu preciso, qual exercício que eu devo estar fazendo. Para mim ele é o mais importante dentro da academia (...). Eu acho que depende, porque se eu for malhar sozinha, eu nem sei...posso estar até malhando errado, entendeu? Então com o guia dele eu posso estar malhando certo, posso estar atingindo meus objetivos do jeito que eu expliquei para ele que eu queria.

Na família de Paula, apenas ela frequenta uma academia de ginástica – seus pais fazem apenas caminhada. Entretanto, ela afirma que desde pequena pratica atividades físicas: “sempre fiz natação, balé...Até hipismo ... Já fiz de tudo. E a academia foi o que mais me puxou”. Ao ser questionada acerca das motivações que a levaram a ter preocupação com um corpo bonito, responde que passou a observar algumas amigas da escola, que já praticavam exercícios em uma academia. E, também teve a percepção de que era muito *magrela*, fora do padrão de beleza socialmente exigido:

Quando eu fiz 15 anos eu preocupei muito. O estado de beleza, de ver minhas amigas lá e tal. Eu acho que eu preocupei porque eu era muito magrinha, eu queria dar uma incorporada, eu estava fora do padrão de beleza estética que o povo gosta. E minhas amigas de escola já faziam.

A relação entre saúde e estética, conforme constata Novaes (1998), está intrinsecamente inserida no ideário da sociedade e na subjetividade daqueles que praticam atividades físicas em academias. Como as outras entrevistadas anteriormente, Paula, ao ser questionada sobre a contribuição das atividades físicas em sua vida, declara que a motivação principal é à saúde: “Primeiramente saúde. Eu acho que praticando uma atividade física sua saúde vai estar bem melhor”. Entretanto, contradiz-se quando pontua a necessidade de todos desejarem ter um corpo bonito. Paula enfatiza:

é a auto-estima, que te coloca lá em cima, quando você coloca uma roupa melhor (...) Querendo ou não, você chama a atenção, então te leva lá em cima, no auge. Eu acho que é muito bacana isso, você ter um corpo bonito (...). Eu acho que é muito a sociedade. Acho que todo mundo exige. Todo mundo quer ter um corpo bonito, porque a concorrência em si é muito grande, entendeu? (...). É tanto feminina, quanto masculina. Às vezes eu fico ali sentada na academia e fico pensando por quê eu estou fazendo isso? Qual meu objetivo? Qual meu objetivo de chegar, no meu corpo, entendeu?

Paula acredita que o ato de praticar atividades físicas significa saúde, mas em seguida diz que nem todo corpo bonito, *sarado*, quer dizer um corpo saudável. Paula afirma:

Acho que saúde é o principal. Ela está lá em cima da pirâmide, porque você sem saúde você não é ninguém. Eu acho que você cuidando da saúde o resto vem em segundo plano. Sem ter saúde você não trabalha, não faz atividade física (...). Ao contrário, pode ser que a pessoa possa estar até meio doente mesmo. Fica tão fascinado em malhar que nem preocupa com a alimentação, só preocupa com suplemento alimentar ou com *bomba*.

Paula concebe-se como jovem, com uma aparência física que não demonstra a idade que possui. Não tem medo de envelhecer mentalmente, e sim

fisicamente, entretanto, confia nos métodos da ciência estética para evitar o envelhecimento:

Às vezes eu fico com medo. Assim mais físico, nem mental, entendeu? Às vezes eu fico: “Nossa! Tenho vinte anos, como que eu vou estar daqui a trinta anos?” Mas, às vezes, a gente nem envelhece. Porque quando chega aos trinta coloca um *botoquezinho* assim no rosto... Não tem jeito de ter a idade assim que você tem, principalmente eu, que as pessoas acham que tenho quinze anos então é muito difícil eu pensar em ficar mais velha.

Ser jovem para ela significa ter alegria e criatividade, não se relaciona apenas com a *vitalidade* física, mas também a um estado de espírito. Formula, assim, uma concepção aproximada do ideário de juvenilização da cultura. Entende que ser jovem é

é ser alegre, estar no meio de todo mundo, ser criativo. Acho que ser jovem não basta ter disposição, não basta a idade, entendeu? Eu acho que você estando bem, estando alegre, participando assim de quase tudo, é ser jovem.

Compreende os jovens de hoje em duas categorias: aqueles que têm vontade, alegria de viver, que *correm atrás das coisas* e pensam no futuro e aqueles que ela qualifica como tristes, sem disposição, sem atitude para a vida, que estão praticamente na qualidade de pessoas *velhas*. Ela se inclui entre os jovens pertencentes à primeira categoria. Paula reconhece e classifica os jovens pertencentes ao seu espaço social:

Eu percebo assim em dois sentidos. Eu vejo sobre dois lados diferentes. Eu vejo aqueles jovens que são revoltados. E os jovens que eu convivo com eles. Porque tem uns jovens que nem parecem ser jovem. Parecem ser mais antiquados do que...E os jovens que eu vivo, são do jeito que eu sou. Alegres, disponíveis para fazer tudo o que vier, tentar (...). São muito antiquados, pensam lá atrás. Não quer nada com a vida. Eu acho que isso não é ser jovem. Que não tem disposição para fazer nada, não pensam no futuro.

A sua convivência com os jovens no mundo universitário confirma sua fala anterior, assinalando que existem os jovens interessados e os desinteressados. Concebe os desinteressados como aqueles que têm dinheiro, e que não precisam

lutar para afirmarem-se profissionalmente, pois o país já dispõem de *canal* para inseri-los no mercado de trabalho. Classifica os interessados, sobretudo, como aqueles oriundos de classes sociais populares, os quais, segundo ela, são os que lutam mais:

No mundo em que eu convivo, o pessoal da faculdade, eles são muito assim, não gostam muito de estudar, não gostam muito de...Eles querem terminar o curso, pegar o diploma entregar para o pai: “pai terminei e pronto”. Cumpri minha obrigação. Minha meta. E alguns vão pegar o bonde do pai que é advogado, outro é juiz, vai pelo QI. E poucas pessoas ali, a gente pode selecionar quem realmente está interessado em estudar e prestar um concurso público (...). Eu acho que são mais interessados aqueles de classes mais baixas, eu acho que são os mais sofridos, e são os que mais querem se sobressair na vida (...) Pode selecionar os que têm tudo na mão e querem alguma coisa.

Na sua percepção, quase nada de bom acontece na sociedade atual, sobretudo se a referência forem os acontecimentos divulgados pelos meios de comunicação de massa. Paula afirma:

Nossa! Boas é meio complicado. Eu acho que nada de bom na sociedade está acontecendo. Assim, sabe, pelo que você vê, pelo que você lê. Você não vê coisas positivas, só vê coisas negativas. Quando você olha o jornal não vê nada positivo. O que você vê de positivo no jornal? O Oscar? Coisas que estão fora da nossa realidade, está do outro lado.

Em relação às perspectivas para os jovens nas sociedades atuais, Paula entende que somente aqueles possuidores de certa influência política têm condições de conquistar espaço. Faz críticas severas aos jovens que qualifica como desregrados, por utilizarem drogas, bebidas. Culpa a sociedade pela falta de imposição de limites necessários. Demonstra insatisfação com o sistema de segurança do governo, do país, ou seja, tem medo da violência, a qual não é coibida pelas autoridades. Diz:

na sociedade que você entrar numa boate, num barzinho ou num local assim, você vê cocaína, droga rolando (...). Devia proibir o tráfico de drogas. Eu acho que seria uma coisa boa, mas você não vê nada falando sobre isso. Tá matando a plantaçoão ali, mas acabou? Não acabou. Eu estou revoltada com o país, do jeito que governam o país. Eu tenho perspectivas como jovem (...). A gente

fala muito do QI, então se você tiver um QI dentro da sociedade você cresce (...) é muito difícil você se sobressair hoje em dia sozinho (...) O meu medo de morrer é mais um medo da sociedade. A sociedade não te dá segurança, nem para você sair de carro. Morro de medo de ser assaltada (...). Esse é meu medo de violência, porque violência traz morte.

Paula gostaria que os jovens participassem mais da política do país, porque, segundo ela, são eles que podem trazer mudanças sociais para o futuro. No entanto, lamenta que as autoridades não dêem a devida importância às opiniões juvenis, que normalmente passam despercebidas. Para ela, a falta de atenção da sociedade e das autoridades descaracteriza o jovem como sujeito *pensante* e o impede de mobilizar-se. Paula ressalta:

Eu acho que tem, todo mundo devia, mas o jovem está participando muito pouco da vida política. Porque eles não escutam a gente, sabe, não dão ouvidos ao que a gente pensa, ao que a gente pode fazer. Porque quem está por fora é que pode ver o que está acontecendo. Então a gente que está por fora vê muita coisa, que poderia no futuro estar resolvendo. Então eles não deixam a gente revolucionar, porque com a revolução apaga, entendeu? Então a gente não tem coragem, como é que se fala...de se mobilizar (...). Quando é ouvido, todo mundo apaga. Apaga assim, não para matar, mas ninguém dá moral: “jovem não pensa”.

Paula alega ser uma jovem que pode *ter tudo o que quer*, e que não sofre de privações em sua vida. Tem um namorado do qual gosta, e para o futuro idealiza ser aprovada em um concurso público, casar-se e ter filhos. Gosta de Goiânia, mas afirma que a cidade não tem muitas opções de lazer, embora freqüente vários lugares na cidade e no condomínio no qual mora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens tem adquirido visibilidade na sociedade contemporânea, o que se expressa na ampliação dos interesses acadêmicos e sociais em investigar os modos de ser jovem presentes em diferentes cenários sócio-culturais.

É importante assinalar que a categoria juventude é histórica e socialmente determinada, variando em conteúdo, duração e significação conforme o período em que é colocada em foco.

A categoria juventude aparece como etapa de vida singularmente demarcada pela modernidade, representando um segmento social – jovens, estudantes burgueses. Conforme Abramo (2005), a expressão juventude aparece como um tempo de vida em que sujeitos em processo de formação fazem suspensão da entrada no mercado de trabalho e se dedicam aos estudos. Para eles, a entrada no mundo adulto fica adiada, o que corresponde às possibilidades de produção (sustentar-se materialmente e sustentar dependentes), reprodução (procriar filhos) e participação (nos deveres e direitos sociais).

Os estudos recentes sobre a temática, como foi apontado ao longo deste trabalho, têm procurado superar essa concepção e corretamente falam em juventude no plural e chamam a atenção para que se busque investigar a diversidade de modos de ser jovem.

Uma das contribuições desses estudos para as investigações consiste em esclarecer as diferenças entre *condição* e *situação* juvenil. A primeira é o modo como cada sociedade atribui significado a esse momento de vida, e a segunda, como tal condição é vivida com base nos diversos recortes que destacuem diferenças sociais como classe, gênero, etnia, etc. (Abramo, 2005).

A esteira desses estudos o presente trabalho teve como preocupação investigar a relação entre o modo de *ser jovem* mulher e a cultura corporal moderna.

Norteou este estudo a indagação de como as jovens mulheres atribuem sentido à condição juvenil vivida e de que forma utilizam o corpo como mecanismo de distinção social, em uma sociedade permeada por um processo de juvenilização da cultura.

Cotidianamente, os indivíduos discutem assuntos que antes eram apenas de competência médica, como taxas de colesterol, alimentação correta, posturas adequadas, alimentos transgênicos que fazem mal à saúde. O corpo que era antes motivo de luxúria e prazer, envergonhamento da alma, liberta-se de Deus e se torna propriedade do indivíduo, o qual passa a ser responsável por ele, transformando-o como se fosse uma obra de arte (Carrano, 2003). Na contemporaneidade, o tema *corpo* é tratado, freqüentemente, vinculado ao tema da juventude, de forma que as técnicas que a medicina utiliza para a transformação do corpo, são orientadas para mantê-lo com uma aparência jovem e saudável – o ideário da perfeição *exterior* toma conta da sociedade moderna. A valorização social do corpo jovem, saudável e bonito, nas sociedades contemporâneas, implica a discriminação por grande parte da população das pessoas obesas, e também de outras características que não estão em sintonia com o padrão de beleza hegemônico, como rugas, celulites, flacidez, alimentando o vasto mercado da saúde. Surge a chamada *geração saúde*, apoiada na versão de sujeito jovem, forte, dinâmico, saudável e esteticamente belo (Goldenberg, 2002). A juventude passa a ser um sintoma de cultura, e todos, independentemente de faixa etária, buscam-na incessantemente. Esse ideário em direção a um estilo de vida, com características próprias de um modo jovem de viver, que recorre à incorporação de signos que caracterizam o juvenil, como a aparência, o modo de ser, de vestir-se, é chamado por Abad (2003) de juvenilização da cultura, com o corpo colocado no lugar mais visível socialmente, e que aparece na sua forma estética.

O enfoque deste trabalho, volta-se para a condição juvenil que é vivida não por uma juventude *de risco*, portadora de insígnias de necessidade e de contravenção. Ao contrário, toma-se a direção oposta, caminhando na esteira do pensamento de Bourdieu, em busca do estudo das classes médias ou pequena burguesia juvenil. Segundo a abordagem de Bourdieu sobre a noção de campo, a juventude, como qualquer outra categoria social, vive em um mundo relacional, estabelecendo ações dinâmicas e fazendo interlocução com diversos atores e espaços sociais (Canesin, *et al*, 2003). Um dos espaços privilegiados por este trabalho para investigar as atuações da juventude feminina foi o campo da academia, como *locus* de manutenção/perpetuação do corpo das jovens

entrevistadas. Entretanto, não foi desviada a atenção do *ethos* de vida das jovens em suas relações com outras instituições sociais, como família, escola, trabalho e religião.

O corpo jovem e belo na contemporaneidade torna-se um capital simbólico, instrumento que as classes médias e altas utilizam para diferenciarem-se de outros segmentos sociais, ou seja, quem possui um maior capital econômico para transformar o corpo, com exercícios, cirurgias plásticas e cuidados estéticos, ganha visibilidade no meio social, por ter a *competência* da conquista de um corpo *sarado*, mesmo que esta *competência*, esteja vinculada ao poder econômico (Goldenberg, 2003). A juventude ganhou visibilidade por intermédio de segmentos burgueses na década de 1960, sujeitos que se mobilizavam contra a ditadura. O jovem burguês da atualidade ganha visibilidade no cenário nacional por causa da juvenilização da cultura – ele vira modelo cultural e passa a orientar outros segmentos sociais. O valor que o corpo tem, para essas camadas, está ligado à reprodução da condição de classe, relacionada a uma forma de manutenção da condição social mediante da aparência física externada pela juventude.

Em geral, as jovens mulheres entrevistadas nas academias de ginástica, no presente estudo, revelaram ter o *habitus* de realizar atividades físicas diariamente, pelo menos durante uma hora e meia por dia. Em decorrência de uma orientação prévia advinda dos pais, significando que reproduzem aquilo que é estimulado em sua família. Normalmente, a filha repete, aquilo que os pais já faziam, a exemplo de atividades esportivas e gímnicas. Esse fato remete à existência de um *habitus* primário, inculcado pela família. Dois casos revelam, porém que os pais não gostavam de atividades físicas – os das jovens Andréa e Aline. As outras quatro jovens entrevistadas demonstram que seguiam padrões pré-estabelecidos pela família.

Todas as jovens entrevistadas revelaram que, além da família, outro fator importante que influenciou seu interesse pelo corpo foi a mídia, sobretudo na forma de revistas de cunho não-científico, como Boa Forma, Corpo a Corpo, etc. Duas jovens estudantes de cursos universitários na área da saúde, entretanto, alegaram que o motivo que as levaram a ter uma preocupação com o corpo, além das revistas, foi a *orientação* proposta pelo curso, que remete a um ideário de

corpo magro. As revistas, como representação da mídia, e outras formas de inculcação utilizadas no estabelecimento da visão de mundo dessas jovens, que buscam a da beleza corporal excessiva, remete ao *habitus* secundário, o qual é inculcado por outras instituições, além da família, como escola, trabalho, etc. A própria orientação do professor no interior da academia pode funcionar como formação de um *habitus* secundário.

Cinco das entrevistadas, ao serem questionadas em relação à contribuição da atividade física na vida de uma pessoa, usam o discurso da saúde para justificar a busca das atividades físicas nas academias. É pertinente ressaltar que esses dois componentes da atividade física – estética e saúde – não estão separados em nenhum momento no discurso das pessoas que freqüentam academias de ginástica, incluindo a maioria das jovens entrevistadas. Do total de seis entrevistadas, apenas uma – Aline – afirma *diretamente* que vai à academia porque quer melhorar sua aparência estética. Todas as outras preferem esconder-se detrás do discurso da saúde para identificar suas motivações para a busca de atividades físicas. Entretanto, contradizem-se, ao responder a outras perguntas, em especial àquelas que se referem à saúde¹. Metade das entrevistadas respondem na mesma direção, assinalando que uma pessoa saudável, normalmente, tem disposição e uma boa aparência física, ou seja, não está gorda, flácida ou feia. Entretanto, a outra metade das entrevistadas tem uma visão diferenciada em relação à aparência. Lara, Andréa e Paula afirmam que a aparência de uma pessoa *muito sarada* muitas vezes não é sinônimo de saúde, por causa do uso de estratégias de crescimento muscular, como anabolizantes e outras substâncias prejudiciais à saúde, e, ainda, por causa da troca de uma boa alimentação por suplementos alimentares industrializados.

É interessante destacar que uma pessoa com uma boa *aparência física*, isto é, esteticamente falando, o exterior, aquilo que outras pessoas de imediato podem notar, revela uma beleza simétrica com o ideário hegemônico. Entretanto, nunca se revela, a saúde mental do indivíduo, e até que ponto ela apresenta *neuroses* em relação ao corpo, ou, que tipo de recursos lançou mão para ficar com uma boa aparência: se tomou remédios para emagrecer, ou hormônios esteróides anabolizantes para o crescimento de sua massa muscular. É

extremamente difícil identificar, se aquilo que se visualiza mediante uma aparência bonita está relacionado a um corpo saudável ou não. Muitos corpos externam, na *aparência*, vitalidade, beleza, identificados por músculos definidos e pouca gordura, entretanto, na *essência*, são corpos doentes mentalmente, pois são capazes de lançar mão de qualquer recurso científico e deletério para as estruturas orgânicas, com a finalidade de se tornar belo. Deve-se ressaltar que, tanto para ter um corpo bonito e *saudável* como bonito e *doente*, as pessoas lançam mão da prática de atividades físicas (Costa , 2004b).

A estética aparece na fala das entrevistadas quando a pergunta refere-se à razão da *valorização o corpo*. As respostas indicam uma direção ligada à aparência física corporal, e não a sintomas de problemas de saúde. Revelam também que não só a mídia, mediante a exposição de imagens corporais de mulheres *ideais* em suas formas, induz essas jovens a procurarem uma maneira de identificar-se ao modelo corporal vigente na atualidade; existe ainda a visualização da imagem de seus pares. Como os estudiosos apontam, a *imagem* na sociedade atual aparece como algo que fundamenta as relações pessoais, no sentido de aceitação pessoal ao grupo a que se pertence. O corpo da atualidade é um corpo para ser visto, um corpo *voyer*, um corpo que *é feito* para não interagir com o outro, o que significa que as relações emocionais são deixadas de lado, trocadas apenas pelas sensações visuais (Costa, 2004b).

É pertinente citar o exemplo da jovem Amanda, que vivencia uma situação de *competitividade* com a mãe em relação à beleza. Edmonds (2002), arrola, em seus estudos, exemplos da relação mãe e filha por meio dos quais procura compreender os sentidos que elas atribuem às práticas de exercícios, de fazer dieta, de submeter-se à cirurgias plásticas e outras intervenções de alterações do corpo. Mãe e filha disputam no espaço social a mesma disposição para competir na construção de uma imagem de um corpo jovem .

Essa tentativa de diminuição das diferenças entre mãe e filha relaciona-se ao fenômeno da juvenilização da cultura. As sociedades atuais estão marcadas pela multiplicação de novas formas de família, em que já está presente a crise do patriarcalismo e uma re colocação de limites entre pais e filhos em que os primeiros preferem a tolerância e a negociação, em vez de um sistema rígido de

¹ A pergunta realizada foi: Ter saúde para você está relacionado a quê?

normas impostas (Abad , 2003). A perda de *referência*, que antes era oferecida pela família tradicional, dá margem para que o jovem se sinta em uma situação de igualdade em relação aos seus componentes familiares, incluindo os pais. Surge, na família moderna, a tendência ao desaparecimento das desigualdades com uma intensa desvalorização da maturidade dos adultos e a atribuição de um valor exacerbado a tudo que se refere à forma de *ser jovem*.

As transformações na família, apresentam um recorte variado, em que o pai não é o agente centralizador, e sim a mãe, o avô ou tios, da mesma maneira que, aparentemente, deixa o jovem um pouco *mais solto*, atua ainda como referência importante para a juventude. Todas as entrevistadas revelam, com veemência, a importância da família para suas vidas, na forma de apoio, segurança, confiança, mesmo que isso aconteça de forma idealizada. A maioria visualiza a família como a base e a estrutura que serve de amparo para todas as outras vivências sociais, como estudo, academia, trabalho e progresso no futuro. Essas observações sinalizam que as jovens têm uma visão idealizada de família, na qual não há defeitos, nem atritos, apenas relações positivas no sentido da afetividade.

As seis jovens estudadas, vivem uma condição juvenil própria das classes médias, com um tempo a mais para estudar, adiando sua inserção no mercado de trabalho, que se realiza mais tardiamente, porém também com um maior percentual de qualificação para as exigências do mercado. Entretanto, mesmo possuindo todas as condições para viver essa fase da vida com uma diversidade de opções de lazer, e participando de diversas atividades que lhes permitem consumir os variados bens da indústria, manifestam-se inseguras quanto à inserção no mundo do trabalho. Este último revela-se campo instável, e evidencia-se pela perda da ilusão da obtenção de pleno emprego não apenas nas camadas baixas, mas também nesse segmento social. Quando as jovens foram questionadas sobre seus principais medos, o item mais citado foi o de graduar-se e não conseguir arranjar um emprego.

Algumas entrevistadas visualizam os pares ou segmentos de jovens conforme as imagens veiculadas pelos meios de comunicação e alguns violentólogos, como diria Carrano (2003), atribuindo apenas valores que a ideologia da mídia inculca diariamente: indivíduos irresponsáveis, envolvidos com

drogas e sem perspectivas de futuro. Essa percepção dos jovens, que vem sendo propagada há décadas, tende a vir em primeiro plano no discurso das jovens, entretanto, outras consideram que há vários modelos de jovens, e que também existem aqueles interessados que procuram lutar por um espaço na sociedade, como afirmam Marta e Paula. A última ainda critica os adultos que, segundo ela, não dão chance para a juventude manifestar-se, e quando os jovens se manifestam, suas falas são *ignoradas*, ou seja, não tem valor real no discurso político-social.

As seis entrevistadas têm opinião unânime em relação à atual falta de politização dos jovens. É interessante notar, que, apesar de todas elas fazerem a crítica ao que qualificam de falta politização dos jovens, em nenhum momento se incluem como parte desse agrupamento. Entretanto, demonstram também, em muitas falas, desinformação em relação aos tópicos relacionados à realidade social e política e indisposição em fazer leituras e discussões a esse respeito.

Ser jovem para as entrevistadas está associado sobretudo à aspectos físicos, emocionais, como ter ânimo, disposição, ser saudável para realizar atividades para as quais pessoas de faixas etárias diferenciadas não estariam aptas. Ser alegre, ter liberdade e a possibilidade de *curtir a vida o máximo possível* são assertivas constantes no discurso juvenil, já que podem aproveitar o ócio para atividades de lazer e de cultura, tempo muito valorizado para estar com amigos ou namorados. Adoram ir para a academia, passear no *shopping*, ir ao cinema, jantar em variados restaurantes, enfim, essa camada social tem poucas, ou quase nenhuma restrição, ao que se refere à produtos disponíveis no mundo das mercadorias.

Na pesquisa de campo desenvolvida, foram investigadas três jovens que freqüentavam academias de grande porte, e outras três, pertencentes à academias de médio porte. Em relação aos dois grupos de jovens entrevistadas, algumas diferenças e semelhanças puderam ser constatadas. As jovens das grandes academias, além dos exercícios realizados para melhorar a aparência corporal, utilizam-se de outras estratégias, como dieta, *personal trainer*, massagem, remédios para emagrecer e até cirurgia plástica. Já as jovens entrevistadas das academias de médio porte, não dispõem do uso desses saberes e nem *capital econômico* para sustentar tais meios para melhorar a

aparência física. É certo que os dois grupos já possuem o *habitus* de ir à academia, entretanto, o grupo que *malha* em grandes academias detém um poder econômico e cultural maior para usar técnicas de manutenção/perpetuação do corpo.

O ato de melhorar o corpo com intenção de deixá-lo com a aparência mais jovem, realiza-se para ambos os sexos e para várias faixas etárias, entretanto, observa-se um número maior de mulheres jovens freqüentando as academias. Esse fato realiza-se por inúmeros motivos, como foi analisado ao longo do presente trabalho. Pela ótica de gênero, constata-se que segmentos expressivos de mulheres na sociedade contemporânea tomam consciência da liberdade que têm sobre seu corpo, que antes era mantido sob o controle e o poder masculino. A percepção da possibilidade de *manipular* e *controlar* seu próprio corpo permite a certas mulheres transformá-lo à maneira de uma obra de arte. Entretanto, esse movimento em busca de distinção social, mediado pelo corpo, traz impasses e conflitos diversos. A imposição social de ser bela, perfeita em seus contornos, para que seja amada e respeitada, exige que a mulher esteja submetida aos ditames corporais da moda. Infelizmente, a *liberdade* do corpo da mulher em relação ao poder da sociedade patriarcal, foi conquistada às custas de uma submissão a um padrão de corpo *belo*, que a tiraniza, como destaca trecho de um texto de Rita Lee:

“ que poder é esse que a família e os homens têm sobre o corpo das mulheres? Ontem, para mutilar, amordçar, silenciar. Hoje, para manipular, moldar, escravizar os esteriótipos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. *In: FREITAS, Maria Virgínia; PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs). Políticas públicas juventude em pauta.* São Paulo: Cortez, 2003, p. 13-32.

ABRAMO, Helena. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional.* São Paulo: Instituto cidadania/Fundação Perseu Abramo, jan. 2005, p. 37-72.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de educação.* Anped, São Paulo, n. 5/6, p. 25-36, 1997.

ALAMBERT, Zuleika. *Mulher uma trajetória épica.* São Paulo: Imprensa Oficial do estado, Imesp, 1997.

ANZAI, Koiti. O corpo enquanto objeto de consumo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, s. l.: Artgraf, v. 21, n. 2/3, p.71-76, jan./maio, 2000.

AUAD, Daniela. *Feminismo: que história é essa?* Rio de Janeiro: DP& A, 2003.
BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. *Procurando o lado escuro da lua: implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de Goiânia*, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

BOGDAN, Robert C. ; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria aos métodos.* Porto: Ed. Porto, 1994.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu*; Trad. de Lucy Magalhães. Petrópolis : Vozes, 2003.

BORIS, Georges Daniel J. B. Do mal-estar masculino na contemporaneidade. *Cadernos de Área. Estudos de gênero.* Goiânia: Ed. da UCG, 2000, p. 11-27, v. 9.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Trad. de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. O capital social – notas provisórias. Trad. Denice Barbara Catani e Afrânio Mendes Catani. *In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.). Escritos de educação.* Petrópolis: Vozes, 1998 b.

_____; Passeron, Jean Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.* Trad. de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANESIN, Maria Tereza Guimarães: Juventude, educação e campo simbólico. *Revista Brasileira de Estudos de População*. São Paulo, v. 19. n. 2, p. 295-298, jul/dez. 2002

_____. *Contribuições conceituais sobre juventude, família e escola*. Revista Educativa. Goiânia, v. 5, n. 1, p. 57-78, jan./jun. 2002.

_____. *Introdução à teoria e ao método em ciências sociais e educação*. Goiânia: Ed. da UCG, 2001.

_____. A fertilidade da produção sociológica de Bourdieu para as ciências sociais e educação. *In*: ROSA, D. E. G.; SOUZA, V. C. (orgs.). *Didática e prática de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 85-101.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento – Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense*. Niterói, n. 1, p. 10-27, maio, 2000.

_____. A sociedade em redes. Juventude, cultura e cidadania. *In*: NOVAES, Regina Reyes; PORTO, Maria; HENRIQUES, Ricardo (orgs.). *Comunicações do ISER*. Rio de Janeiro, Ano 21, p.91-105, 2002 – Edição Especial.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. de Clauss Brandine Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CRESPO, Jorge . *A história do corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

COSTA, Jurandir F. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. *In*: NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo (orgs.). *Juventude e sociedade – trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, p.75-88.

_____. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

DACOSTA, et. al. Estudo histórico dos objetivos das atividades gímnicas em academia do Rio de Janeiro. *In*: RODRIGUES, Maria A A et al. (orgs.). *Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1996, p.282-290.

DUTRA, José Luiz. “Onde você comprou esta roupa tem para homem?”. A construção de masculinidades nos mercados alternativos da moda. *In: GOLDENBERG, Mirian (org.). Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 360-411.

EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. *In: GOLDENBERG, Mirian (org.). Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 189-261.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. A medicalização do sexo ou o amor perfeito. *In: SILVA, Alcione Leite, LAGO, Maria Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). Falas de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p. 203-233.

FONSECA, Tânia Mara Gali. Utilizando Bourdieu para uma análise das formas (in)sustentáveis de ser homem e mulher. *In: STREY, Marlene Neves et al. (org.) Construções e perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Unisinos, p. 19-32, 2001.

FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. *In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi (org.). Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.69-79.

FORQUIM, Jean-Claude. *Escola e cultura*. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artmed, 1993.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: LTC, 1989.

GERHEIM, J. M. *O esquema corporal no exercício localizado em ginástica de academia* (1996). Dissertação (Mestrado) – Universidade Castelo Branco (UCB), Rio de Janeiro.

GOLDENBERG, Mirian. A civilização das formas: o corpo como valor. *In: GOLDENBERG, Mirian (org.). Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19-40.

GONTIJO, Fabiano. Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas. *In: GOLDENBERG, Mirian (org.). Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.41-77.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma de cultura. Juventude Educação e Sociedade – *Movimento: Revista da faculdade de Educação da UFFF*, Niterói, n. 1, p. 89-114, maio, 2004.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo: A vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez, 2002.

LOVISOLO, Hugo. *Estética, esporte e educação física*. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

MADEIRA, Felícia Reicher ; RODRIGUES, Eliana Monteiro. Recado dos jovens: mais qualificação. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, (CNPD). Brasília, v. 2, s/n, p. 427-495, maio, 1998.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (h)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 79-137.

MARCELINO, Nelson C. *Pedagogia da animação*. Campinas: Papyrus, 1990.

MARTINS, H. H. T. Souza. A juventude no contexto da reestruturação produtiva. In: ABRAMO, H. V. et al (orgs.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, ANPEd, São Paulo, n. 5/6, p. 3-14, maio/dez, 1997 – Número especial.

NOGUEIRA, Maria Alice. Convertidos e oblatos – um exame da relação das classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. In: *Educação, Sociedade e Culturas*, São Paulo, nº 7, p.109-129, 1997.

NOVAES, Regina. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, Maria Virgínia de Freitas; PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.). *Políticas públicas juventude em pauta*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 121-141.

NOVAES, Jefferson da S. *A ginástica de academia brasileira analisada segundo os postulados de estética de Schiller, Vieira de Melo e Mafesoli*, 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Gama Filho (UGF), Rio de Janeiro.

_____; VIANNA, Jefferson. *Personal training e condicionamento físico em academia*. Rio de Janeiro: Shape, 1998.

PAIVA, Divina. A semiótica do corpo e o processo de ler e escrever a vida... *Cadernos de Área - Estudos de gênero*. Goiânia: Ed. da UCG, 2003, p. 77-98.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, ANPEd, São Paulo, n. 5/6, p. 15-24, maio/dez, 1997 – Edição Especial.

PERALVA, A. SPOSITO, M. (orgs.). Juventude e contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5, 6, p. 37-52, maio/dez, 1997 – Edição Especial.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

SABINO, César. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 139-188.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 3-23.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho D'água, 2001.

SILVA, Ana Márcia. A natureza da *physis* humana: indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 25-41.

_____. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. In: SOARES, Carmem Lúcia (org.). *Corpo e educação*. *Caderno Cedes*, São Paulo, ano 19, n. 48, p. 5-6, Ago., 1999.

SOARES, Carmem Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmem Lúcia (org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores associados, 2001, p. 109-128.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. *Revista Brasileira de Educação*. Anped, São Paulo, n. 5,6, p. 37-52, maio/dez, 1997 – Edição Especial.

UNIVERSIDADE Estadual de Campinas (Unicamp). Assessoria de Comunicação e Imprensa. Disponível em: < http://www.unicamp.br/canal_aberto/clipping/abril2004/clipping040428_correiopop.html. >

VASCONCELOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. *Educação & Sociedade*, São Paulo, ano 23, n. 78, p. 77-78, abr. 2002.

WARDE, Mirian Jorge. A produção discente dos programas de pós-graduação em Educação no Brasil (1982-1991): Avaliação & perspectivas. In: ANPED/CNPq. *Avaliação e perspectiva na área da educação*, 1993.

WERNECK, Vera Rudge. *Educação e sensibilidade: um estudo sobre a teoria dos valores*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.